

IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 458 - Ano XIV - 10/11/2014

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (online)



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



JESUÍTAS

Companhia de Jesus.

Da Supressão à Restauração

A imagem da capa mostra um detalhe, localizado acima da principal entrada da Igreja de Jesus - La Chiesa del Gesù, Igreja matriz da Companhia de Jesus, em Roma, Itália. Lá está o túmulo do fundador da Ordem, Santo Inácio de Loyola. Foto: Lawrence O'Flaherty - Creative Commons



Pedro Miguel

Lamet:

“A Companhia de Jesus morreu de êxito”

Marcia Amantino:

Sacerdotes e administradores.
As bases econômicas do
projeto missionário jesuíta

Leandro Karnal:

“Os jesuítas foram os
primeiros do clero católico a
entender a modernidade”

E MAIS

Faustino Teixeira:

A presença de um
mestre: Daisetz T. Suzuki

José Eduardo Franco:

O imaginário antijesuíta
em Portugal

Susana Saulquin:

Moda, consumo e
ética.

Companhia de Jesus. Da Supressão à Restauração

Era 1773. Do Canadá à Terra do Fogo, da Amazônia brasileira aos recantos da China, espalhavam-se cerca de 23 mil jesuítas, membros da Companhia de Jesus. Coordenando mais de 800 estabelecimentos de ensino, reconhecidos catequistas, educadores e administradores, os membros da ordem criada por Santo Inácio de Loyola viram tudo ruir a partir de um breve papal, que estabeleceu a supressão da Companhia, que perdurou durante 41 anos. Ao retornar, em 1814, são cerca de 600 os inicianos responsáveis por dar continuidade ao projeto missionário. Um processo lento e progressivo, que culmina – mas não se encerra – com a eleição de um papa jesuíta em 2013.

Para compreender os processos deste evento histórico, convidamos para o debate pesquisadores e pesquisadoras que participam do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração**, a ser realizado na Unisinos entre os dias 10 e 13 de novembro, por ocasião do bicentenário da reconstituição da Companhia de Jesus.

Luiz Fernando Rodrigues, professor no Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos e conselheiro do Instituto Anchietano de Pesquisas descreve o horizonte social, econômico, político e eclesial da supressão da Companhia de Jesus pelo papa Clemente XIV. **Pedro Miguel Lamet**, jesuíta e jornalista, licenciado em Filosofia, Teologia e Cinematografia, e autor de *El último jesuita* (Ed. La Esfera de los Libros, 2011), narra o contexto que culminou com a queda da Companhia de Jesus, a vida dos religiosos da ordem pós-supressão e, por fim, a restauração 40 anos mais tarde.

Leandro Karnal, historiador e professor da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, faz um retrato da modernidade, com suas peculiaridades e contradições, e defende que os jesuítas foram os primeiros membros do clero católico a entender os desafios que eram postos nos novos tempos. Por sua vez, **José Eduardo Franco**, historiador e professor do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, descreve a emergência de um imaginário antijesuítico na Europa que, através de campanhas de difamação e ódio, muito se assemelha à fobia social antijudaica.

Carlos Alberto Page, pesquisador independente do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas*, na Argentina, retrata os tensionamentos causados pelo enfrentamento dos jesuítas na América Espanhola, cuja relação com os Guarani levantava temores da Coroa e incômodo aos colonos. **Jacqueline Ahlert**, historiadora e professora da Universidade de Passo Fundo – UPF, resgata as características e peculiaridades da cultura e da arte jesuíta na América, que pelo seu hibridismo não pode ser reduzida a um “barroco missionário”.

Artur Henrique Franco Barcelos, professor de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, trata das reconfigurações territoriais promovidas pela presença jesuítica, que tal qual conquistadores europeus, conquistaram terras e almas para a Coroa. **Karl Heinz Arenz**, teólogo e professor na Universidade Federal do Pará, explora o contexto histórico que perpassou a missão jesuíta no Maranhão – e a influência do Marquês de Pombal na sua derrocada.

Marcia Sueli Amantino, professora do Programa de Pós-Graduação da Univer-

sidade Salgado de Oliveira – Universo, ajuda a compreender o processo de formação da estrutura econômica dos jesuítas diante do projeto missionário da Companhia de Jesus na América portuguesa. **Eunícia Fernandes**, professora na PUC-Rio e doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF, aborda as complexidades da relação entre jesuítas, indígenas e africanos que foram ressignificadas pela historiografia contemporânea.

Complementa o tema de capa entrevista com **Eliane Fleck**, historiadora e professora da Unisinos, que apresenta um panorama da contribuição jesuítica para as ciências naturais e as práticas de cura na historiografia ocidental, e o discurso do **Papa Francisco**, proferido em 27 de setembro deste ano, na liturgia celebrando os 200 anos da restauração, realizada na *Igreja del Gesù*, em Roma. Ele faz uma leitura teológico-espiritual da supressão da Companhia de Jesus.

Apresentamos ainda entrevista com **Susana Saulquin**, socióloga e pesquisadora de moda da Universidade de Buenos Aires – UBA, fala sobre a importância do consumo consciente. Finaliza esta edição um artigo de **Faustino Teixeira**, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, sobre a influência do místico Daisetz T. Suzuki.

Informamos também que entre 19 a 21 de maio de 2015, ocorrerá na Unisinos o **II Colóquio Internacional IHU. O Concílio Vaticano II: 50 depois**.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Instituto Humanitas
Unisinos

UNISINOS

Endereço: Av.
Unisinos, 950,
São Leopoldo/RS.
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128.
E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto
Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista
semanal do Instituto
Humanitas Unisinos – IHU
ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser
acessada às segundas-feiras,
no site www.ihu.unisinos.br.

Sua versão impressa circula às
terças-feiras, a partir das 8h,
na Unisinos.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio
Neutzling (inacio@unisinos.br).
Redação: Inácio Neutzling,
Andriolli Costa MTB 896/MS
(andriollicb@unisinos.br),
Márcia Junges MTB 9447
(mjunges@unisinos.br),
Patrícia Fachin MTB 13.062
(prfachin@unisinos.br) e
Ricardo Machado MTB 15.598
(ricardom@unisinos.br).

Revisão: Carla Bigliardi

Projeto gráfico: Agência

Experimental de Comunicação
da Unisinos – Agexcom.

Editoração: Rafael Tarcísio
Forneck

Atualização diária do site:

Inácio Neutzling, César Sanson,
Patrícia Fachin, Fernando
Dupont, Suélen Farias, Nahiene
Machado e Larissa Tassinari

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Luiz Fernando M. Rodrigues** – Da supressão à “Restauração” (1773-1814): A Companhia de Jesus, entre continuidade e descontinuidade
- 12 **Pedro Miguel Lamet** – “A Companhia de Jesus morreu de êxito”
- 18 **Papa Francisco** – “A noite e o poder das trevas estão sempre próximos. Causa fadiga remar”
- 21 **Leandro Karnal** – “Os jesuítas foram os primeiros do clero católico a entender a modernidade”
- 24 **José Eduardo Franco** – O imaginário antijesuíta em Portugal — Origens, Evolução e Metamorfose
- 28 **Marcia Sueli Amantino** – Sacerdotes, administradores e empreendedores. As bases econômicas do projeto missionário jesuíta
- 33 **Carlos Alberto Page** – Liberdade e enfrentamento. Jesuítas no Paraguai, das Reduções ao exílio
- 40 **Jacqueline Ahlert** – O Barroco que Habla Guarani. Cultura, arte e arquitetura jesuíta nas Américas
- 44 **Artur H. F. Barcelos** – O Compasso e a Cruz. Reconfigurações territoriais a partir da presença jesuíta nas Américas
- 49 **Karl Heinz Arenz** – Os jesuítas e as fronteiras do império. A Amazônia e a missão do Maranhão
- 54 **Eunícia B. Fernandes** – Jesuítas, indígenas e africanos. Uma relação ressignificada pela historiografia contemporânea
- 59 **Eliane Cristina D. Fleck** – A fé e a ciência nas fronteiras

DESTAQUES DA SEMANA

- 70 **Destaques On-Line**
- 74 **Faustino Teixeira** – A presença de um mestre: Daisetz T. Suzuki
- 78 **Susana Saulquin** – Moda, consumo e ética. A emergência de novos paradigmas no século XXI

IHU EM REVISTA

- 82 **Publicação em Destaque:** Ilustração e metaética em Dogville, de Lars Von Trier
- 83 **Retrovisor**



twitter.com/_ihu



<http://bit.ly/ihuon>



www.ihu.unisinos.br



youtube.com/ihucomunica

Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

Da supressão à “Restauração” (1773-1814): A Companhia de Jesus, entre continuidade e descontinuidade

POR LUIZ FERNANDO M. RODRIGUES

Criada em 1540, pelo espanhol Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus tem desde seu início uma trajetória de controvérsia e confronto. Baseada em princípios missionários e dialógicos, a Ordem se permitia ao sincretismo e a hibridização cultural, atraindo críticas do Vaticano. Mais do que isso, a influência política e social crescente dos jesuítas – notórios educadores e administradores de instituições de ensino – incomodava tanto as outras ordens quanto as monarquias absolutistas da época. O professor e historiador Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, apresenta um breve – porém detalhado – panorama do contexto histórico que levou a Companhia de Jesus de sua supressão à restauração.

Luiz Fernando Medeiros Rodrigues é graduado em Filosofia Eclesiástica pela Faculdade de Filosofia Cristo Rei, em História e Estudos Sociais pela Unisinos e em Teologia

pela Pontifícia *Università Gregoriana*, onde também concluiu seu mestrado na mesma área e o doutorado em História Eclesiástica. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. É um dos organizadores do livro *A experiência Missionária: Território, Cultura e Identidade* (São Leopoldo: Casa Leiria, 2012).

O professor coordena o seminário temático “*Um corpo sempre em exílio, sempre por voltar? Entre a continuidade e a descontinuidade*”: a ação missionária da Companhia de Jesus, sua supressão e o restabelecimento da Ordem, que acontece entre os dias 11 e 13 de novembro, das 9h às 12, na Sala 1F102 da Unisinos. O evento faz parte do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus da Supressão à Restauração**. Confira a programação completa em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Eis o artigo.

Um dos temas que mobiliza os historiadores que se debruçam sobre a história da Companhia de Jesus diz respeito à sobrevivência da Ordem, depois de 1773. Mais precisamente, sobre o estatuto dos jesuítas que ficaram na Rússia Branca, depois da proclamação do breve de supressão clementino. A discussão historiográfica se concentra sobre a continuidade entre a “antiga Companhia” e a “Companhia restaurada” por Pio VII, em 1814. Não “duas” diferentes Ordens, mas uma única Companhia que continuava a sobreviver, apesar da descon-

tinuidade dos fatos ocorridos entre 1773 e 1814. Na verdade, a questão de fundo é aquela que trata sobre a identidade da Companhia.

Em 1556, ano da morte de Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus formava um corpo de 1000 jesuítas, atuando em cerca de 150 obras, incluindo residências, noviciados, casas professoras e colégios. Os documentos fundacionais da Companhia fixaram o extremo cuidado que Inácio teve em indicar aos membros da Ordem que os limites geográficos e os eventuais obstáculos humanos, ao contrário de

barrarem o dinamismo apostólico de seus membros, deveriam ser motivo para que o jesuíta não abandonasse a sua missão. As barreiras encontradas deveriam predispor os jesuítas a superarem os novos desafios e a serem mais abertos a todas as direções. Apenas um século mais tarde, o número de membros da Ordem crescera para 15 mil e as obras para 550¹. Neste movimento de expansão missionária,

¹ **Nota do autor:** DELUMEAU, J. “Jésuites”. In: *Encyclopaedia Universalis*, vol. 9, Paris, Encyclopaedia Universalis, 1977, 424-426.

muitos membros da Companhia já tinham sofrido o martírio nas distantes missões do Japão, da Etiópia e do Canadá. Na longínqua China,² os jesuítas, valendo-se do princípio de “acomodação”, característico da Companhia, tinham estabelecido relações com importantes membros da corte imperial. No Paraguai,³ os inicianos tinham implantando um sistema reducional que seria considerado modelar para as missões na América do Sul. Em seus colégios, a Companhia educava a cerca de 150 mil alunos. E muitos jesuítas eram confessores dos monarcas católicos. Em, 1773, ano da supressão da Ordem, os jesuítas somavam cerca de 23 mil, distribuídos por 39 províncias, e suas obras chegavam a cerca de 1,6 mil, com 800 colégios nos quais mais de 15 mil professores ensinavam.

Quando o Papa Clemente XIV assinou e publicou o breve *Dominus ac Redemptor*, aos 21 de julho de 1773, abolindo a Companhia de Jesus, a Ordem fundada por Inácio de Loyola encontrava-se em crise desde décadas e a sua primazia cultural e espiritual vinha sendo contestada por vários setores da sociedade civil e eclesiástica. Apesar disto, a Companhia ainda representava uma das forças mais importantes no mundo católico, não apenas na Europa, mas também nas missões no Novo Mundo e no continente asiático.

Crises

Muito embora as crises tenham sempre várias e difusas raízes, a que abateu a Companhia pode ser compreendida com os movimentos que iniciaram nos anos de 1630, quando terminaram as tensões entre as missões da Companhia na China e na Índia, os dominicanos, e as Congre-

gações Romanas do Santo Ofício e de Propaganda da Fé. O contraste entre alguns setores da Cúria Romana e a Companhia concentrou-se, sobretudo na aplicação do “princípio de adaptação” dos jesuítas, segundo o qual, alguns missionários da Ordem adotaram práticas rituais tradicionais do confucionismo chinês ou do hinduísmo (na Índia) como estratégias culturais e políticas. A principal censura das Congregações romanas dizia respeito à laicidade e à ortodoxia de tais adaptações, interpretadas como sincretismo. Para os jesuítas, tratava-se apenas da aplicação daquela “acomodação” teorizada no *Cerimonial do Japão* pelo famoso missionário jesuíta Alessandro Valignano⁴ e aplicada por Matteo Ricci⁵ na China e Roberto de Nobili⁶ na Índia.

A crise, em parte fruto da falta de comunicação entre as partes, terminou com a definitiva condenação dos ritos chineses (1742) e malabares (1744) pelos Papas Clemente XI, em 1715, e Bento XIV, em 1742⁷. No en-

tanto, à condenada prática missionária dos jesuítas no Oriente, que reduziu drasticamente a atividade missionária dos jesuítas na China e arranhou sensivelmente a imagem da Companhia na Cúria Romana, deve-se acrescentar a reorganização das reduções do Paraguai, que tinham sido envolvidas nas disputas de conquistas territoriais entre Espanha e Portugal na América Colonial.

O Tratado de Limites de 1750, celebrado entre Espanha e Portugal, estabelecia a cessão de uma parte do território a leste do rio Uruguai ao império lusitano, onde se encontravam sete reduções da Província Paraguaia da Companhia de Jesus. A resistência dos índios, organizada pelos jesuítas, obrigou Portugal a uma campanha militar contra as falanges de índios resistentes, a fim de se apropriar do território das missões que passava, pelo tratado, a pertencer a Portugal. A consequência foi o deslocamento dos cerca de 29 mil índios das reduções jesuíticas deste território para as terras pertencentes ao império espanhol. Apesar da resistência, as forças indígenas sucumbiram frente a violência dos ataques portugueses.

Nem o Padre Geral da Companhia, Ignazio Visconti (1751-1755), nem o visitador Lope Luis Altamirano (1689-1767) perceberam que tanto a “guerra guaranítica”, quanto a “querela dos ritos chineses”, eram sinais manifestos da crescente afastamento entre as Cortes e a Companhia, primeira etapa de uma estratégia cujo objetivo final seria a aniquilação da Ordem.

A oposição dos missionários jesuítas da Província do Paraguai que atuavam nas Reduções foi associada, pelo governo português, poucos anos mais tarde, à resistência dos missionários da Vice-Província do Maranhão e Grão-Pará a perda do poder temporal das aldeias de índios no norte do Brasil, além da participação ativa dos jesuítas portugueses na campanha con-

2 Para saber mais, leia a IHU On-Line edição 347, de 18-10-2010, sobre Mateo Ricci, disponível em <http://bit.ly/1xqTXWe>. (Nota da IHU On-Line)

3 Para saber mais, leia a IHU On-Line edição 348 da IHU On-Line, de 25-10-2010, *A experiência missionária: território, cultura e identidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon348>. Veja também o livro *A experiência missionária: território, cultura e identidade* (São Leopoldo: Casa Leiria, 2012)

4 Alessandro Valignano (1539 - 1606): jesuíta italiano que ajudou na introdução do catolicismo, principalmente no Japão. Sobre as missões jesuítas na China e no Japão, confira a edição 347 da IHU On-Line de 18-10-2010, intitulada *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, disponível para download em <http://bit.ly/9oOler>. (Nota da IHU On-Line)

5 Matteo Ricci [Mateus Ricci] (1552-1610): Missionário que viveu já em sua época os princípios básicos do Vaticano II, especialmente a inculturação e o diálogo inter-religioso. Depois de estudar direito em Roma, entrou na Companhia de Jesus, em 1571. Durante sua formação, interessou-se também por várias matérias científicas, como matemática, cosmologia e astronomia. Em 1577, pediu para ser enviado às missões no Leste da Ásia e, em 24 de março de 1578, embarcava em Lisboa, chegando a Goa, capital das Índias Portuguesas, em 13 de setembro do mesmo ano. Alguns meses depois, foi destinado para Macao, a fim de preparar sua entrada na China. Confira a entrevista realizada pela IHU On-Line com Nicolas Standaert, intitulada *O “caminho chinês”. A contribuição da China para o mundo*, disponível em <http://bit.ly/ihu281008>. Confira a edição especial da IHU On-Line intitulada *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, publicada em 18-10-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon347>. (Nota da IHU On-Line)

6 Roberto de Nobili (1577-1656): missionário jesuíta, um dos pioneiros da Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

7 Nota do autor: CORDIER, Henri. “The

Church in China.” In: *The Catholic Encyclopedia*. Vol. 3. New York: Robert Appleton Company, 1908. 6 Nov. 2014 <<http://www.newadvent.org/cathen/03669a.htm>>. Acesso em 7 de novembro de 2014.

tra a criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, e à falta de cooperação dos missionários nas operações de demarcação do Tratado de Limites das fronteiras na região amazônica. Estes dentre outros motivos, conduziram, a partir do final de 1757, a uma situação de irreconciliáveis tensões entre o governo metropolitano português e a Companhia de Jesus.

Especialmente em Portugal, apesar de ter perdido o monopólio da educação da classe dirigente, até meado do século XVIII, os jesuítas ainda eram a Ordem religiosa mais numerosa no Orbe católico, muito embora gozassem de prestígio cada vez menor junto às cortes europeias, em relação aos séculos precedentes. O apoio às críticas, nem tanto veladas, de alguns dos mais influentes jesuítas portugueses aos sectores descontentes com a administração ilustrada pombalina agravou a posição da Assistência de Portugal da Companhia de Jesus perante o governo de D. José I.

Jesuítas em Portugal

Apesar de sofrer duros ataques da máquina publicitária pombalina, que difundia com eficácia uma política antijesuítica pelas Cortes europeias, a Ordem nunca deixou de formar figuras intelectuais de relevo. Contudo, se o apostolado intelectual da Companhia de qualquer forma se mantinha vivo na Europa, nas regiões de missão a situação era diferente: na China, os jesuítas continuavam a participar do *Tribunal das Matemáticas* em Pequim, mas na América Lusitana, gradativamente, eram menos consultados e afastados dos centros de poder na Colônia. Em parte, tal situação acompanhava a progressiva composição cada vez mais local das províncias e vice-províncias, reflexo da redução daquela vocação universalista da Companhia. Neste momento, a Companhia contava com 42 províncias e com cerca de 23 mil jesuítas.

A tentativa de regicídio do monarca português forneceu uma oportunidade à Coroa para eliminar todos os grupos oposicionistas, da alta nobreza ao clero. Associados ao complô contra o soberano, Portugal foi o primeiro estado a desferrar o ataque direto contra a Companhia. A Carta Régia de 3 de Setembro de 1759, que determinava a expulsão dos jesuítas do Reino de Portugal e respectivos Domínios Ultramarinos, foi a consequência final.

Embarcados para Portugal e reunidos nos cárceres de Almeida, os jesuítas da Assistência Lusitana foram selecionados: a maioria (cerca de 1.000) foi embarcada de Lisboa para o Estado Pontifício; os missionários estrangeiros e os jesuítas membros do governo da Assistência foram encarcerados à vida nos cárceres de S. Julião da Barra. Gabriel Malagrida⁸ (1689-1761), jesuíta italiano com fama de missionário apostólico, santo e taumaturgo, íntimo do monarca D. João V, foi acusado de ser um dos mentores do complô contra D. José I, julgado por alta traição. Foi condenado pelo Tribunal da Inquisição portuguesa por heresia, garroteado, esquartejado e queimado no auto-de-fé do dia 21 de setembro de 1761, no Rossio, a praça principal de Lisboa.

Jesuítas na França

No Estado Pontifício, os jesuítas se reuniram em diversas comunidades, sendo as mais importantes a romana, a de Castel Gandolfo, Tivoli, Frascati, Urbino, Pesaro, Bologna e Ferrara. Como consequência do escândalo produzido pela bancarrota do P. Antoine La Valette (ou Lavalette, 1708-1767) na Martinica (1761), a Província Francesa da Companhia de Jesus foi acusada de se dedicar ao comércio e não à “cura das almas”.

Jesuítas na França

Nomeado superior regional das Ilhas de Barlovento na Antilhas em maio de 1753, La Valette estabeleceu negócios com os colonos e financiadores europeus para financiar as atividades apostólicas da Companhia na região. A nave que transportava os seus

bens foi capturada pelos corsários ingleses em 1756, aumentando as suas dívidas. Devido a difícil comunicação causada pela Guerra dos Sete Anos (1756-1763), sem o conhecimento completo da situação por parte dos superiores, La Valette continuou em suas empresas comerciais para pagar as suas dívidas. Seus credores citaram o procurador das missões francesas da América Colonial em Paris diante do tribunal comercial, exigindo o pagamento do devido. A estes se juntaram imediatamente os credores de Marseille. O procurador buscou defender a Companhia, apelando ao Parlamento de Paris, porém, os credores animados pela política antijesuítica do ministro Étienne-François Choiseul conseguiram uma sentença que obrigava a Companhia a pagar uma soma de cerca de 5 milhões de libras (1761).

Diante do escândalo criado, os parlamentares do reino (numa estranha união entre as forças galicanas e as jansenistas) pediram o exame das *Constituições* da Companhia e exigiram que os jesuítas fossem obrigados a assinar um juramento e os artigos galicanos de 1682. Diante da evidente impossibilidade de renúncia da fidelidade ao governo central da Ordem e à dependência direta do papado, os jesuítas se opuseram às condições dos artigos, arriscando-se a serem expulsos do reino da França. De consequência, o monarca optou pela dissolução da Companhia na França, seguindo as medidas iniciadas pela administração pombalina⁹.

⁹ **Nota do autor:** Um caso de exceção foi a Missão jesuíta francesa da China. Em rivalidade com Portugal e os seus missionários, Luís XIV enviou cinco padres jesuítas matemáticos (“os matemáticos do rei”) ao Império Celeste por Luís XVI, para fomentar as relações e o comércio entre a França e o império chinês, em 1689. Esta missão foi conservada depois da supressão da Companhia em 1773, inclusive com o apoio do partido ilustrado, que tinha sido favorável à expulsão dos jesuítas franceses. Um grupo de jesuítas franceses permaneceu na China até 1785, quando foi substituído pelos padres lassalistas. SEBES, J. - WITEK, J. W. “China”. In: *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Tomo I, Madrid-Roma: IHSI-UPC, 2001, 776-787.

⁸ Para saber mais, leia a entrevista *Malagrida: um humanista radical*, publicada na edição 196 da IHU On-Line, de 18-09-2006, com <http://bit.ly/1xqWcJ9>. (Nota da IHU On-Line)

Jesuítas na Espanha

Em ordem cronológica, o terceiro Estado a expulsar os jesuítas foi a Espanha, em 1767. No âmbito das reformas borbônicas do Estado, o governo tomou uma série de medidas administrativas, políticas e econômicas com o objetivo de reformar o sistema colonial espanhol. Em particular, Nicolás de Azara, Pedro Pablo de Aranda e Pedro Rodríguez de Campomanes promoveram reformas políticas de caráter jurisdicionalista, segundo as quais, os jesuítas passavam a ser os representantes dos privilégios eclesiásticos, principal inimigo a ser combatido. Os atritos entre a coroa espanhola e os jesuítas foram, de certa forma, incrementados pelas várias Ordens regulares inimigas da Companhia, as quais tinham formado boa parte do clero e da classe dirigente do Estado.

Em março de 1766, ocorreu o Motim de Esquilache¹⁰ em Madri contra o Rei Carlos III, que atribuiu aos jesuítas a culpa por ter instigado o levante popular. Consequentemente, em 1768, cerca de 5 mil jesuítas foram expulsos de todo o Império Espanhol e embarcados para os Estados Pontifícios. Como forma de protesto pelas medidas adotadas por Carlos III, mas sobretudo preocupado com a

agravo econômico que a expatriação dos jesuítas representava às finanças pontifícias, Clemente XIII recusou-se inicialmente a receber os navios carregados de jesuítas, os quais tiveram que desembarcar na Ilha de Córsega.

Assim como os jesuítas expulsos de Portugal, os da Espanha, uma vez finalmente recebidos nos territórios pontifícios, foram imediatamente transferidos para Bologna, Ferrara, Imola, Rimini, Ravena e Faenza; além de Liguria e a própria Roma. Em poucos anos, os jesuítas expulsos (mais os da Assistência Hispânica que os da Assistência lusitana) conseguiram participar das redes intelectuais, educativas privadas e literárias da sociedade italiana, apesar dos obstáculos impostos pelas duas coroas e nem sempre contando com a anuência dos próprios jesuítas italianos, temerosos das consequências que estes contatos poderiam criar para a Companhia, amplamente acuada pelas críticas das Cortes europeias.

Sabe-se que a comunicação entre os jesuítas exilados nunca deixou de existir apesar das inúmeras dificuldades que os expulsos encontravam para sobreviverem¹¹. Através de uma regular comunicação epistolar, os diversos grupos de jesuítas residentes na Itália podiam conhecer as dificuldades uns dos outros.

Exílio

Se por um lado, o exílio provocou o abandono das bibliotecas das casas e colégios da Companhia, muitas das quais absorvidas pelas diversas instituições diocesanas e públicas dos reinos, por outro, as “bibliotecas particulares” nos cubículos dos padres e nas casas dos missionários tinham sido subtraídas e destruídas (muitos livros e documentos foram vendidos inclusive como papel de embrulhos nos mercados, como no caso da documentação jesuítica em Belém do

Pará). Estes fatos, porém, provocaram que os jesuítas exilados na Itália, entre mil dificuldades, buscassem as tipografias e os mercados de livros italianos, na tentativa de reconstruírem tanto as próprias bibliotecas individuais, quanto de se inserirem nas redes de bibliotecas privadas e institucionais, nas quais alguns já trabalhavam como funcionários e que, em certos casos, assumiriam posteriormente cargos diretos.

Junto com o emprego de bibliotecários, alguns conseguiram assumir encargos de preceptores privados e, até mesmo, de docência em escolas e universidades. A estas ocupações juntou-se a de escritores. Isto fez com que os exilados pudessem, em qualquer modo, integrarem-se parcialmente à vida intelectual das cidades e regiões onde residiam. Tais possibilidades se deram nos anos finais da década de setenta dos setecentos. Daí a extrema atenção e cuidado com que a máquina antijesuítica pombalina atuava desde a chegada dos exilados na Itália, junto à Cúria Roma, sobretudo através do ativíssimo Enviado Extraordinário diplomático lusitano.

A expulsão dos jesuítas da Assistência italiana e da Província Sarda se consumou em dois tempos. Primeiro, foi decretada a expulsão dos estados borbônicos: o Reino das Duas Sicílias, entre 20 e 30 de novembro de 1767; depois, de Benevento, território pontifício, em junho de 1768. Nos territórios pertencentes ao Duque de Parma, os jesuítas foram expulsos entre 7 e 8 de fevereiro de 1768. Finalmente, tocou a vez dos que estavam na Ilha de Malta, em 22 de abril do mesmo ano.

Num segundo tempo, ocorreu a supressão papal da Companhia de Jesus com a promulgação do breve *Dominus ac Redemptor*¹², executada pelos bispos nas suas dioceses, sob prévio *placet* das respectivas autori-

¹⁰ **Nota do autor:** A mobilização popular foi de tal magnitude que chegou a ser considerada uma séria ameaça à segurança do monarca. Todavia, apesar na sua espetacularidade e da sua extensão (outros focos de rebelião aconteceram quase que ao mesmo tempo em diversas partes do reino), a consequência política do motim foi apenas a troca de governo e o desterro do Marquês de Esquilache, principal ministro real. A massa amotinada atribuía ao marquês a carestia do pão, além da proibição do uso de algumas vestimentas tradicionais. A sua condição de italiano aumentava ainda mais a sua impopularidade. As conclusões da *Pesquisa Secreta* entre os diferentes grupos de poder nobiliários e eclesiásticos, bem como aos acusados de instigar o motim, feita pelas autoridades monárquicas, concluíram que, deste o mês de abril de 1766, os jesuítas, o Marquês de la Ensenada, o Duque de Alba e outros, tinham manipulado as massas contra a monarquia. GALLEGÓ, José Andrés. *El motin de Esquilache, América y Europa*. CSIC, 2003. <<http://joseandresgallego.com/MotinEsquilAmEur.htm>>. Acesso em: 7 de novembro de 2014.

¹¹ **Nota do autor:** Foi o caso do jesuíta Inácio Monteiro. Veja-se a tese de doutoramento de Miguel Maria dos Santos Corêa MONTEIRO. *Inácio Monteiro (1724-18112), um jesuíta na dispersão*. Lisboa: Centro de História da Univ. de Lisboa, 2004, 423-424.

¹² **Nota do autor:** *Clemens PP. XIV. ad perpetuam rei memoriam: Dominus ac Redemptor noster Jesus Christus [...]*. Datum Romae apud S. Mariam Majorem, 21 de julho de 1773. <<https://archive.org/details/clemenspaxivadpe00cath>>. Acesso em: 7 de novembro de 2014.

dades civis, afetando a inteira Província italiana da Companhia de Jesus, cerca de 3.736 jesuítas.

Supressão

O breve foi impresso na embaixada da Espanha, entre 24 e 28 de julho de 1773, mas foi publicado com a data de 21 de junho de 1773. O documento pontifício foi dividido em duas partes, articuladas num total de 45 parágrafos: a narrativa (ou das considerações) e a dispositiva. Na primeira, tem-se um histórico das Ordens religiosas suprimidas pelos papas, a começar pelos Templários. Nascida para a salvação das almas, a Companhia de Jesus era acusada de se ter convertido num centro de discórdias ao interno da Igreja. Os próprios monarcas católicos davam a entender que era impossível alcançar a paz e a concórdia entre os cristãos, enquanto existissem os “inquietos e turbulentos” jesuítas.

A parte dispositiva determinava a supressão da Companhia de Jesus e proibia, em virtude da obediência tanto ao clero secular e regular quanto aos próprios ex-jesuítas, escrever ou falar da supressão ou do *Instituto* da Companhia de Jesus. Seguiam as disposições práticas sobre como proceder com relação ao possível ingresso dos ex-jesuítas em outras Ordens religiosas, sobre o destino dos escolásticos e noviços da Companhia, sobre as residências, hábito, licenças para confessar e pregar, atividade missionária etc...

Na verdade, o documento de supressão não acusava diretamente os jesuítas de qualquer crime, mas atestava a necessidade de suprimir a Companhia por causa das várias polémicas teológicas em que a Ordem se tinha envolvido ao longo dos anos e da excessiva ingerência dos jesuítas nas questões políticas dos reinos.

Jesuítas na Rússia Branca

Para que o breve tivesse operabilidade, era necessário que o soberano de um reino desse o seu *placet* ao bispo diocesano do lugar para “dar leitura” do breve de supressão. Cata-

rina II, de religião ortodoxa, com um ambicioso projeto de “renascimento” ilustrado e absolutista para o seu império, considerado atrasado com respeito às demais monarquias europeias, desejava outorgar à minoria católica uma independência a mais ampla possível da Santa Sé. Esta política ganhou relevo quando, em 1772, uma parte do território da Polônia Oriental, com cerca de 800.000 católicos e 201 jesuítas, passou a fazer parte da Rússia Branca. No ano em que se decretou o breve de extinção da Companhia, esta região passava pelos desequilíbrios administrativos e eclesiásticos de uma mudança de soberania territorial. Os bispos residiam nas suas sedes diocesanas, fora da região investida pela mudança de soberania. Prevendo que perderiam a jurisdição sobre aquela parte de suas dioceses que passava à Rússia, instruíram aos jesuítas poloneses que aguardassem as disposições dos novos ordinários, na convicção de que eles logo executariam o breve de supressão da Companhia.

Dada a situação de transição e incerteza que se criara, o Provincial da Província de Varsóvia nomeou o Reitor do Colégio de Polock, Stanisław Czerniewicz (1728-1785), como Vice-Provincial dos jesuítas da Rússia Branca. Depois da notícia da supressão da Companhia na Europa Ocidental, alguns jesuítas decidiram continuar na Ordem, esperando que a dissolução da Ordem fosse temporária. A czarina da Rússia via nos jesuítas um meio eficaz de promover a tão almejada modernização da educação no império¹³.

Nos territórios anexados pela Rússia, em 1772, a Companhia continuava a ter quatro colégios de escola secundária (Polock, Orsza, Witebsk, Dyneburg), duas residências (Mohy-

lew, Mcisław) com escolas de ensino médio, três casas de missão e nove estações missionárias. Nos dez anos seguintes, até que a situação dos jesuítas na Rússia se estabilizou, os jesuítas buscaram, antes de tudo, manter as obras que até então dirigiam, sobretudo voltados para a educação e para o trabalho pastoral.

Neste meio tempo, Czerniewicz concentrou a sua ação sobre dois eixos principais: primeiro, infundir novas forças a uma corpo moribundo; e, segundo, com diplomacia, proteger a integridade e independência daquele resto de Companhia contra os ataques do Bispo de Mogilev e do Núncio em Varsóvia, este último, poderoso colaborador dos grupos antijesuítas em Roma. Apelando-se ao Governador-geral, sem aumentar a polêmica com o Bispo, Czerniewicz obteve a permissão, em 1779, para abrir um noviciado e, depois, para convocar uma Congregação Geral¹⁴.

A chegada na Rússia

A partir de 1780, os ministérios dos jesuítas tiveram um reforço com a chegada na Rússia de muitos ex-jesuítas e, logo em seguida, com novas vocações oriundas da Europa Ocidental (entre os candidatos de outros países que se incorporaram à Companhia depois de 1805 estava Jan Roothaan, futuro Geral [1829-1853]). Entre eles, começaram a chegar também vários sacerdotes de diferentes nacionalidades pertencentes à “Sociedade da Fé de Jesus” (os Pacanaristas)¹⁵.

14 Nota do autor: Esta, e outras que se realizaram neste período, não são contadas entre o número sequencial das Congregações Gerais oficiais da Companhia. Todavia, note-se, a Ordem não estava oficialmente supressa na Rússia Branca. E, por conseguinte, tais congregações (bem como os superiores eleitos) *stricto sensu* atestam *ipso facto* a sobrevivência e continuação da assim denominada “Antiga” e a “Nova Companhia”.

15 Nota do autor: COLPO, M. “Compañía de la Fe de Jesús: Pacanaristas”. In: *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Tomo I, Madrid-Roma: IHSI-UPC, 2001, 886-888. A “Compañía da Fé de Jesus” não tinha sido a nem a única, nem a primeira congregação a congregar ex-jesuítas. Na França, em 1791, Pierre-Joseph Picot de Clorivière (1735-1820), que fundara a “Compañía de Sacerdotes

13 Nota do autor: Quando em junho de 1780, o Imperador da Áustria, Joseph II, se encontrou com a Imperatriz da Rússia, Catarina, “a Grande”, na cidade de Mogilev, que tinha pertencido à Polônia, oito anos antes, um dos lugares que visitaram foi um colégio dirigido por jesuítas. Perguntando porque os jesuítas ainda fossem ativos, o bispo diocesano respondeu: “O povo necessita, a Imperatriz ordenou, e Roma não disse nada!”

Os congregados que se reuniram na Primeira Congregação de Polotsk, em outubro de 1782, deliberaram manter a vida religiosa e a estrutura tradicional da Companhia, visando a sua estabilidade. Neste sentido, investiram o P. Stanisław Czerniewicz com os poderes de Superior Geral, em conformidade com o Instituto da Companhia. Mas, como alimentassem as esperanças de uma volta à normalidade institucional da Ordem, acordaram que o mesmo usaria o título de “Vigário Geral Permanente”. E, a Ordem, constituída oficialmente como “Companhia de Jesus na Rússia Branca”, continuou a manter a estrutura de Província, governada por um Provincial, e um governo central, sob a supervisão de um Vigário Geral (e, a partir de 1801, de um Padre Geral).

De 1782 a 1820, a “Companhia de Jesus na Rússia Branca” desenvolveu a sua presença nos territórios governados por Catarina II e se voltou exclusivamente para o trabalho missionário na Rússia Branca, chegando, inclusive, além das fronteiras do Estado do Czar, após 1796. Em 12 de março de 1783, ao ser informado de que os jesuítas continuavam a trabalhar no Império Russo, o Papa Giovanni Angelo Braschi, Pio VI, repetiu três vezes: “Aprobo, Aprobo, Aprobo”.

Essa aprovação oral de Pio VI, feita em presença do Bispo Benislowski, Coadjutor de Mohilew, foi repassada pelo bispo ao Vigário-Geral da Companhia por meio de um certificado escrito. Nos inícios do pontificado de Pio VII, em 1800, muito embora o Papa já demonstrasse uma certa boa disposição para com a Companhia no Império Russo, os jesuítas ainda lutavam pela afirmação da sua identidade

do Coração de Jesus”, tinha recebido a aprovação de Pio VI em 1801. Dissolvida pelo governo francês, não sobreviveu. Ex-jesuítas se incorporaram à “Companhia de Sagrado Coração de Jesus”, fundada em 1794, na Bélgica. Outros, juntaram-se aos pacanaristas, aprovada em maio de 1797. Contudo, em 1799, Pio VI fundirá estas duas últimas fundações num só instituto, com o nome de “Companhia da Fé de Jesus”, que se espelhava no espírito da extinta Companhia de Jesus.

e da sua autonomia, em relação ao bispo local, que queria submetê-los à sua autoridade.

Neste momento, a Ordem já somava 214 jesuítas (94 sacerdotes, 74 escolásticos, 46 irmãos coadjutores), distribuídos entre seis colégios e outras tantas residências. Contando com a proteção dos Czares Pavel I (1796-1801) e Aleksandr I (1801-1825), os jesuítas desenvolveram as suas atividades acadêmicas e pastorais, fundando novos colégios e abrindo novas missões, ampliando o raio de ação da Igreja católica no domínio dos Czares.

Restauração

Em 7 de março de 1801, Pio VII aprovava e confirmava a Companhia no Império da Rússia por petição de Paulo I e do P. Kareu, com o breve *Catholicae Fidei*. Pelo breve, os jesuítas residentes na Rússia e os que desejassem se unir a eles formariam a Companhia de Jesus, segundo as regras do fundador, Inácio de Loyola, aprovadas por Paulo III. Pio VII os colocava sob sua imediata proteção e dependência, concedendo-lhes as necessárias faculdades eclesiásticas para que pudessem exercer seus ministérios pastorais. Por conseguinte, ficava revogado o breve *Dominus ac Redemptor* no que se referia aos jesuítas na Rússia.

Apenas três anos mais tarde, em 30 de julho de 1804, Pio VII estendia as mesmas concessões feitas à Companhia no Império da Rússia para o Reino das Duas Sicílias, com o breve *Per alias*. Sob o impacto das consequências da Revolução Francesa, Fernando IV de Nápoles (1751-1825), pediu ao Papa que os jesuítas voltassem à Nápoles.

A aprovação definitiva se deu em 7 de agosto de 1814 com a bula *Sollicitudo omnium ecclesiarum* de Pio VII¹⁶, a pedido de muitos monarcas e bispos europeus. As tentativas de limitação

da influência da Igreja e do papado na vida político-social das nações europeias e o progressivo relaxamento da disciplina nas congregações religiosas instavam a volta dos jesuítas.

Pela bula de 1814, o papa estendia a todos os territórios e estados as concessões feitas aos jesuítas do Império Russo, revogando inteiramente o breve de Clemente XIV, *Dominus ac Redemptor*. Além disto, Pio VII concedia ao Geral, P. Tadeusz Brzozowski (1749-1820) todas as faculdades necessárias. Quando se realizou a “restauração” oficial, os membros da Companhia somavam cerca de 600. Em 1820, a Companhia já tinha 503 sacerdotes, 482 escolásticos e 322 irmãos coadjutores.

Que circunstâncias ocorreram, em 1814, e que levaram o papado a abolir completamente o breve de supressão, acelerando o processo que se iniciara muito cautelosamente 13 anos antes? Em primeiro lugar, a divisão interna dos Bourbons em relação ao antijesuítismo. Já em 1793, Fernando de Parma tinha anulado em seu território o decreto de expulsão que ele próprio tinha sancionado, inclusive solicitando a Catarina II o envio de um grupo de jesuítas para o seu ducado. Depois, a mudança de postura de Pio VI: de uma cauta aprovação oral, a um desejo explícito de restabelecimento da Companhia (muito embora tivesse morrido antes de fazer qualquer declaração oficial). Além disto, a decisão de Pio VII de aplicar os privilégios do breve *Catholicae Fidei* ao Reino das Duas Sicílias. Por fim, a necessidade que o mesmo papa sentia de reconstruir uma Europa religiosa, depois da caída de Napoleão.

Uns anos depois, em 1815, o Czar russo, Aleksandr I, decretava a expulsão dos jesuítas de São Petersburgo. Fechava-se a parêntese da Companhia de Jesus na Rússia Branca, iniciava a consolidação e a expansão missionária da Companhia universal, entre continuidade e descontinuidade.

16 **Nota do autor:** Para a versão espanhola: <http://www.javeriana.edu.co/jhs/home/wp-content/uploads/2013/06/1814_AGOSTO_BULA_SOLLICITUDO_OMNIUM.pdf>. Acesso em: 8 de novembro de 2014.

Referências Bibliográficas

AA.VV. *Jesuítas. Anuario de la Compañía de Jesús* – 2014. Giuseppe Bellucci (ed.). Roma: Curia Generalicia de la Compañía de Jesús, 2014.

AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e Selvagens: a Negociação da Fé no encontro catequético-ritual dos séculos XVI-XVII*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.

BOXER, Charles. *O Império Marítimo Português, 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *The Christian Century in Japan*. Manchester: Carcanet Press Limited, 1993.

Clemens PP. XIV. *ad perpetuam rei memoriam: Dominus ac Redemptor noster Jesus Christus* [...]. Datum Romae apud S. Mariam Majorem, 21 de julho de 1773. <<https://archive.org/details/clemensppxi-vadpe00cath>>. Acesso em: 7 de novembro de 2014.

COLPO, M. “Compañía de la Fe de Jesús: Paccanaristas”. In: *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Tomo I, Madrid-Roma: IHSI-UPC, 2001, 886-888.

CORDIER, Henri. “The Church in China.” In: *The Catholic Encyclopedia*. Vol. 3. New York: Robert Appleton Company, 1908. 6 Nov. 2014. <<http://www.newadvent.org/cathen/03669a.htm>>. Acesso em 7 de novembro de 2014.

DELUMEAU, J. “Jésuites”. In: *Encyclopaedia Universalis*, vol. 9, Paris, Encyclopaedia Universalis, 1977, 424-426.

ELISONAS, Jurgis. “Christianity and the Daimyo”. In: HALL, John. *The Cambridge history of Japan*. Volume 4. New York: Cambridge University Press, 1991.

GALLEGO, José Andrés. *El motín de Esquilache, América y Europa*. CSIC, 2003. <<http://joseandresgallego.com/MotinEsquilAmEur.htm>>. Acesso em: 7 de novembro de 2014.

INGLOT, Marek. *La Compagnia di Gesù nell'Impero Russo (1772-1820) e la sua parte nella restaurazione generale della Compagnia*. Miscellanea historiae pontificiae, 63. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1997.

LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo VII. São Paulo: Loyola, 2004, 121-129.

O'MALLEY, John. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MONTEIRO, Miguel Maria dos Santos Corêa. *Inácio Monteiro (1724-18112), um jesuíta na dispersão*. Lisboa: Centro de História da Univ. de Lisboa, 2004.

O'NEILL, C. E. – VISCARDI, C. J. “Clemente XIV”. In: *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús*, Tomo III, Roma-Madrid, IHSI-UPC, 2001, 3000-3003.

PINEDO, I. “Supresión” (Ver: “Compañía de Jesús”). In: *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Tomo I, Madrid-Roma: IHSI-UPC, 2001, 878-884.

RUIZ JURADO, M. “Restauración” (Ver: “Compañía de Jesús”). In: *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Tomo I, Madrid-Roma: IHSI-UPC, 2001, 876-886.

SANSOM, George. *The Western World in Japan. A Study in the Interaction of European and Asiatic Cultures*. Tokyo: Charles E. Tuttle Company, 1977.

SEBES, J. – WITEK, J. W. “China”. In: *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Tomo I, Madrid-Roma: IHSI-UPC, 2001, 776-787.

Pius PP. VII. *ad perpetuam rei memoriam: Sollicitudo omnium ecclesiarum*. Datum Romae, apud S. Mariam maiorem, 7 de agosto de 1814. <http://www.javeriana.edu.co/jhs/home/wp-content/uploads/2013/06/1814_AGOSTO_BULA_SOLLICITUDO_OMNIUM.pdf>. Acesso em: 8 de novembro de 2014.

RABUSKE, A. E. “A supressão da Companhia de Jesus em 1773, um dos fatos mais singulares na história da Igreja”, *Perspectiva Teológica*, vol. 5, n.8 (1973): 199-217.

Leia Mais:

- *IHU Repórter* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues. Perfil publicado na edição 304 da **IHU On-Line**, de 17-08-2009, em <http://bit.ly./ihuon304>
- *A expulsão dos Jesuítas do Grão-Pará e Maranhão*. Entrevista com Luiz Fernando Medeiros Rodrigues publicada na edição 333 da **IHU On-Line**, de 14-06-2010, em <http://bit.ly/ihuon333>
- *Hábito Negro: as reduções no Canadá*. Entrevista especial com Luiz Fernando Medeiros Rodrigues no sítio do IHU, publicada em 18-10-2010, em <http://bit.ly/ihu181010>

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

“A Companhia de Jesus morreu de êxito”

Pedro Miguel Lamet analisa o contexto social e político que levou à supressão da Companhia, bem como o período de restauração da ordem

POR RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

De acordo com Pedro Miguel Lamet, professor, jornalista e escritor, a mistura entre o Iluminismo – movimento social que se apresentava como sendo contra o fanatismo religioso –, uma Europa repleta de monarquias absolutistas e o regalismo foi o contexto político que levou à supressão da Companhia de Jesus. “No meu romance *O último jesuíta*, um dos personagens afirma: ‘A Companhia de Jesus morreu de êxito’. Havia um abismo cultural entre o clero secular e os jesuítas. Seu poder desenvolveu-se, sobretudo, no âmbito da educação e da cultura. Na minha opinião, os jesuítas daquela época cometeram dois erros: aceitar ser confessores de reis pelo poder que representava este cargo, e, em segundo lugar, apoiar em seus colégios os bolsistas (becários) frente aos manteístas, que acabaram assumindo o poder”, explica, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Na opinião de Lamet, a expulsão dos jesuítas foi uma injustiça histórica e sem argumentos, um abuso dos direitos de seres humanos, comparável à expulsão dos judeus ou mouros. “Os jesuítas quase não opuseram resistência. Limitaram-se a obedecer e marchar ao desterro com uma muda de roupa e o breviário. O povo, sobretudo na América, sim, ofereceu alguma resistência. Foram famosas algumas videntes que asseguravam que regressariam. Talvez a forma mais sutil de resistência foi a intelectual, a de escrever diários e memórias da expulsão e suas viagens”, destaca.

Quarenta anos mais tarde, a queda da frente absolutista burbônica, a Revolução Francesa, a independência nos Estados Unidos e a luta pela independência na América Latina denotavam um tempo de profundas transformações. Dentre tantas mudanças, a Companhia de Jesus foi restaurada pelo Papa Pio VII. “Aquele aniquilamento total durante 40 anos deve ter sido muito duro. Eu sempre recordo as palavras de Inácio: ‘Se a Compa-

nhia se dissolvesse como sal em água, bastaria um quarto de hora de oração para reencontrar a paz’. Pois é uma instituição a serviço da Igreja, não um absoluto. Absoluto só é Deus”, ressalta Lamet.

Pedro Miguel Lamet é poeta, escritor e jornalista, ingressou na Companhia de Jesus em 1958. É licenciado em Filosofia, Teologia e Ciências da Informação, e formado em Cinematografia. Foi professor de Estética e Teoria do Cinema nas Universidades de Valladolid, Deusto e Caracas, sem nunca abandonar a crítica literária e cinematográfica. Trabalhou como redator da emissora internacional Rádio Vaticano e, em 1981, foi nomeado diretor da revista semanal *Vida Nueva*, da qual havia sido editor e editor-chefe desde 1975. Na década de 1980, trabalhou em diversos veículos da mídia espanhola, como a Rádio Nacional de España, Radio 1, El Globo, Tiempo e El País.

Como escritor, publicou poesia, ensaio, biografias, crítica literária e cinematográfica. Também publicou vários livros, entre eles destacamos: *El último jesuíta* (Ed. La Esfera de los Libros, 2011, 628 p.); *Arrupe, una explosión en la Iglesia* (Ed. Temas de Hoy, 2007, 10. ed.); *Hombre y Papa* (Biografia de João Paulo II) (Ed. Espasa Calpe, 2005); *Díez-Alegria: Un jesuíta sin papeles: la aventura de una conciencia* (Ed. Temas de Hoy, 2005, 2. ed.); e *El místico: Juan de la Cruz* (Ed. La esfera de los libros, 2009).

O professor apresenta a conferência *A supressão e a expulsão dos jesuítas no século XVIII: uma tragédia de novela*, na Unisinos, dia 10 de novembro às 20 horas. O evento faz parte da programação do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração**. A programação completa pode ser encontrada em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que maneira a Reforma Protestante¹ impactou no surgimento da Companhia de Jesus? Qual foi o papel dos jesuítas na Contrarreforma?

Pedro Miguel Lamet – Os três fatores-chaves da Contrarreforma foram: o estabelecimento da Inquisição, a fundação da Companhia de Jesus e o Concílio de Trento². Antes de Trento nasceu a Companhia de Jesus (1540), fundada por Inácio de Loyola (1491-1556)³. Inicialmente pensada para a atuação missionária em terra de pagãos, e depois dedicada à ação na Europa, partindo do mundo cultural e político, além das missões. Aos votos habituais (obediência, castidade e pobreza) acrescentaram um quarto, de obediência ao Papa, o qual se encontrou com outro suporte para a sua autoridade. Ela cresceu prodigiosamente com sua “pregação avançada”, sendo pioneira da inculturação no Oriente Distante e depois nas Índias. Mas sua dependência direta do Papa a converteria em perigo para os absolutismos do Iluminismo, que explica explicitamente o motivo principal da expulsão e supressão da Companhia de Jesus no século XVIII.

IHU On-Line – Qual foi o contexto social e político da Europa do século XVIII que levou à supressão da Companhia de Jesus?

1 Reforma Protestante: movimento reformista cristão liderado por Martinho Lutero, autor das 95 teses pregadas na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha, em 31 de outubro de 1517, propondo uma reforma na doutrina do catolicismo romano. Lutero foi apoiado por vários religiosos e governantes europeus. Em resposta, a Igreja Católica Romana implementou a Contra-Reforma ou Reforma Católica, iniciada no Concílio de Trento. Em decorrência destes fatos, ocorreu a divisão da chamada Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os protestantes. (Nota da IHU On-Line)

2 Concílio de Trento: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contra-Reforma. (Nota da IHU On-Line)

3 Inácio de Loyola (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da IHU On-Line)

Pedro Miguel Lamet – O caldo de cultivo foi o Iluminismo, que pregava a razão e o progresso como fontes exclusivas de felicidade. Um movimento cultural que se apresenta contra o fanatismo religioso e a ignorância, com figuras ímpares como Voltaire⁴ e Descartes⁵, ou o “homem bom” em seu estado natural de Rousseau⁶. Tudo isso se sintetizava nos saberes recolhidos na Enciclopédia. Politicamente, a Europa estava dominada por monarquias absolutistas, principalmente borbônicas. Nelas, a ideologia dominante era o regalismo, favorável à supremacia do Rei sobre o Papa.

IHU On-Line – De que maneira o Jansenismo⁷, proposto por Cornelius

4 Voltaire (1694-1778): pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o Dicionário Filosófico, escrito em 1764. (Nota da IHU On-Line)

5 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

6 Jean Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da IHU On-Line, de 22-04-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da IHU On-Line)

7 Jansenismo: movimento de caráter dogmático, moral e disciplinar, que assumiu também contornos políticos, que se desenvolveu principalmente na França e na Bélgica, nos séculos XVII e XVIII, em reação a certas doutrinas e práticas no seio da Igreja Católica. Tem esse nome por ter sua origem nas ideias do bispo de Ypres, Cornelius Jansen. (Nota da IHU On-Line)

Jansen, contrapunha a perspectiva teológica dos jesuítas?

Pedro Miguel Lamet – Cornelius Jansen⁸, bispo de Ypres (1585-1638), viveu as discussões teológicas de agostinianos e jesuítas que tinham como origem o tema da graça, da predestinação (agostinianos, dominicanos) e da liberdade. O foco difusor foi a antiga abadia cisterciense de Port-Royal, protegida por uma família nobiliária e influente, os Arnauld. Enquanto os jansenistas defendiam o **rigorismo**, os jesuítas eram partidários do **probabilismo**, que em resumo é uma doutrina de teologia e filosofia moral cristã baseada na ideia de que é justificado realizar uma ação, mesmo contra a opinião geral ou o consenso social, se houver uma possibilidade, embora remota, de que seus resultados posteriores sejam bons, optando assim pela liberdade. Aqui intervém o princípio da consciência pessoal: se uma opinião é provável, é permitido segui-la, inclusive quando a opinião contrária for a mais provável.

IHU On-Line – Os críticos à Companhia de Jesus, na época da supressão, afirmavam que a ordem havia se tornado mais política que religiosa? Por que havia essa percepção? Este foi o estopim que levou à supressão?

Pedro Miguel Lamet – No meu romance *O último jesuíta*, um dos personagens afirma: “A Companhia de Jesus morreu de êxito”. Havia um abismo cultural entre o clero secular e os jesuítas. Seu poder desenvolveu-se, sobretudo, no âmbito da educação e da cultura. Na minha opinião, os jesuítas daquela época cometeram dois erros: aceitar ser confessores de reis (o último deles, o Pe. Rávaro⁹, reconhece-o) pelo poder que represen-

8 Cornelius Otto Jansenius ou Cornelius Jansen (1585-1638): foi um filósofo e teólogo neerlandês. Fundou o jansenismo, doutrina que prega o rigor moral. Iniciou seus estudos em 1602, na Universidade de Louvain, da qual se tornou professor a partir de 1617, liderando a teologia agostiniana, contra os jesuítas. Em 1635, indicado pelo rei da Espanha, tornou-se bispo de Ypres, na região flamenga da Bélgica. Morreu 3 anos depois. (Nota da IHU On-Line)

9 Francisco Rabago y Noriega também conhecido por **Francisco Rávaro** (1685-1763): foi um proeminente clérigo espanhol. Tornou-se confessor real de Fernando VI em 1747, cargo que deteria até 1755, quando foi parado. (Nota da IHU On-Line)

tava este cargo, e, em segundo lugar, apoiar em seus colégios os bolsistas (becários) frente aos manteístas, que acabaram assumindo o poder. Contribuiu também o sucesso obtido na América com as Reduções,¹⁰ com a lenda de que os jesuítas preparavam um exército para invadir a Europa, com um rei-jesuíta e o regalismo.

IHU On-Line – Até que ponto a fidelidade dos jesuítas ao Papa, um “soberano estrangeiro”, pesou contra a própria existência da ordem em uma Europa do século XVIII caracterizada por monarquias absolutistas?

Pedro Miguel Lamet – Influenciou muito em países em que o galicismo e, em geral, o regalismo imperavam. Por exemplo, o *Exequatur*, na Espanha, impedia a publicação de documentos do Papa que não eram do agrado do rei.

IHU On-Line – Como encarar a postura intransigente de Lorenzo Ricci frente ao Vaticano no período que culminou com a supressão? Quais as mudanças que ele recusou quando proclamou a frase: “Sint ut sunt aut non sint”¹¹?

Pedro Miguel Lamet – O geral da Companhia Lorenzo Ricci¹² era um elegante e tímido genovês que havia sido professor de Literatura. Foi corajoso quando lhe propuseram criar uma espécie de Companhia francesa ou galicana. “Sejam o que são ou não sejam”, era salvar a identidade da ordem religiosa.

Mas depois não foi precisamente intransigente. Sofreu em silêncio os desmandos que se infringiram contra os seus e foi injustamente encarcerado

no castelo Santo Ângelo, onde morreu de frio, sem poder celebrar missa, depois de um interrogatório absurdo sobre o pretendido “ouro dos jesuítas”, que nunca foi encontrado, mesmo escavando seus pomares.

IHU On-Line – Como foi a saída da Companhia de Jesus na Península Ibérica e na França? Quem foram os principais opositores à ordem em cada um desses países?

Pedro Miguel Lamet – Esta pergunta é impossível de responder em duas linhas. Basta dizer que a expulsão dos jesuítas foi uma injustiça histórica e sem argumentos, um abuso dos direitos de seres humanos, comparável à expulsão dos judeus ou mouros. Na França, mais que expulsão foi uma supressão por parte dos diversos parlamentos, razão pela qual tiveram que fugir para outros países. A expulsão de Portugal foi a mais cruel, pois foram enviados para Roma sem recursos e devido à ambição de Pombal¹³ que tinha interesses econômicos através de seu cunhado na América. A expulsão da Espanha foi a mais calculada operação organizada por um rei católico, em uma mesma noite, que alegava “razões guardadas em seu real ânimo”.

Carlos III¹⁴ expulsou os jesuítas por medo. Estava convencido de que eram os autores do Motim de Esquilache¹⁵ e de que iriam matá-lo. Para tran-

quilizar sua consciência e controlá-los, deu-lhes um salário vitalício de 100 pesos, insuficiente para sobreviver. Para conhecer a tremenda peripécia, navegação e desterro em Córsega, leiam o meu livro. Não esquecer o calvário dos jesuítas alemães que trabalhavam nas reduções e consumiram-se nos cárceres da Espanha e de Portugal.

Personagens instigadores contra os jesuítas foram: Pombal em Portugal; Choiseul na França¹⁶; Campomanes¹⁷ e Floridablanca¹⁸ na Espanha; Tanucci¹⁹ em Nápoles, que é quem mais esquentava as orelhas do rei Carlos III. Em Roma, a fragilidade de Clemente XIV²⁰, eleito sob pressão das cortes borbônicas, que foi o homem decisivo que assinou a supressão.

IHU On-Line – Quais foram os principais nomes da resistência dos jesuítas? Como continuaram vivendo após a expulsão e supressão? O que fizeram?

Pedro Miguel Lamet – Os jesuítas quase não opuseram resistência. Limitaram-se a obedecer e marchar ao desterro com uma muda de roupa e o breviário. O povo, sobretudo na América, sim, ofereceu alguma resistência. Foram famosas algumas videntes que asseguravam que regressariam. Talvez a forma mais sutil de resistência foi a intelectual, a de escrever diários e memórias da expulsão e suas viagens. O mais importante de todos é o do Pe. Luengo²¹, um jesuíta espanhol que

13 Marquês de Pombal (1699-1782): Sebastião José de Carvalho e Melo, nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas da História Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

14 Carlos III da Espanha (1716 - 1788): Rei da Espanha e das Índias Espanholas entre 1759 e 1788. Como rei de Espanha, Carlos III tentou salvar o império da sua decadência através de reformas profundas, tais como o enfraquecimento da igreja e dos seus mosteiros, promovendo a ciência e a investigação universitária, facilitou as trocas comerciais e o comércio, modernizou a agricultura e evitou envolver-se em conflitos armados. (Nota da IHU On-Line)

15 Motim de Esquilache: nome dado à revolta que teve lugar em Madrid em Março 1766, no período do rei Carlos III. A mobilização popular foi enorme e chegou a ser ameaçada a segurança do próprio rei. No entanto, a consequência política mais óbvia do motim foi limitada a uma mudança de governo, que incluiu o banimento do Marquês de Squillace. (Nota da

IHU On-Line)

16 Étienne-François, conde de Stainville e duque de Choiseul (1719-1785): foi embaixador e depois secretário de Estado de Luis XV. (Nota da IHU On-Line)

17 Pedro Rodríguez de Campomanes (1723-1802): foi um político, jurista e economista espanhol. (Nota da IHU On-Line)

18 Conde de Floridablanca (1728-1808): José Moñino y Redondo, foi estrategista e ministro de Carlos III, da Espanha (Nota da IHU On-Line)

19 Bernardo Tanucci (1698-1783): foi um estadista italiano, que trouxe governo esclarecido para o Reino das Duas Sicílias por Charles III e seu filho Fernando IV. (Nota da IHU On-Line)

20 Papa Clemente XIV, o Rigoroso (1705-1774): Sacerdote franciscano nascido na Itália, foi Papa de 1769 até sua morte. Bem visto pelos governos contrários aos Jesuítas, ficou conhecido pela emissão do breve *Dominus ac Redemptor noster*, que extinguiu a Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

21 Manuel Nicolás Rodríguez Luengo (1735-1816): foi um escritor jesuíta es-

10 Para saber mais, leia a IHU On-Line edição 348 da IHU On-Line, de 25-10-2010, *A experiência missionária: território, cultura e identidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon348>. Veja também o livro *A experiência missionária: território, cultura e identidade* (São Leopoldo: Casa Leiria, 2012). (Nota da IHU On-Line)

11 O equivalente em português para a expressão latina “*Sint ut sunt aut non sint*” é “Sejam o que são ou não sejam”. (Nota da IHU On-Line)

12 Lorenzo Ricci (1703-1775): Jesuíta italiano eleito o 18º Superior Geral da Companhia de Jesus. Foi o último dos Gerais antes da supressão da Ordem, em 1773. Ricci foi mantido preso e isolado em uma torre no Castelo Sant’Angelo até sua morte. (Nota da IHU On-Line)

escreveu um diário de 35 mil páginas, 63 volumes, diariamente durante 49 anos, que se conserva na biblioteca de Loyola. Vão sendo publicados pouco a pouco. Mas há muitos outros. Foram importantes também os escritos do Pe. Isla²², considerado uma figura da literatura espanhola, por seu *Fray Gerundio de Campazas*, uma espécie de “Quixote dos pregadores” que ridicularizava os sermões vazios do tempo. Esta obra contribuiu também para a odiosidade de um setor dos frades de seu tempo.

A maioria dos jesuítas continuou vivendo como tais; eles se organizavam por províncias e casas com os mesmos nomes que em sua origem. Os escolares estudavam e todos viviam em circunstâncias penosas. Quando foram admitidos nos Estados Pontifícios sofreram um vazio, nem sequer pagavam as missas. Apenas cerca de 20% dos jesuítas deixaram a ordem. Após a supressão, muitos brilharam na cultura, na música, na história, nas letras, como estudou o Pe. Batllori²³. Da Espanha e da América foram expulsos 5,4 mil.

IHU On-Line – De que forma a Rússia de Catarina, berço do cristianismo ortodoxo, aceitou os jesuítas expulsos para trabalhar nas universidades de seu reino? Como explicar tal paradoxo?

Pedro Miguel Lamet – De fato, a Companhia não foi completamente extinta, pois um protestante, Federico da Prússia²⁴, e uma ortodoxa, Catarina da

Rússia²⁵, não obedeceram ao breve do Papa. Catarina II da Rússia, a Grande, apoiou e deu refúgio aos jesuítas na Bielorrússia e no resto de seu Império, pois necessitava dos jesuítas para o sistema educacional russo e para continuar a obra modernizadora iniciada pelo czar Pedro o Grande²⁶. Também, diz-se, porque pensava que poderiam ajudá-los na sua expansão para o Oriente.

IHU On-Line – Quais foram as consequências da expulsão dos jesuítas? É possível dimensionar o prejuízo histórico, artístico e cultural da perda dos materiais produzidos pela Companhia?

Pedro Miguel Lamet – Cerca de 12 mil sacerdotes ficaram reduzidos à inação. O mundo infiel perdia mais de 3 mil missionários e a sociedade cristã mais de 800 instituições de ensino. A ordem inaciana contava nessa época com 22 mil membros.

Na Espanha, significou o desmantelamento da educação, embora isso os tenha acordado e obrigado a criar colégios e universidades. Houve o espólio de obras de arte e de bibliotecas. Basta indicar que na Espanha desapareceram os matemáticos e foi preciso trazer professores desta matéria da Itália. Apagaram-se todas as pistas: o JHS de pedra das fachadas, as devoções ao Sagrado Coração ou à Virgem da Luz, o SJ dos livros de texto e seus edifícios entregues para seminários ou outras organizações eclesiais.

IHU On-Line – Quais foram os impactos da supressão da Companhia de Jesus na América Latina?

Pedro Miguel Lamet – Na América, plantações e ranchos abandonados, reduções em ruínas, retorno à escravidão de muitos indígenas. Os soldados apossam-se dos bens. Fome, taxa de mortalidade. Perda de liberdade e cultura. Mas, sobretudo, a falta de clérigos seculares para cobrir as igrejas vacantes. Os jesuítas foram substituídos por franciscanos, dominicanos e mercedários inexperientes. No total,

cerca de 478 mil pessoas foram atingidas. Significou tirar das suas casas e desapropriar 30 mil índios, em troca de menos de um peso por habitante como indenização, e deixando-os à mercê dos bandeirantes.

IHU On-Line – Qual foi o contexto político e religioso que levou Pio VII,²⁷ 41 anos após a supressão, a restaurar a Companhia de Jesus como ordem da Igreja Católica?

Pedro Miguel Lamet – Após 40 anos, os tempos haviam mudado: a queda da frente burbônica, a revolução francesa, a derrota de Napoleão, a independência dos Estados Unidos e a luta pela independência dos países da América Latina. Vários autores assinalaram que, em meio a centenas de escândalos que sacudiram as Ordens Mendicantes coloniais, a Companhia havia se mantido incólume em sua disciplina e bom governo. A expulsão de 1767 foi deplorada por amplos setores da sociedade. Uma aura de martírio rodeou os jesuítas peninsulares e crioulos que partiram para o desterro e terminaram seus dias nos Estados Pontifícios. Vinte e nove dos 30 deputados americanos nas Cortes de Cádiz solicitaram o seu retorno em 1812. Também contribuiu o reconhecimento do prestígio intelectual dos jesuítas supressos.

IHU On-Line – O que mudou na ordem a partir da restauração? Mudaram os votos religiosos dos jesuítas? Por que os membros da congregação voltaram mais comidos com relação a Roma?

Pedro Miguel Lamet – O Papa Pio VII, depois de libertar-se da prisão de Napoleão e retornar a Roma, decidiu restaurar a Companhia de Jesus para não privar a barca da Igreja destes hábeis remadores. No dia 07 de agosto de 1814 emitiu o Breve *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*, mediante o qual restituía novamente a Companhia de Jesus. Os jesuítas eram apenas cerca de 800, a maioria anciãos e adoentados. Os votos, as regras e as constituições, ficaram os mesmos.

É preciso reconhecer que a Companhia restaurada foi bastante conservadora, em parte para manter sua identidade inaciana, em parte pelo

panhol e historiador, autor de um famoso jornal em 64 volumes, mesmo sem precedentes em sua forma completa, que é fonte fundamental para estudar a expulsão dos jesuítas da Espanha em 1767 e suas consequências posteriores. (Nota da IHU On-Line)

22 José Francisco de Isla de la Torre y Rojo (1703-1781): foi um romancista e religioso jesuíta espanhol. (Nota da IHU On-Line)

23 Miquel Batllori i Munné (1909-2003): foi um sacerdote e historiador catalão. (Nota da IHU On-Line)

24 Frederico Guilherme III (1770-1840): rei da Prússia entre 1797 e 1840. Embora Frederico Guilherme e seus conselheiros tentassem manter a Prússia neutra durante as Guerras Napoleônicas, as provocações de Napoleão Bonaparte forçaram-no a declarar guerra à França em outubro de 1806. Na Batalha de Jena, os franceses derrotaram o exército prussiano de maneira decisiva, o que levou a família real a refugiar-se na Prússia Oriental, onde ficou à mercê do Imperador Alexandre I da Rússia. (Nota da IHU On-Line)

25 Catarina II ou Catarina da Rússia (1729-1796): foi uma imperatriz russa de origem alemã que reinou entre 1762 e 1796. Era prima de Gustavo III da Suécia e de Carlos XIII da Suécia. (Nota da IHU On-Line)

26 Pedro I ou Czar Pedro, o Grande (1672-1725): foi czar da Rússia e primeiro Imperador do Império Russo. (Nota da IHU On-Line)

27 Papa Pio VII (1740 - 1823): Monge beneditino, nascido Barnaba Chiaramonti, foi Papa da igreja católica de 1800 até sua morte. (Nota da IHU On-Line)

ambiente político antirrevolucionário do século XIX (Congresso de Viena²⁸...) e o momento eclesial da época dos Papas Pio. Apenas em meados do século XX, com o Pe. Geral João Batista Janssens²⁹ (1946-1964) e, sobretudo, com Pedro Arrupe³⁰ (1965-1983), abriu-se ao mundo moderno: à ciência (Teilhard de Chardin³¹), aos

estudos bíblicos críticos (Instituto Bíblico, Bea,³² Lyonnet),³³ aos Padres da Igreja (De Lubac,³⁴ Daniélou³⁵), à filosofia moderna (Rahner,³⁶

Loneragan,³⁷ Courtney Murray³⁸), ao mundo social (Alberto Hurtado,³⁹ Gundlach,⁴⁰ Llanos,⁴¹ Calvez⁴²), etc. Estes jesuítas influenciaram no Vaticano II⁴³

28 Congresso de Viena: conferência entre embaixadores das grandes potências europeias que teve lugar na capital austríaca, entre 1º de outubro de 1814 e 9 de junho de 1815, cuja intenção era a de redesenhar o mapa político do continente europeu após a derrota da França napoleônica na primavera anterior, iniciar a recolonização (como visto na Revolução Liberal do Porto, no caso do Brasil), restaurar os respectivos tronos às famílias reais derrotadas pelas tropas de Napoleão Bonaparte (como a restauração dos Bourbon) e firmar uma aliança entre os signatários. (Nota da IHU On-Line)

29 João Batista Janssens: belga, 27º. Superior Geral da Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

30 Pedro Arrupe (1907-1990): sacerdote católico espanhol, superior geral da Companhia de Jesus. Depois de estudar quatro anos medicina, a contra-gosto de muitos professores e colegas entrou no noviciado da Companhia de Jesus, em Loyola. Sempre teve grande desejo de ir para o Japão. Este desejo tornou-se realidade após dez anos de formação jesuítica, em que se destacam os tempos em que viveu nos Estados Unidos e nos quais que se dedicou à visita aos reclusos mais temidos, com os quais ganhou grande proximidade e afeto. No Japão logo aproximou-se das pessoas, e chegaram a pensar que Arrupe seria um espião americano. Por isso foi preso e depois liberado. Saindo de Yamaguchi, foi para o noviciado do Japão, em Hiroshima, como mestre de noviços. Aí se destacou pelo seu serviço incondicional quando da queda das bombas atômicas na Segunda Guerra Mundial. Criou um hospital improvisado nas instalações semi destruídas do noviciado e foi com os noviços à cidade resgatar os sobreviventes, entre outros atos heróicos. Em seguida foi eleito provincial do Japão e em 1963 Superior Geral da Companhia de Jesus, posto que ocupou até 1983. (Nota da IHU On-Line)

31 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo IHU em 2005. Sobre ele, leia a edição 140 da *IHU On-Line*, de 09-05-2005, *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, em <http://bit.ly/ihuon304>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, na edição 135, de 05-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon135> e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de

23-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon142>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon143>. Leia também a edição 45 edição do Caderno IHU Ideias *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica*, disponível em <http://bit.ly/1l6lWAC>; a edição 78 do Cadernos de Teologia Pública, *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã*, disponível em <http://bit.ly/1pvlEG2>; e a edição 22 do Cadernos de Teologia Pública, *Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs*, disponível em <http://bit.ly/1pvlJL>. (Nota da IHU On-Line)

32 Augustin Bea ou Cardeal Bea: nasceu em Riedböhringen, Alemanha, em 28 de maio de 1881. Ele entrou para a Companhia de Jesus em 1902, aos 21 anos de idade. Tinha uma formação como exegeta do Antigo Testamento. De 1924 até 1949, Bea ministrou cursos sobre a Bíblia na Universidade Gregoriana de Roma e no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, onde atuou como reitor de 1930 até 1949. Ele auxiliou o Papa Pio XII com a sua encíclica sobre a sagrada liturgia, *Mediator Dei*, a qual sugeriu novos rumos e uma participação mais ativa, em vez de um papel meramente passivo dos fiéis na liturgia. Essa encíclica antecipou muitas das reformas litúrgicas do Concílio Vaticano II. (Nota da IHU On-Line)

33 Stanislas Lyonnet: padre jesuíta e exegeta bíblico. (Nota da IHU On-Line)

34 Henri de Lubac (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da IHU On-Line)

35 Dom Jean Daniélou SJ (1905-1974): foi um padre jesuíta e cardeal francês que participou ativamente no Concílio Vaticano II. (Nota da IHU On-Line)

36 Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (*O Espírito no mundo*), 1939, *Hörer des Wortes* (*Ouvinte da Palavra*), 1941, *Schriften zur Theologie* (*Escritos de Teologia*). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento e a Unisinos dedicou à sua memória o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*. Veja *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, edição 446 da *IHU On-Line*, de 16-06-2014, nossa edição mais

recente sobre o assunto. Dez anos atrás, a edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória de seu centenário, em <http://bit.ly/maOB5H>. Neste meio tempo, a edição 297, de 15-06-2009, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, também retomou o tema e está disponível para download em <http://bit.ly/o2e8cX>. Além de diversos artigos sobre o pensamento do teólogo ao longo do tempo, destacamos também o *Cadernos Teologia Pública* n.º 5, *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, do Prof. Erico Hammes, disponível em <http://bit.ly/18XbPCU>. Em 2014 a IHU On-Line publicou a edição 446 intitulada *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/112CjFG>. (Nota da IHU On-Line)

37 Bernard Lonergan (1904-1984): teólogo jesuíta canadense, provavelmente o pensador mais significativo do século XX, pela amplitude dos domínios investigados, pelos resultados obtidos no campo da teologia, filosofia (teoria do conhecimento e metodologias de vários domínios do conhecimento) e da teoria geral da economia. Entrou para a Companhia de Jesus em 9 julho de 1922. Estudou filosofia escolástica no Colégio de Heythrop, na Inglaterra, e teologia na Universidade Gregoriana de Roma, onde obteve o doutoramento em 1940. Na mesma Universidade, lecionou Teologia Dogmática. A partir de 1965, por causa de uma grave operação cirúrgica, deixou de ensinar em Roma e permaneceu no Boston College, em Massachusetts, até 1983, publicando, além de outros escritos, o *Método na Teologia*, em 1972, e dando cursos curtos nos Estados Unidos e no Canadá. (Nota da IHU On-Line)

38 Courtney Murray: Teólogo norte-americano, jesuíta, que teve um papel fundamental na elaboração do importante documento do Vaticano II que é Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa. (Nota da IHU On-Line)

39 Luis Alberto Hurtado Cruchaga, S.J. (1901-1952): conhecido como Padre Hurtado, foi um sacerdote jesuíta chileno, fundador do Lar de Cristo. (Nota da IHU On-Line)

40 Gundlach: Professor da Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, foi importante formulador do pensamento social cristão expresso na assim chamada Doutrina Social da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

41 José María Llanos (1906-1992): jesuíta espanhol, viveu no bairro Pozo Tío Raimundo, em Madrid, amigo de próceres do Partido Comunista Espanhol. (Nota da IHU On-Line)

42 Jean-Yves Calvez (1927-2010): foi um teólogo e sacerdote jesuíta francês. É considerado um dos maiores pensadores jesuítas do século XX, especialista na Doutrina Social da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

43 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por

(1962-1965) e na renovação eclesial. A Companhia de Jesus em sua 32ª Congregação Geral (1974-1975) comprometeu-se com a promoção da fé e da justiça, e a 34ª Congregação Geral (1995) abriu-se ao diálogo intercultural e religioso. Numerosos mártires, cerca de uma centena, serão o preço destas opções: Ignacio Ellacuría⁴⁴ e companheiros, Luís Espinal⁴⁵, etc.

este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o ciclo de estudos *Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas*. Confira a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível em <http://bit.ly/mT6cyj>. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/o2e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, esta disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. (Nota da IHU On-Line)

44 **Ignácio Ellacuría**: filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. Sobre Ellacuría, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu, intitulada *Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros*, disponível em <http://migre.me/11DN8>. Na mesma data, nosso site publicou a notícia *Ignacio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989*, disponível em <http://migre.me/11D07>. No site do IHU visite a Sala Ignácio Ellacuría e Companheiros, onde podem ser lidas notícias, a história dos mártires jesuítas e o memorial criado pelo IHU em sua homenagem: <http://migre.me/11D0t>. (Nota da IHU On-Line)

45 **Luis Espinal Camps**: poeta, jornalista, cineasta e padre jesuíta. Nascido na

IHU On-Line – Quais as diferenças entre valorizar o espírito de Santo Inácio, fundador da Companhia de Jesus, e o Inácio de Loyola Superior Geral dos jesuítas? A qual os jesuítas pós-restauração mais celebravam?

Pedro Miguel Lamet – Eu não creio que haja muita diferença entre o Inácio dos Exercícios e o Inácio das Constituições, porque ambos dão a primazia ao Espírito. Creio que a chave da Companhia é unir virtude com letras, uma profunda espiritualidade, os ideais do cavaleiro andante e o senso prático do administrador. Afinal, os jesuítas restaurados tiveram que beber das fontes, sobretudo da experiência dos Exercícios. É o que faz Pedro Arrupe anos depois, relendo esse espírito no mundo atual, à luz do Concílio.

IHU On-Line – Como Jorge Bergoglio, o Papa Francisco, recupera Lorenzo Ricci em seu discurso durante a cerimônia de ação de graças em Roma, no dia 27 de setembro?

Pedro Miguel Lamet – O Papa destacou sua capacidade de não se deixar sujeitar pelas tentações e de propor aos jesuítas, no tempo da tribulação, uma visão das coisas que os arraigava ainda mais à espiritualidade da Companhia. “Em um tempo de confusão e perturbação fez discernimento. Não perdeu tempo em discutir ideais e queixando-se, mas se conscientizou da vocação da Companhia”.

Creio que Bergoglio é uma graça para a Igreja e a Companhia em tempos difíceis; é como o retorno da primavera, a tomada das ruas, a praça do povo, o diálogo com todos e a aproximação ao mundo de hoje. Fazem estremecer as palavras que dirige aos jesuítas nos 200 anos da restauração: “*É cansativo remar. Os jesuítas devem ser especialistas e valorosos remadores (Pio VII, Sollecitudo ominus Ecclesiarum): remem então, Remem, sejam fortes, inclusive com o vento contrário! Rememos a serviço da Igreja! Rememos juntos. Mas enquanto remamos – todos remamos, também o Papa rema na barca de Pedro –, devemos rezar muito: ‘Senhor,*

salva-nos’, ‘Senhor, salva o teu povo’. O Senhor, mesmo se formos homens de pouca fé e pecadores, nos salvará. Esperemos no Senhor! Esperemos sempre no Senhor!’” Em outra visita à Igreja do Gesù, o Papa acariciou duas vezes a fotografia do Pe. Arrupe em sua sepultura.⁴⁶

Aquele aniquilamento total durante 40 anos deve ter sido muito duro. Eu sempre recordo as palavras de Inácio: “Se a Companhia se dissolvesse como sal em água, bastaria um quarto de hora de oração para reencontrar a paz”. Pois é uma instituição a serviço da Igreja, não um absoluto. Absoluto só é Deus.

Leia mais...

- “A igreja atual sofre um déficit de liberdade mística”. Entrevista com Pedro Miguel Lamet publicada nas **Notícias do Dia**, de 16-12-2011, disponível em <http://bit.ly/1xdgzsn>.
- A supressão da Companhia de Jesus: episódio-chave de sua ação nas fronteiras da fé. Entrevista com Pedro Miguel Lamet publicada nas **Notícias do Dia**, de 19-06-2011, disponível em <http://bit.ly/1tm5lwr>.
- Francisco Xavier: o aventureiro de Deus. Entrevista com Pedro Miguel Lamet publicada nas **Notícias do Dia**, de 18-08-2006, disponível em <http://bit.ly/13Sgd0o>.

Leia as
entrevistas
do dia no
sítio do IHU:
www.ihu.unisinos.br

Espanha em 1932 e assassinado por um grupo de paramilitares em março de 1980 durante o clima de tensão prévio ao golpe de Estado do ditador Luis Garzía Meza. (Nota da IHU On-Line)

46 Para saber mais leia a notícia *A imprescindível reabilitação de Pedro Arrupe* publicada nas **Notícias do Dia**, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1zGgrEX>. (Nota da IHU On-Line)

Papa Francisco: “A noite e o poder das trevas estão sempre próximos. Causa fadiga remar”

TRADUÇÃO: BENNO DISCHINGER



Em uma liturgia especial de ação de graças ocorrida na tarde do dia 27 de setembro deste ano, na Igreja ‘del Gesù’, em Roma, o Papa Francisco presidiu uma homenagem ao 200º aniversário da restauração da Companhia de Jesus. Sancionada pelo Papa Pio VII, por meio da bula *Sollicitudo omnium ecclesiarum* de 7 de agosto de 1814, a decisão reestabeleceu a ordem, que havia sido suprimida há mais de 40 anos.

No decurso da solene Liturgia, que compreende a recitação das *Vésperas* e o canto do *Te Deum*, após a proclamação do Evangelho e antes da renovação das promessas da parte dos jesuítas presentes, o Santo Padre fez a homilia a seguir. O texto foi publicado, em italiano, pela Sala de Imprensa do Vaticano. A postagem foi publicada nas **Notícias do Dia**,¹ 28-09-2014.

Caros irmãos e amigos no Senhor,¹

A Companhia condecorada com o nome de Jesus viveu tempos difíceis, de perseguição. Durante o generalato do Pe. Lorenzo Ricci² “os inimigos da Igreja chegaram a obter a supressão da Companhia” (João Paulo II³, Mensagem ao Pe. Kolvenbach⁴, 31 de julho de 1990) da parte do meu predecessor Clemente XIV⁵. Hoje, re-

cordando a sua reconstituição, somos chamados a recuperar a nossa memória, fazer memória, chamando à mente os benefícios e os dons particulares (cf. Exercícios Espirituais, 234).

Hoje quero fazê-lo aqui convosco.

Em tempos de tribulação e de perturbação se levanta sempre um acúmulo de dúvidas e de sofrimento, e não é fácil ir em frente, prosseguir na caminhada. Sobre tudo nos tempos difíceis e de crises surgem tantas tentações: parar de discutir ideias, deixar-se levar pela desolação, concentrar-se sobre o fato de ser perseguidos e não ver mais nada. Lendo as cartas do padre Ricci uma coisa me impressionou muito: sua capacidade de não se deixar deprimir por estas tentações e de propor aos jesuítas, em tempo de tribulação, uma visão das coisas que o enraizasse ainda mais na espiritualidade da Companhia.

O Padre Geral Ricci, que escrevia aos jesuítas de então vendo as nuvens se adensarem no horizonte, os fortificava em seu pertencimento ao corpo da Companhia e à sua missão. Eis: num tempo de confusão e perturbação fez discernimento. Não perdeu tempo em discutir ideias e lamentar-se, mas se conscientizou da vocação da Companhia.

E esta conduta levou os jesuítas a fazer a experiência da morte e ressurreição do Senhor. Ante a perda de tudo, até de sua identidade pública, não fizeram resistência à vontade de Deus, não resistiram ao conflito procurando salvar a si mesmos. A Companhia – e isto é belo – vivenciou o conflito até o fundo, sem reduzi-lo: viveu a humilhação com Cristo humilhado, obedeceu. A gente jamais se salva do conflito com a esperteza e com os estratagemas para resistir. Na confusão e diante da humilhação a Companhia preferiu viver o discernimento da vontade de Deus, sem procurar um modo de sair do conflito de maneira aparentemente tranquila. Ou pelo menos elegante. Não o fez.

Não é jamais a aparente tranquilidade que consola o nosso coração, mas a verdadeira paz que é dom de Deus. Não se deve jamais procurar o “compromisso” fácil, nem se devem praticar fáceis “pacifismos”. Somente o discernimento nos salva do verdadeiro desenraizamento, da verdadeira “supressão” do coração, que é o egoísmo, a mundanidade, a perda do nosso horizonte, da nossa esperança, que é Jesus, que é unicamente Jesus. E assim o

Padre Ricci e a Companhia, em fase de supressão, têm privilegiado a história em relação a uma possível “historinha” cinza, sabendo que é o amor que julga a história, e que a esperança – também no escuro – é maior do que as nossas expectativas. O discernimento deve ser feito com reta intenção, com o olhar simples. Por isso o Padre Ricci chega, precisamente nesta ocasião de confusão e desorientação, a falar dos pecados dos jesuítas. Não se defende sentindo-se vítima da história, mas se reconhece pecador. Olhar a si mesmos reconhecendo-se pecadores evita colocar-se na condição de se considerar vítimas ante uma carnificina. Reconhecer-se pecadores, reconhecer-se realmente pecadores, significa colocar-se no comportamento adequado para receber a consolação.

Podemos percorrer brevemente este caminho de discernimento e de serviço que o Padre Geral indicou à Companhia. Quando em 1759 os decretos de Pombal destruíram as províncias portuguesas da Companhia, o Padre Ricci viveu o conflito, não se lamentando nem se deixando ir à desolação, mas convidando à prece para solicitar o bom espírito, o verdadeiro espírito sobrenatural da vocação, a perfeita docilidade à graça de Deus.

Quando em 1761 a tempestade avançava na França, o Padre Geral solicitou que se pusesse toda a confiança em Deus. Queria que se tirasse proveito das provas sofridas para obter maior purificação interior: elas nos conduzem a Deus e podem servir para sua maior glória; depois recomenda a prece, a santidade da vida, a humildade e o espírito de obediência.

Em 1760, após a expulsão dos jesuítas espanhóis, ainda continua convidando à prece. E, enfim, aos 21 de fevereiro de 1773, seis meses antes da assinatura do Breve *Dominus ac Redemptor*, ante a total falta de ajuda humana, vê a mão da misericórdia de Deus que convida aqueles que submetem à prova a não confiar em algum outro que não seja somente Ele. A confiança deve crescer precisamente quando as circunstâncias nos jogam por terra. O importante para o Padre Ricci é que a Companhia até o último seja fiel ao espírito de sua vocação, que é a maior glória de Deus e a salvação das almas. A Companhia, também diante de seu próprio fim, permaneceu fiel ao fim para o qual foi fundada. Por isso Ricci conclui com uma

1 Para ler no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU acesse o link <http://bit.ly/papa270914>. O vídeo, com o discurso em italiano, pode ser visto aqui: http://youtu.be/u1tmyy3sl_g (Nota da IHU On-Line)

2 Lorenzo Ricci (1703-1775): jesuíta italiano eleito o 18º Superior Geral da Companhia de Jesus. Foi o último dos Gerais antes da supressão da Ordem, em 1773. Ricci foi mantido preso e isolado em uma torre no Castelo Sant'Angelo até sua morte. (Nota da IHU On-Line)

3 Papa João Paulo II (1920-2005): sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

4 Peter-Hans Kolvenbach: jesuíta holandês, foi o 29º Superior Geral da Companhia de Jesus. Assumiu o cargo substituindo Pedro Arrupe, em 1983, e renunciou em 2008, sendo sucedido por Adolfo Nicolás. Entrou na Companhia em 1948 e, dez anos depois, deixou sua terra com o primeiro grupo de jesuítas holandeses enviados para o Líbano, onde estudou teologia na Universidade Saint-Joseph de Beirute. Foi ordenado sacerdote em 1961. No Líbano passou os anos centrais de sua vida, bebendo das línguas e das tradições eclesiais e litúrgicas do Oriente Próximo. Seus estudos concentraram-se no armênio. Ensina inicialmente filosofia, depois linguística geral e armênio na mesma universidade onde se graduou. Em 1974, foi eleito provincial da vice-província do Oriente Próximo, que inclui as comunidades jesuítas do Líbano, da Síria e do Egito. Kolvenbach ficou lá até 1981, quando padre Arrupe, então superior geral da Companhia de Jesus, o chamou a Roma para ser reitor do Pontifício Instituto Oriental. Na 33ª Congregação Geral, em 13-09-1983, Kolvenbach foi eleito superior geral da Companhia de Jesus. De índole ascética e espiritual, padre Kolvenbach manteve na direção da Ordem um perfil reservado e de diálogo, buscando soluções não traumáticas às controvérsias. Kolvenbach esteve na Unisinos por ocasião do *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que ocorreu em 2006. Na ocasião, concedeu entrevista à edição 196 da IHU On-Line, de 18-09-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon196>. (Nota da IHU On-Line)

5 Papa Clemente XIV, o Rigoroso (1705-1774): sacerdote franciscano nascido na Itália, foi Papa de 1769 até sua morte. Bem visto pelos governos contrários aos Jesuítas, ficou conhecido pela emissão do breve *Dominus ac Redemptor noster*, que extinguiu a Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

exortação a manter vivo o espírito de caridade, de união, de obediência, de paciência, de simplicidade evangélica, de verdadeira amizade com Deus. Todo o resto é mundanidade. A chama da maior glória de Deus também hoje nos atravesse, queimando todo com-prazimento e envolvendo-nos numa chama que temos dentro, que nos concentra e nos expande, nos engrandece e nos apequena.

Assim a Companhia vivenciou a prova suprema do sacrifício que injustamente lhe era solicitado, tornando própria a prece de Tobias que, com o ânimo abatido pela dor, suspira, chora e depois reza: “Tu és justo, Senhor, e justas são todas as tuas obras. Toda via tua é misericórdia e verdade. Tu és o juiz do mundo. Ora, Senhor, recorda-te de mim e olha-me. Não me punas pelos meus pecados e pelos erros meus e dos meus pais. Violando as tuas ordens, pecamos diante de ti. Entregastes-nos ao saque; abandonastes-nos à prisão, à morte e a ser a fábula, o escárnio, o desprezo de todos, entre os quais nos dispersastes”. E conclui com a solicitação mais importante: “Senhor, não afastes de mim a tua face” (Tb 3,1-4.6d). E o Senhor respondeu mandando Rafael remover as manchas brancas dos olhos de Tobias, para que voltasse a ver a luz de Deus. Deus é misericordioso, Deus coroa de misericórdia. Deus nos quer bem e nos salva. Por vezes o caminho que conduz à vida é estreito e apertado, mas a tribulação, se vivida à luz da misericórdia, nos purifica como o fogo, nos dá tanta consolação e inflama o nosso coração afeiçoando-o à prece. Os nossos irmãos jesuítas na supressão foram fervorosos no espírito e no serviço do Senhor, alegres na esperança, constantes na tribulação, perseverantes na prece (cf. Rm 12,13). E isto deu honra à Companhia, não certamente os encômios dos seus méritos. Assim será sempre.

Recordemos a nossa história: à Companhia “foi dada a graça não só de crer no Senhor, mas também de sofrer por Ele” (Fil. 1,29). Faz-nos bem recordar isto.

A nave da Companhia foi sacudida pelas ondas e não é de admirar-se disto. Também a barca de Pedro pode sê-lo hoje. A noite e o poder das trevas estão sempre próximos. Causa fadiga remar.

Os jesuítas devem ser “remadores espertos e valorosos” (Pio VII⁶, *Sol-*

licitudo omnium ecclesiarum): remai, portanto! Remai, sejais fortes, também com o vento contrário. Rememos a serviço da Igreja. Rememos sempre! Mas, enquanto remamos – todos remamos, também o Papa rema na barca de Pedro – devemos rezar muito: “Senhor, salva-nos!”, “Senhor, salva o teu povo!” O Senhor, também se somos homens de pouca fé, pecadores, nos salvará. Esperemos no Senhor! Esperemos sempre no Senhor!

A Companhia reconstituída por meu predecessor Pio VII era feita de homens corajosos e humildes em seu testemunho de esperança, de amor e de criatividade apostólica, aquela do Espírito. Pio VII escreveu quer reconstituir a Companhia para “acudir de maneira adequada às necessidades espirituais do mundo cristão, sem diferença de povos e de nações” (ibid.). Por isso ele deu autorização aos jesuítas que ainda cá e lá existiam graças a um soberano luterano e a uma soberana ortodoxa, a “permanecerem unidos em um só corpo”. Que a Companhia permaneça unida em um só corpo!

E a Companhia se tornou missionária e se pôs à disposição da Sé Apostólica, empenhando-se generosamente “sob o vexilo da cruz para o Senhor e o seu vigário na terra” (Formula Instituti, I). A Companhia retomou sua atividade apostólica com a pregação e o ensinamento, os ministérios espirituais, a pesquisa científica e a ação social, as missões e o cuidado dos pobres, dos sofredores e dos marginalizados.

Hoje a Companhia enfrenta com inteligência e operosidade também o trágico problema dos refugiados e dos prófugos; e se esforça com discernimento no sentido de integrar o serviço da fé e a promoção da justiça, em conformidade com o Evangelho. Confirmo hoje quanto nos disse Paulo VI à nossa trigésima segunda Congregação geral e que eu mesmo escutei com meus ouvidos: “Por toda parte na Igreja, também nos campos mais difíceis e de ponta, nas encruzilhadas das ideologias, nas trincheiras sociais, existiu e existe o confronto entre as exigências candentes do homem e a perene mensagem do Evangelho, lá estiveram e estão os jesuítas”. Palavras proféticas do futuro beato Paulo VI⁷.

6 beneditino, nascido Barnaba Chiaramonti, foi Papa da igreja católica de 1800 até sua morte. (Nota da IHU On-Line)

7 Papa Paulo VI: nascido Giovanni



Em 1814, no momento da reconstituição, os jesuítas eram uma pequena grei, uma “mínima Companhia”, que, todavia se sabia investida, após a prova da cruz, da grande missão de levar a luz do Evangelho até os confins da terra. Assim devemos sentir-nos hoje, portanto: em saída, em missão. A identidade do jesuíta é aquela de um homem que somente adora Deus e ama e serve os seus irmãos, mostrando através do exemplo não só em que acredita, mas também em que espera e quem é Aquele no qual pôs a sua confiança (cf. 2 Tim. 1,12). O jesuíta quer ser um companheiro de Jesus, alguém que tem os mesmos sentimentos de Jesus.

A bula de Pio VII, que reconstituía a Companhia, foi firmada aos 7 de agosto de 1814 junto à Basílica de Santa Maria Maior, onde o nosso santo padre Inácio celebrou sua primeira Eucaristia na noite de Natal de 1538. Maria, nossa Senhora, Mãe da Companhia, ficará comovida com nossos esforços para estar a serviço de seu Filho. Ela nos guarde e nos proteja sempre.

Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu o Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. É autor das encíclicas, entre outras, *Populorum Progressio* e *Humanae Vitae*. (Nota da IHU On-Line)

“Os jesuítas foram os primeiros do clero católico a entender a modernidade”

Leandro Karnal expõe as características da modernidade que são manifestas na Companhia de Jesus, dos avanços às contradições

POR ANDRIOLLI COSTA

Estendendo-se por todo o século XV e ao longo dos 300 anos seguintes, a modernidade apresentou uma série de novos desafios para a humanidade. As grandes navegações, que levavam pela primeira vez a um princípio de globalização e à descoberta do outro. No mesmo contexto, os Estados Nacionais conflitantes e a ascensão lenta do racionalismo vão paulatinamente encaminhando o mundo de um modelo teocêntrico para o antropocentrismo. “Tudo isto é a modernidade em meio à qual os jesuítas surgem. Os jesuítas foram os primeiros membros do clero católico a entenderem este desafio”, destaca o historiador Leandro Karnal.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Karnal ressalta algumas características da modernidade que são manifestas na Companhia de Jesus. Entre elas, uma das mais fundamentais: “separar a experiência do Cristianismo da sua base cultural. Para ser cristão eu não preciso ser italiano ou espanhol, posso ser tupi ou chinês”. No entanto, esta não era livre de dualismos e contradições. Ainda que defensora da liberdade e do indivíduo, ele

ressalta: “a companhia era defensora do livre arbítrio e se montava numa estrutura absolutamente centralizadora”.

Leandro Karnal é graduado em História pela Unisinos, com doutorado em História Social pela USP. Trabalha há muitos anos com capacitações para professores da rede pública e publicação de material didático e de apoio para os professores. Atualmente é professor da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, membro de corpo editorial da *Revista Brasileira de História* e da *Revista Poder & Cultura*. Entre suas publicações, destacamos *A Escrita da Memória – Interpretações e Análises Documentais* (São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004) e *Cronistas da América* (Campinas: Unicamp, 2004).

O professor participa da Mesa-Redonda *A companhia de Jesus e a Modernidade*, no dia 13 de novembro, das 14h às 16h30min, na Sala 1F101, na Unisinos. O evento faz parte da programação do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração**, e a programação completa pode ser encontrada em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que forma o surgimento da Companhia de Jesus, aprovada por bula papal em 1540, dialoga com os desafios da modernidade no ocidente enfrentados na época?

Leandro Karnal – Um mundo globalizado pela primeira vez, o desafio da diferença cultural acentuado, Estados Nacionais conflitantes e a ascensão lenta do racionalismo: tudo isto é a modernidade em meio à qual os

jesuítas surgem. Os jesuítas foram os primeiros membros do clero católico a entender este desafio.

IHU On-Line – O que há de moderno na racionalidade jesuíta?

Leandro Karnal – Não fundir significado e signifiante, ou seja, separar a experiência do Cristianismo da sua base cultural. Para ser cristão eu não preciso ser italiano ou espanhol, posso ser tupi ou chinês. A querela

dos ritos na China,¹ ou seja, a defesa jesuítica de uma inculturação do Catolicismo é uma ponta deste processo.

IHU On-Line – Entre algumas das características da Ordem dos Jesuítas

¹ Para saber mais acesse o artigo *A Igreja e a China: um duelo de séculos*, publicado nas Notícias do Dia, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1EuuugK>. (Nota da IHU On-Line)

está o livre arbítrio, tanto entre si quanto do próprio papado. Por que estas são características tão importantes para compreender a Companhia de Jesus?

Leandro Karnal – Uma dialética. Defesa do livre arbítrio sim, especialmente nos combates jesuítas aos que negavam isto como jansenistas², mas defesa de uma obediência como um “cadáver” e, a rigor, omissão do livre arbítrio. A companhia era defensora do livre arbítrio e se montava numa estrutura absolutamente centralizadora.

IHU On-Line – O livre arbítrio e a valorização do indivíduo estão ligados à racionalidade da modernidade? Que outras características dentro das práticas da Companhia também compõem este quadro?

Leandro Karnal – O missionário jesuíta é preparado para estar sozinho. Omite-se a oração do ofício em conjunto para reforçar a autonomia da ação jesuítica. Imagine-se um Anchieta³ refém numa praia sozinho ou um Xavier⁴ no meio do mar do Japão e podemos ter uma referência da formação de um quadro autônomo e individual. A Companhia é uma ordem,

mas o jesuíta, um indivíduo. Isto é muito importante.

IHU On-Line – O século XVIII foi o século das luzes. Quais os nexos entre o iluminismo e a ligação dos jesuítas com as ciências e o ensino?

Leandro Karnal – Os jesuítas foram ambíguos. Por um lado estimulavam a leitura de autores críticos. O padre Clavijero⁵ ensinava autores racionalistas no México do século XVIII. Mas foram inimigos dos filósofos franceses, conseguiram pressão para a censura da Enciclopédia⁶, combateram a influência iluminista. Havia um iluminismo jesuítico que era distinto do iluminismo da Enciclopédia.

IHU On-Line – Ao mesmo tempo em que eram sacerdotes, os jesuítas também se tornaram administradores (como no comércio de produtos agrícolas nas *Reduções*), articuladores políticos, professores, gestores de universidades. De que forma eles se relacionavam com o dualismo existente entre exigências do mundo físico e espiritual que por vezes eram contraditórias?

Leandro Karnal – Para os jesuítas nunca houve dualismo. O livro *Negócios Jesuítas – o Cotidiano da Administração dos Bens Divinos*, de Paulo de Assunção⁷ (São Paulo: EdUSP, 2004) analisa bem esta questão. Ter um negócio lucrativo com a erva-mate ou até o tráfico de escravos na Angola, como narrado por Alencastro⁸ no

livro *O Trato dos Videntes. Formação do Brasil no Atlântico Sul – Séculos XVI e XVII* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), eram formas de obter recursos para a obra da Igreja e da Companhia. A pobreza entre jesuítas não era um conceito meta como entre franciscanos, mas um conceito de ação. Em outras palavras, o franciscano nunca poderia ter nada, o jesuíta poderia ter para uma missão.

IHU On-Line – Havia alguma diferença no contexto histórico que cercava a Companhia durante sua supressão (no século XVIII) e sua re-estauração (no século XIX)?

Leandro Karnal – São dois momentos quase opostos. A historiografia jesuítica precisou sempre mostrar a absoluta continuidade. Ela não é linear ao menos. O século XIX é um momento inteiramente diferente e a formação de padres, ainda que inspirada na mesma *Ratio*,⁹ é outra. Eu diria, mas precisaria muito tempo para explicar, que a Companhia do século XX é mais próxima do XVI e XVII do que a do XIX. Gente como Teilhard de Chardin¹⁰, Karl

2 **Jansenismo**: movimento de caráter dogmático, moral e disciplinar, que assumiu também contornos políticos, que se desenvolveu principalmente na França e na Bélgica, nos séculos XVII e XVIII, em reação a certas doutrinas e práticas no seio da Igreja Católica. Tem esse nome por ter sua origem nas ideias do bispo de Ypres, Cornelius Jansen. (Nota da IHU On-Line)

3 **José de Anchieta** (1534-1597): jesuíta espanhol, um dos fundadores de São Paulo e declarado beato pelo papa João Paulo II. É chamado de Apóstolo do Brasil. Tendo o padre Manuel da Nóbrega, Provincial dos Jesuítas no Brasil, solicitado mais sacerdotes para a atividade de evangelização do Brasil, o Provincial da Ordem, Simão Rodrigues, indicou, entre outros, José de Anchieta. Instruído nas humanidades, utilizava as artes e o teatro para catequizar os índios. Graças à facilidade com a escrita e com o aprendizado de idiomas, foi o primeiro a sistematizar o idioma tupi em uma gramática, publicada integralmente em 1955. (Nota da IHU On-Line)

4 **São Francisco Xavier** (1506-1552): missionário cristão espanhol e apóstolo das Índias, um dos pioneiros e cofundador da Companhia de Jesus. Morreu na China, onde se preparava para cristianizar essa vasta região. Foi canonizado pelo Papa Urbano VIII. (Nota da IHU On-Line)

5 **Francisco Javier Clavijero** (1731-1787): jesuíta mexicano, professor e historiador. Após a expulsão dos jesuítas das colônias espanholas em 1767, partiu para a Itália, onde escreveu sobre a história pré-colombiana e as civilizações da América Central. (Nota da IHU On-Line)

6 **Enciclopédia do Iluminismo**: a Enciclopédie, elaborada entre 1751 e 1780 por D'Alembert e Diderot, compilava em 35 volumes o conhecimento das ciências naturais e humanas da época, sob a perspectiva do esclarecimento. (Nota da IHU On-Line)

7 **Paulo de Assunção**: pós-doutor em História Ibérica pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales - EHESS-Paris (França), doutor em História Econômica e Social pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal) e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Dedicou boa parte da sua investigação a questões de história da cidade, turismo, viajantes estrangeiros no século XIX e arquitetura brasileira. (Nota da IHU On-Line)

8 **Luiz Felipe de Alencastro** (1946): his-

toriador e cientista político brasileiro, autor ou coautor de várias obras historiográficas. (Nota da IHU On-Line)

9 **Ratio Studiorum**: o método de estudos dos jesuítas estabeleceu regras para o ensino de disciplinas como a lógica, a psicologia, a ética, as matérias referentes às ciências da natureza (especialmente a física) e a metafísica. (Nota da IHU On-Line)

10 **Pierre Teilhard de Chardin** (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo IHU em 2005. Sobre ele, leia a edição 140 da *IHU On-Line*, de 09-05-2005, *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, em <http://bit.ly/ihuon304>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, na edição 135, de 05-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon135> e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon142>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon143>. Leia também a 45ª edição dos *Cadernos IHU ideias A re-*

Rahner¹¹ ou Michel de Certeau¹² recu-

alidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica, disponível em <http://bit.ly/1l6IWAC>; a edição 78 dos *Cadernos Teologia Pública*, *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã*, disponível em <http://bit.ly/1pvlEG2>; e a edição 22 dos *Cadernos Teologia Pública*, *Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs*, disponível em <http://bit.ly/1pvlJLJ>. (Nota da IHU On-Line)

11 Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt (O Espírito no mundo)*, 1939, *Hörer des Wortes (Ouvinte da Palavra)*, 1941, *Schriften zur Theologie (Escritos de Teologia)*. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento e a Unisinos dedicou à sua memória o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*. Veja Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade, edição 446 da IHU On-Line, de 16-06-2014, nossa edição mais recente sobre o assunto. Dez anos atrás, a edição número 102 da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória de seu centenário, em <http://bit.ly/maOB5H>. Neste meio tempo, a edição 297, de 15-06-2009, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, também retomou o tema e está disponível para download em <http://bit.ly/o2e8cX>. Além de diversos artigos sobre o pensamento do teólogo ao longo do tempo, destacamos também a 5ª edição dos *Cadernos Teologia Pública*, *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, do Prof. Erico Hammes, disponível em <http://bit.ly/18XbPcU>. (Nota da IHU On-Line)

12 Michel de Certeau (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mys-*

peram um pouco mais da originalidade da Companhia no mundo Barroco.

IHU On-Line – Atualmente, qual é a racionalidade que orienta a Companhia em uma sociedade pós-moderna?

Leandro Karnal – A educação aberta, o debate, o empirismo e a adaptação aos mundos, como no jesuíta papa Francisco¹³. Entender que a pós-modernidade (ou o mundo líquido) são momentos históricos passageiros e que a missão cristã é eterna.

IHU On-Line – Recentemente o papa Francisco propõe declarações que fogem da ortodoxia católica,

tique: XVIème et XVIIème siècle (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon186>. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos *Cadernos IHU em Formação*, intitulado *Jesuitas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuem14>. (Nota da IHU On-Line)

13 Papa Francisco (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. (Nota da IHU On-Line)

como comentários mais brandos sobre a homossexualidade e o Big Bang. O que ainda deve ser feito para a Companhia avançar, como instituição, dialogando com os dilemas contemporâneos?

Leandro Karnal – As declarações não fogem da ortodoxia. O pensamento medieval é amar o pecador e odiar o pecado. O papa manda acolher o homossexual, mas não a homossexualidade. Comparando-se com coisas do passado, é um salto, mas não é uma mudança estrutural. Após Pio XII¹⁴ há uma intensa atividade da Pontifícia Academia de Ciências sobre teoria da evolução ou Big Bang. Na época de Paulo VI¹⁵ houve declarações similares.

IHU On-Line – Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Leandro Karnal – A Companhia é uma peça fundamental na construção do mundo moderno. Não importa nossa relação de louvor ou de crítica, a ação continua lá. Este seria mais um momento de entender do que qualificar as ações jesuíticas, até porque qualificar fala muito de nós e pouco do outro.

14 Papa Pio XII (1876-1958): nascido Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, foi eleito Papa no dia 2 de março de 1939. (Nota da IHU On-Line)

15 Papa Paulo VI: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu o Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da IHU On-Line)

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

O imaginário antijesuíta em Portugal – Origens, Evolução e Metamorfose

José Eduardo Franco descreve o que chama de “mito negro” sobre a Companhia de Jesus que, através de campanhas de difamação e ódio, muito se assemelha à fobia social antijudaica

POR RICARDO MACHADO E ANDRIOLLI COSTA

Quando Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus, faleceu, em 1556, a Ordem dos Jesuítas contava com cerca de 1000 membros e 35 colégios em funcionamento. Em 1773, pouco mais de dois séculos depois, já eram 23 mil membros e cerca de 800 estabelecimentos de ensino – dentro e fora da Europa. O crescimento ostensivo da Companhia, que passou a ter grande influência tanto na igreja quanto nos governos locais, gerou aquilo que o historiador português José Eduardo Franco chamou de *mito luminoso* sobre os jesuítas – em que seus feitos eram enaltecidos e solarizados, e sua falta lamentada e relacionada à derrocada social.

No entanto, o incômodo causado pelo crescimento político da Ordem faz emergir com ainda mais força um imaginário negativo, alimentado por campanhas difamatórias, conspirações e intrigas. É o que Franco chama de *mito negro* dos jesuítas, “que tendia a atribuir os males, os insucessos e decadências sociais, econômicas, culturais, educativas e políticas ao papel dos jesuítas apresentados como conspiradores que cumpriram um plano secreto para estabelecer um domínio universal da *Societas Iesu* sobre a ruína de todos os poderes legítimos”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o historiador sugere: “Encontramos aqui muitos paralelos com a fobia social antijudaica e depois mais propriamente antisemita, enquanto ataque de teor racista ao povo hebreu, que percorreu toda a sociedade ocidental desde a Idade Média”. Para Franco, seria quase um sebastianismo ao contrário. “Ou seja, veem na Companhia não uma lide-

rança salvadora, transformadora para melhor, mas um gênio mau, uma liderança que conduz tudo à decadência e ao obscurantismo.”

José Eduardo Franco é historiador, poeta e ensaísta especializado em História da Cultura. Possui doutorado em História e Civilização pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris e em Cultura pela Universidade de Aveiro. Professor do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, ele coordena atualmente um vasto projeto de pesquisa, levantamento e edição dos Documentos sobre a História da Expansão Portuguesa, existentes no Arquivo Secreto do Vaticano. É também membro da comissão coordenadora do projeto da edição crítica da Obra Completa do Padre Manuel Antunes.

Franco é autor de diversas publicações, das quais destacamos: *O Mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil, no Oriente e na Europa* (Lisboa: Gradiva, 2007), *Vieira e as mulheres: Uma visão barroca do universo feminino* (Porto: Campo das Letras, 2007) e *Jesuítas e a Inquisição: cumplicidades e confrontações* (Lisboa: Aletheia, 2007).

O professor apresenta a conferência *O mito negro dos jesuítas em Portugal e no Brasil: Origens, Evolução e metamorfose do antijesuitismo*, no dia 11 de novembro, das 20h às 22h, no Auditório Bruno Hammes, na Unisinos. O evento faz parte da programação do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração**, e a programação completa pode ser encontrada em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que consiste pensar um “mito negro” dos jesuítas em Portugal e no Brasil?

José Eduardo Franco – Consiste na construção de uma imagem extremamente negativa da natureza e da ação da Companhia de Jesus pelos seus detratores e inimigos viperinos de várias proveniências religiosas, sociais e ideológicas. Este mito negro assenta numa verdadeira doutrina antijesuítica que tendia a atribuir os males, os insucessos e decadências sociais, económicas, culturais, educativas e políticas ao papel dos jesuítas apresentados como conspiradores que cumpririam um plano secreto para estabelecer um domínio universal da *Societas Iesu* sobre a ruína de todos os poderes legítimos. Encontramos aqui muitos paralelos com a fobia social antijudaica e depois mais propriamente antissemita, enquanto ataque de teor racista ao povo hebreu, que percorreu toda a sociedade ocidental desde a Idade Média.

IHU On-Line – Em linhas gerais, como são caracterizados os mitos positivo e negativo dos jesuítas? No que se diferem do ponto de vista da racionalidade?

José Eduardo Franco – A leitura negativa do contributo histórico dos jesuítas faz destes uma espécie de promotores de um sebastianismo ao contrário! Ou seja, veem na Companhia não uma liderança salvadora, transformadora para melhor, mas um gênio mau, uma liderança que conduz tudo à decadência e ao obscurantismo. A propaganda antijesuítica é muitas vezes simplista e primária, marcada pela maneira obsessiva, muitas vezes pouco racional, de ver nos jesuítas os únicos causadores dos males sociais e políticos, à luz do esquema hermenêutico conspiracionista da causalidade única e diabólica explicada por Léon Poliakov¹.

Mas o mito negativo é contrabalançado, como muito bem refere, por um mito luminoso. Se os jesuítas tiveram ao longo da história muitos adversários, críticos e perseguidores também suscitaram muitos admira-

dores, simpatizantes, patrocinadores e protetores que engrossaram um verdadeiro movimento de apoio à Companhia de Jesus e que explica em boa parte o seu sucesso e sobrevivência perante os enormes obstáculos e graves vicissitudes históricas que enfrentaram.

Não poucos destes admiradores viram nos jesuítas a ordem mais excelente da Igreja Católica e difundiram a imagem positiva da sua grande eficácia, abnegação heroica, dedicação e de grandes resultados pela sua ação metódica e estrategicamente bem planejada.

IHU On-Line – Quem foram os principais precursores do mito dos jesuítas em nível internacional? Como se sentiram após a supressão da ordem? O que sofreram? Como viveram?

José Eduardo Franco – Os fabricantes do mito negro dos jesuítas foram primeiramente membros da Igreja, nomeadamente de outras ordens, entre os quais pontificam dominicanos e franciscanos, mas também membros do clero secular, bispos como Melchior Cano², e membros de determinadas correntes católicas, como é o caso dos jansenistas³ célebres Blaise Pascal⁴ ou António Arnaut⁵. Em paralelo temos a destacar figuras e correntes ligadas ao protestantismo que os jesuítas combateram.

² **Melchior Cano** (1509-1560): teólogo espanhol, entrou na Ordem dos Pregadores no convento de Salamanca onde em 1546 sucedeu a Francisco de Vitoria na cátedra de teologia. (Nota da IHU On-Line)

³ **Jansenismo**: movimento de caráter dogmático, moral e disciplinar, que assumiu também contornos políticos, que se desenvolveu principalmente na França e na Bélgica, nos séculos XVII e XVIII, em reação a certas doutrinas e práticas no seio da Igreja Católica. Tem esse nome por ter sua origem nas ideias do bispo de Ypres, Cornelius Jansen. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: O coração tem razões que a própria razão desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **António Arnaut** (1936): professor e político português. Ocupou o cargo de Ministro dos Assuntos Sociais do II Governo Constitucional, em 1978. (Nota da IHU On-Line)

A seguir evidenciaram-se personalidades ligadas a Universidades, como é o caso da Universidade de Paris, com destaque para o seu advogado Étienne Pasquier⁶, que escreveu o célebre *Catecismo dos Jesuítas*. No mundo político e económico, evidenciavam-se, na história do antijesuitismo, ministros, secretários de estado, juizes, detentores de cargos militares e administração, colonos e comerciantes. Além disso, encontramos perseguidores antijesuíticos em outras religiões, como budistas, hinduístas e islâmicos. Há a destacar ainda uma miríada de dramaturgos e escritores de vários países que dedicaram peças e romances inteiros a denegrir a Companhia de Jesus.

No âmbito do universo imenso e diverso de detratores dos jesuítas, difícil de descrever nos limites desta entrevista, cumpre ainda referir alguns célebres egressos da Companhia. Trata-se de antigos membros que, por diversas razões, quiseram vingar-se de algum desagrado. Alguns deles escreveram libelos célebres contra os jesuítas, como é o caso mais famoso do autor polaco dos *Monita Secreta*⁷ (Instruções Secretas dos Jesuítas). Esta contrafação pretendia apresentar-se como a revelação de um alegado manual do método de conspiração da Ordem de Santo Inácio e que explicaria o seu sucesso.

Por outro lado, entre os construtores do mito luminoso encontram-se bispos, frades, nobres, comerciantes, aventureiros, reis e príncipes, além de pessoas simples do povo que confessaram por diversas vias a admiração e registraram o louvor dos méritos e competências superiores da Companhia de Jesus, defendendo e pedindo insistentemente o seu regresso nos períodos da sua expulsão e ausência.

⁶ **Étienne Pasquier** (1529-1615): advogado e escritor francês. (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Monita Secreta**: código de instruções, supostamente dirigido por Cláudio Acquaviva, o quinto Superior Geral da Companhia de Jesus, para seus diferentes superiores hierárquicos, e que estabelece os métodos a serem adotados para o aumento do poder e influência da Ordem. Deveria ser adotada uma atitude de humildade fingida para obtenção de poder religioso, político e ganhos económicos. (Nota da IHU On-Line)

¹ **Léon Poliakov** (1910-1997): historiador que escreveu especialmente sobre holocausto e antissemitismo. (Nota da IHU On-Line)

Houve determinados momentos da história de cinco séculos de existência dos jesuítas em que figuras antijesuítas, que vieram a se tornar adversários da Companhia, assumiram posições políticas de comando supremo do Estado e usaram a sua posição de poder para combater e eliminar os Padres da Companhia, como o famoso caso de Pombal⁸. Na segunda metade do Século das Luzes e no período do liberalismo e das primeiras ascensões dos regimes republicanos, que eram militantemente antijesuítas, a Companhia de Jesus foi expulsa, extinta e correu mesmo o risco de desaparecer para sempre para gáudio dos seus detratores. No entanto, a Ordem de Santo Inácio revelou uma rara capacidade de renascer e regressar em força. Hoje, apesar das dezenas de expulsões totais ou parciais a que foram sujeitos ao longo da sua história em vários países, contando com uma extinção universal pelo Papa, os jesuítas estão pujantes e continuam a ser uma grande ordem na Igreja, o que revela a sua extraordinária capacidade de renovação e adaptação.

IHU On-Line – De que maneira a contrarreforma impulsionou os jesuítas a se tornarem (ou terem a impressão que haviam se tornado) quase maiores que a própria Igreja?

José Eduardo Franco – Os jesuítas afirmaram-se na modernidade em dois momentos cruciais. Primeiro, no quadro da querela protestante e da reação do movimento da contrarreforma que pretendia travar a expansão da reforma, nomeadamente a luterana⁹

e a calvinista¹⁰, no qual muitos jesuítas se destacaram, e a Companhia de Jesus, através de investimento na multiplicação de instituições de ensino católico de qualidade, funcionou como a Ordem da Igreja que gizou uma estratégia global de combate ao protestantismo no plano educativo, da renovação espiritual e na potenciação do ideal missionário tanto internamente na velha cristandade europeia como nas missões *ad gentes*.

IHU On-Line – De que dimensão era a influência dos jesuítas na Igreja Católica? Como suas ideias suscitaram, inclusive, uma reforma na Igreja?

José Eduardo Franco – O crescimento exponencial da Ordem dos Jesuítas em poucas décadas, desde a sua fundação, em 1540, deveu-se à adesão de muitos membros provindos das mais diversas classes e setores sociais que permitiram oferecer amplos recursos humanos para a criação de uma rede mundial de missões, de colégios, de obras de assistências, assim como a aceitação de responsabilidades de destaque nas instituições da Igreja e da esfera política, em particular como conselheiros e assessores qualificados. Inácio de Loyola¹¹ e o seu grupo fundador da nova ordem aprovada pelo Papa Paulo III estavam imbuídos do ideário de renovação das sociedades cristãs na linha da proposta de conversão interior com expressão nas práticas exteriores do movimento

chamado da “*devotio moderna*”, que exigia uma reforma testemunhal dos membros e das instituições da Igreja pelo regresso às da fé e tendo por referência os *exempla* evangélicos. Em sintonia com célebres reformadores como Erasmo de Rotterdam¹², os jesuítas procuraram, pela educação, pela pregação, pela vivência coerente dos sacramentos e pela direção espiritual, realizar uma grande operação de mudança cultural e das mentalidades.

IHU On-Line – Como surgiu e como se caracterizava o anti-iniguismo (referente a Inácio de Loyola) e de que maneira essa postura se tornou, mais tarde, o antijesuitismo?

José Eduardo Franco – Realmente, o movimento de oposição aos jesuítas foi antecedido pela crítica e alguma hostilidade à postura de Inácio de Loyola no seu percurso de conversão peregrinante entre Espanha, França e Itália. Da parte de membros do clero e especialmente da Inquisição, de quem se tornou arguido, Inácio foi alvo de suspeita antes de se tornar o fundador oficial reconhecido pela Igreja de uma nova ordem. A sua catequese, os seus apelos a uma vivência mais radical e coerente da experiência cristã suscitaram desconanças e hostilidade. Foi identificado por alguns como pertencendo aos grupos radicais que defendiam uma Igreja mais mística, mais despojada e mais pura como é o caso do Alumbrismo¹³ espanhol que acabou por ser acusado de herético.

Estas desconanças ultrapassaram-se com o reconhecimento canônico pelo papa do projeto inaciano de Ordem. Todavia, os jesuítas e a sua intrépida ação evangelizadora, apelando a uma conversão mais profunda, acabaram por continuar a suscitar muitos críticos e opositores quase em permanência até há bem pouco tempo.

⁸ **Marquês de Pombal** (1699-1782): Sebastião José de Carvalho e Melo, nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas da História Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutenberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da IHU On-Line, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download em <http://bit.ly/ihuon280>. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ **João Calvino** (1509-1564): teólogo cristão francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante e que continua até hoje. Portanto, a forma de Protestantismo que ele ensinou e viveu é conhecida por alguns pelo nome Calvinismo, embora o próprio Calvino tivesse repudiado contundentemente este apelido. Esta variante do Protestantismo viria a ser bem-sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os africanos), Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Leia, também, a edição 316 da IHU On-Line intitulada *Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista*, disponível em <http://bit.ly/1oBlrpn>. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. Os jesuítas são uma ordem religiosa católica romana, que teve grande importância na Reforma Católica. (Nota da IHU On-Line)

¹² **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. (Nota da IHU On-Line)

¹³ **Alumbrados**: movimento religioso espanhol do século XVI em forma de uma seita mística, que foi perseguida e considerada herética e relacionada ao protestantismo. Originou-se em pequenas cidades da região central de Castela em torno de 1511. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Por que o próprio surgimento da Companhia de Jesus é fortemente marcado por contradições, que ultrapassam a questão doutrinária da ordem, relativas a prerrogativas jurídicas e estatutárias da criação da Ordem?

José Eduardo Franco – A expansão, apelidada por alguns de meteórica, desta ordem nova na segunda metade do século XVI, usando para tal estratégias que hoje caracterizaríamos em linha com os critérios mais avançados de uma boa gestão empreendedora dos recursos em função dos objetivos a alcançar, provocou diferentes interpretações da parte de quem pretendeu oferecer uma explicação para este surpreendente sucesso. Uns, benevolmente, quiseram entender os progressos bem sucedidos da Ordem de Santo Inácio como sendo devido a uma assistência especial do Espírito Santo em consonância com o uso inteligente de estratégias racionalmente pensadas e inovadoras na captação de recursos e na sua aplicação eficiente. Outros, querendo ver um princípio demoníaco ou mal-intencionado a mover a Ordem inaciana, acusaram os jesuítas de usar artimanhas maquiavélicas e pouco apropriadas com os ditames do cristianismo. Em parte, podemos

afirmar que, como por vezes acontece com quem é muito bem sucedido, a Companhia acabou por ser vítima do seu sucesso, atraindo invejas e adversários que não suportavam aquilo que entendiam ser a concorrência dos jesuítas, especialmente quando estes levavam a melhor.

IHU On-Line – De que forma o protagonismo social e político dos jesuítas foi, ao mesmo tempo, o combustível de ascensão e queda da Companhia de Jesus?

José Eduardo Franco – O envolvimento dos jesuítas em assuntos temporais, nomeadamente no plano político e econômico, acabou por contribuir para fomentar conflitos e dificuldades várias. Apesar das vantagens em termos e alargamento de influência e de captação de recursos da presença da Ordem em esfera de decisão política e de investimento econômico, a liderança jesuítica muito notada em várias esferas acabou por trazer prejuízos graves para a sua imagem. Sem dúvida, podemos ver aqui alguns fatores explicativos da sua ascensão e queda, embora não possam ser absolutizados.

IHU On-Line – Como foi para os jesuítas integrarem uma ordem cató-

lica em um dia e no dia seguinte estarem expulsos, em alguma medida, sem rumo? O que isso significou para ordem?

José Eduardo Franco – Foi sem dúvida muito dramática a experiência de expulsão, exílio e extinção para aqueles que consagraram a vida toda a esta Ordem e ao seu ideal. Não obstante, a própria Companhia no seu conjunto acabou por fazer uma reflexão, uma revisão de vida, um exame de consciência que acabou por trazer lições de conversão de posturas e estratégias que se tornaram úteis quando da sua restauração. A experiência de queda acabou por proporcionar uma experiência de deserto, de despojamento em ordem a uma purificação e melhoramento espiritual. Se superadas, as crises podem acrescentar experiência e, no caso da Companhia, converter práticas e modos de estar na Igreja e na Sociedade. Penso que isso acabou por ser positivo para os jesuítas, que hoje constituem uma Ordem que, com uma grande experiência e patrimônio históricos, é muito prestigiada dentro e fora da Igreja, e continuam a desempenhar papéis relevantes em vários planos. Ainda hoje em dia os jesuítas têm no imaginário social e cultural uma marca de qualidade, prestígio e eficácia.

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Sacerdotes, administradores e empreendedores. As bases econômicas do projeto missionário jesuíta

Marcia Sueli Amantino resgata o modo como os jesuítas, homens de seu tempo, conquistaram a autonomia de seus Colégios por meio de concessões, arrendamentos e trabalho escravo

POR RICARDO MACHADO E ANDRIOLLI COSTA

Uma complexa estrutura econômica fundava as bases do projeto missionário jesuíta na América portuguesa. Com os planos de conversão de milhares de almas e na educação de um grupo privilegiado de colonos, era preciso que cada colégio angariasse fundos que lhes garantisse independência econômica. Conforme a historiadora Marcia Sueli Amantino, várias foram as soluções encontradas: “Além dos imóveis urbanos que eram alugados aos moradores das cidades, angariaram, através de doações reais ou particulares, imensas extensões de terras onde desenvolveram variada produção de gêneros primários e prestaram diversos serviços à população ou às autoridades”.

Os colégios, mais do que espaços de sacerdócio, ensino, socorro de enfermos, ou mesmo venda de carnes, tornavam-se o centro administrativo que controlava os interesses econômicos das fazendas, dos aluguéis, dos arrendamentos, da compra e venda de terras, gado e escravos. Além disso, “ao conhecerem melhor os diferentes grupos indígenas e perceberem um pouco mais sobre suas culturas, vistas muitas vezes como selvagens e inconstantes, perceberam que precisariam estabelecer regras mais eficientes de catequização, criando os aldeamentos”. Neles, os índios convertidos trabalhavam para o aldeamento, para os religiosos e para os colonos mediante um salário. Serviriam também “como mão de obra para as obras públicas, socorrendo as regiões em caso de ataques de outros índios e de estrangeiros”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a professora ressalta que a atuação da Companhia de Jesus estava em consonância com o horizonte social de sua época. “Assim, não é possível imaginar que em suas fazendas poderia haver algum outro tipo de trabalhador que não o escravo ou, no mínimo, um trabalhador compulsório. A base do crescimento econômico da or-

dem no período colonial foi a utilização da mão de obra escrava, assim como de qualquer outra ordem religiosa ou de indivíduo leigo”. O questionamento, no entanto, sempre ocorreu. E definir quem poderia e quem não poderia ser escravo, tanto entre índios quanto entre negros, era uma preocupação da Companhia.

Marcia Sueli Amantino possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF, com mestrado e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Concluiu ainda pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e pela Universidade de Évora, em Portugal. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Salgado de Oliveira – Universo, e lidera o Grupo de Pesquisa *Sociedades escravistas nas Américas*.

Amantino é co-coordenadora da Rede de Grupos de Pesquisa *Escravidão e mestiçagens* e do *Centro de Estudos da presença africana no Mundo Moderno*, liderados pelo prof. Eduardo França Paiva (UFMG). É também organizadora de diversos livros, entre eles *Santa Cruz: de legado dos jesuítas a pérola da Coroa* (Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013), *Povoamento, Catolicismo e escravidão na Antiga Macaé (séculos XVI-XIX)* (Rio de Janeiro: Apicuri, 2011) e *Escravidão, mestiçagens, ambientes, paisagens e espaços* (São Paulo: Annablume, 2011).

A professora coordena o Seminário temático simultâneo *A Companhia de Jesus e as bases econômicas de seu projeto missionário na América portuguesa*, na Unisinos, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. O evento, que se estende de 11 a 13 de novembro, das 9h às 12h, faz parte da programação do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração**. A programação completa pode ser encontrada em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual era o projeto missionário dos jesuítas na América portuguesa?

Marcia Sueli Amantino – O projeto missionário dos jesuítas na América portuguesa era o de salvar as almas dos colonos que, em teoria, já eram cristãos, trazê-los novamente para o seio da igreja e dos comportamentos católicos, e converter os indígenas à fé católica por meio do ensinamento do cristianismo. Inicialmente, acreditaram que os índios eram indivíduos puros e fáceis de serem convertidos. Porém, com o passar do tempo e com as inúmeras dificuldades enfrentadas por parte das resistências indígenas, os religiosos perceberam que a tarefa não era tão simples assim e tiveram que adaptar e negociar suas práticas cotidianas de conversão.

Ao conhecerem melhor os diferentes grupos indígenas e perceberem um pouco mais sobre suas culturas, entendidas não mais de forma positiva, mas vistas muitas vezes como selvagens e inconstantes, perceberam que precisariam estabelecer regras mais eficientes de catequização, criando os aldeamentos. Estes seriam terras ocupadas pelos índios sob a administração religiosa e temporal dos jesuítas. Os índios deveriam ser convertidos, trabalhar para o aldeamento, para os religiosos e para os colonos mediante um salário e servir também como mão de obra para as obras públicas, socorrendo as regiões em caso de ataques de outros índios e de estrangeiros.

IHU On-Line – Como, na América portuguesa, os jesuítas construíram suas bases econômicas?

Marcia Sueli Amantino – A base econômica dos jesuítas na América portuguesa foi construída, inicialmente, com a obtenção de sesmarias doadas pelos governadores gerais, na segunda metade do século XVI. Normalmente, os motivos alegados para essas doações eram os constantes e essenciais serviços prestados pelos religiosos na conversão dos índios e a consolidação da conquista numa dada região, bem como pelos papéis desempenhados na direção dos grupos indígenas que lutavam ao lado das autoridades.

Nessas sesmarias, os inácianos erguiam seus colégios e igrejas e, posteriormente, mais afastadas, suas fazendas. O projeto missionário jesuítico baseado na conversão de milhares de almas e na educação de um grupo privilegiado de colonos fez com que cada colégio necessitasse angariar fundos que lhes garantisse independência econômica. Várias foram as soluções encontradas por cada colégio e sempre em consonância com as práticas sociais e econômicas locais. Além dos imóveis urbanos que eram alugados aos moradores das cidades, angariaram, através de doações reais ou particulares, imensas extensões de terras onde desenvolveram variada produção de gêneros primários e prestaram diversos serviços à população ou às autoridades.

Os colégios eram, portanto – além de um espaço físico onde os padres ministravam suas aulas, socorriam enfermos, vendiam carnes, hospedavam pessoas importantes e, é claro, praticavam seus dogmas religiosos –, um centro administrativo que controlava os interesses econômicos das fazendas, dos aluguéis, dos arrendamentos, da compra e venda de terras, gado e escravos, bem como dos interesses dos aldeamentos tanto no que se refere aos aspectos religiosos quanto aos temporais.

Após o estabelecimento dos aldeamentos, esses tornaram-se também um motivo a mais para a entrega de terras para os inácianos, com a justificativa de que eram para a manutenção de grupos crescentes de nativos que estavam tornando-se cristãos e que atendiam e defendiam os colonos e as vilas e cidades em seus entornos.

Além das terras, os inácianos recebiam também doações de produtos, animais, imóveis e escravos. A partir dessas benesses, desenvolveram uma economia bastante eficiente e conseguiram, como poucos, mantê-la, ainda que passando em alguns momentos por graves crises financeiras.

IHU On-Line – Como foi a relação entre os jesuítas e os indígenas durante os séculos XVI e XVII por ocasião da chegada da Companhia de Jesus ao Rio de Janeiro?

Marcia Sueli Amantino – Na região onde mais tarde foi fundada a cidade do Rio de Janeiro, era comum, desde o século XVI, o desembarque de estrangeiros que se aliavam aos grupos indígenas inimigos dos portugueses e passavam a comercializar e a montar feitorias no litoral. Há inúmeras notícias de que franceses, flamengos e ingleses negociavam com eles e obtinham grandes carregamentos de pau-brasil. São comuns na documentação do século XVII e seguintes as constantes reclamações por parte dos moradores ou autoridades destas regiões de que os estrangeiros associados aos índios frequentavam o litoral, vivendo alguns, inclusive, entre os nativos.

O objetivo maior das autoridades para estas regiões era estabelecer núcleos populacionais que fossem não só capazes de desbaratar os contatos travados entre os estrangeiros e os indígenas, mas também conquistar estes últimos e torná-los súditos da Coroa Portuguesa, ou seja, aliados. A presença de estrangeiros colocava em perigo o domínio não só sobre esta área, mas também se receava que, a partir de pontos específicos deste litoral, os invasores conseguissem controlar as rotas do Rio da Prata, acessando, assim, a prata que saía de Potosi. Logo, esta era uma área estratégica no Sul do Brasil que precisava ser mantida a qualquer custo.

Na capitania do Rio de Janeiro, os jesuítas aportaram durante as tentativas de expulsão dos franceses e controle dos índios Tamoios na segunda metade do século XVI, e, vencidas as dificuldades iniciais, obtiveram em 1565, de Estácio de Sá, a primeira doação de terras na região com o intuito de edificarem seu colégio. Eram as terras chamadas de Iguaçu. Nela, além do colégio, foram estabelecidas as fazendas de São Cristóvão, o Engenho Velho e o Engenho Novo. Para tentar impedir as alianças entre índios e estrangeiros e garantir seu domínio, a coroa portuguesa lançou mão de algumas estratégias que iam além dos ataques às aldeias indígenas hostis: os aldeamentos jesuíticos.

Aldeamentos

Os aldeamentos foram um importante passo neste sentido, posto

que contribuíram para a pacificação dos índios, os retiveram como mão de obra e, acima de tudo, serviram como barreiras aos avanços de outros grupos hostis e impediam o desembarque de estrangeiros. Além disso, eram também centros fornecedores de homens para quaisquer necessidades. Estes índios, por exemplo, foram usados para impedir a entrada de piratas no litoral de Cabo Frio ou expulsar os que por ventura conseguissem desembarcar. Os índios aldeados de São Pedro do Cabo Frio tornaram-se especialistas nesta tarefa. Em 1617, no ano seguinte e, novamente, em 1630, conseguiram derrotar e expulsar os holandeses que buscavam Pau-brasil na região. Graças a isto, os jesuítas conseguiram as doações das sesmarias onde, anos depois, seriam fundadas as fazendas de Macaé, do Colégio e de Campos Novos. A justificativa para a solicitação era a de que os índios haviam sido essenciais na manutenção da área e que a cada dia aumentava o seu número e, portanto, precisavam de mais espaços. Os aldeamentos serviram, ainda, para proteger a cidade do Rio de Janeiro de tentativas de invasões de estrangeiros e de outros grupos indígenas vindos do interior.

Analisando este panorama, identifica-se que já no século XVII havia do lado Leste da cidade do Rio de Janeiro dois aldeamentos e quatro fazendas jesuíticas. Observando a distribuição geográfica das fazendas, verifica-se que estavam situadas em pontos estratégicos muito próximos aos aldeamentos em cada uma das regiões. A Fazenda de Santo Ignácio dos Campos Novos ficava localizada na região de Búzios, bastante próxima do aldeamento de São Pedro do Cabo Frio. A Fazenda de Sant'Anna, também chamada de Fazenda de Macaé, estava entre a do Colégio de Campos dos Goitacazes e a de Nossa Senhora da Conceição de Campos Novos. As três possuíam fortes ligações entre si. No Colégio, eram criados rebanhos para, posteriormente, serem enviados para engorda nas duas outras. De lá, saíam para abastecer o mercado do Rio de Janeiro. Numa região um pouco mais afastada deste complexo, verifica-se que o mesmo padrão ocorreu. Próximo ao aldeamento de São Barna-

bé havia a Fazenda da Papucaia. Os exemplos podem ser estendidos aos outros aldeamentos. São Lourenço ficava muito próximo à Fazenda do Saco de São Francisco Xavier. O aldeamento de São Francisco Xavier de Itinga, depois chamado de Itaguaí, se relacionava de maneira muito próxima com a Fazenda de Santa Cruz. Além destas fazendas maiores, também existiam os Engenhos que ficavam mais próximos à cidade do Rio de Janeiro e eram responsáveis por parte de seu abastecimento e dos aldeamentos em caso de necessidades, não apenas com alimentos, mas também com madeiras e peças de olarias.

IHU On-Line – De que maneira funcionava a estrutura de poder econômico e social construída pelos jesuítas desde o século XVI no Brasil?

Marcia Sueli Amantino – Os religiosos da Companhia de Jesus estavam inseridos nas lógicas sociais, econômicas e políticas do mundo colonial, e eram espaços agrários pautados por relações escravistas que lidavam com representações ligadas ao funcionamento desta sociedade. Administravam suas propriedades agrárias, transformando-se em senhores de terras e de cativos, ao mesmo tempo que eram membros de um universo religioso e como tal possuíam dogmas e comportamentos específicos que as sociedades, de uma forma ou de outra, esperavam que eles seguissem. Havia ainda outro complicador, pois ao administrarem os aldeamentos acabavam por controlar centenas de braços aptos ao trabalho e definiam quando, como, para quem e por quanto os índios trabalhariam.

Já na metade do século XVIII a Companhia de Jesus era a instituição que possuía o maior número de escravos nas Américas e milhares deles se encontravam na América lusa e na capitania do Rio de Janeiro; essa mão de obra se manteve estável por toda a centúria. Em 1759, no momento da expulsão dos jesuítas, eles possuíam, na capitania do Rio de Janeiro, cerca de 3.400 escravos. Essa mão de obra produzia para abastecer os aldeamentos/missões, as cidades próximas, ou mesmo outras localidades, mas, acima de tudo, era responsável pela geração de lucros para os Colégios dos

Jesuítas e para a Companhia de Jesus. Este enriquecimento será uma das justificativas para as constantes queixas proferidas contra a Companhia de Jesus. Acreditava-se que os inacianos teriam se distanciado de seus dogmas e se tornado ricos fazendeiros e/ou comerciantes.

Cada fazenda possuía suas próprias características e elementos constitutivos. Entretanto, havia alguns itens que estavam presentes em todas elas. Com exceção de algumas que acabaram ficando muito próximas aos centros urbanos, todas as outras eram centros criadores de bovinos, equinos, ovinos e caprinos. Contavam também com matas de onde retiravam madeiras que abasteciam as cidades e eram usadas na construção de casas, templos, edifícios públicos e também na fabricação de embarcações, que normalmente eram navegadas pelos índios dos aldeamentos/missões.

Produziam também produtos agrícolas típicos das regiões. Além disso, as fazendas contavam com espaços destinados aos trabalhos nas ferrarias, carpintarias e olarias, onde trabalhavam os escravos mais habilitados e mais caros dos plantéis. Para os que ficavam doentes, existiam as enfermarias/hospitais com boticas repletas de remédios e unguentos. Os livros que ensinavam a utilização destes, bem como os outros, ficavam nas bibliotecas, espaços no interior das casas dos padres, sedes de cada uma das fazendas. Próximo a elas, havia a igreja consagrada ao protetor da fazenda, as senzalas coletivas e as casas separadas para as famílias dos escravos, que eram bastante numerosos. Estes possuíam suas próprias roças e gado, que podiam ser vendidos nas feiras.

A montagem e manutenção destas estruturas econômicas agrárias por parte da Companhia de Jesus foi sempre justificada pela necessidade de gerar riquezas para que com ela ocorressem as condições propiciadoras do crescimento econômico, político e social destes religiosos na Colônia e, por que não, do próprio projeto colonizador.

A situação para os jesuítas não mudou muito do século XVI até a primeira metade do século XVIII e a documentação dá conta deste poder

exercido pelos inacianos através do controle local e regional. Todos os seus complexos econômicos propiciavam um grande poder político e econômico que só será alterado, no caso da América portuguesa, a partir de 1759 e em 1767 em terras da América espanhola, momentos em que foram expulsos.

A conjuntura não era mais a mesma dos séculos iniciais e diferentes categorias sociais começaram a pressionar e os jesuítas foram identificados como elementos de perigo às Coroas. Daí para suas expulsões foi um passo. Suas fazendas, escravos e bens foram confiscados e, posteriormente, leiloados. A expulsão dos mesmos e o confisco de seus bens definirão mudanças significativas nos rumos da catequese, das relações de poder e no controle sobre as terras e mão de obra. Antes, os jesuítas eram vistos como os únicos capazes de lidar com os indígenas e transformá-los em vassalos dos reis. Mas, a partir de uma série de mudanças significativas ao longo do século XVIII, a situação da Companhia de Jesus alterou-se radicalmente. De aliados, tornaram-se inimigos das principais monarquias católicas.

IHU On-Line – Até que ponto a ascensão da Companhia de Jesus na América Latina, especialmente no Brasil, deu-se por conta de sua perspectiva missionária e até que ponto foi por conta dos ataques a colonos e indígenas e à base da escravização?

Marcia Sueli Amantino – É importante perceber que a atuação da Companhia de Jesus no que diz respeito às suas práticas econômicas estava em consonância com o que fazia o restante da sociedade colonial. Assim, não é possível imaginar que em suas fazendas poderia haver algum outro tipo de trabalhador que não o escravo ou, no mínimo, um trabalhador compulsório. A base do crescimento econômico da ordem no período colonial foi a utilização da mão de obra escrava, assim como de qualquer outra ordem religiosa ou de indivíduo leigo. O que sempre foi questionado por membros da Companhia de Jesus era quem poderia ou deveria ser escravo, tanto para os índios quanto para os africanos. Nos dois casos, deveriam ser os capturados em guerras justas.

No caso dos índios, os obtidos por resgates, também chamados de índios de corda, poderiam ser escravos por um determinado tempo para cobrirem os gastos com sua salvação. Como para os africanos era quase impossível saber quem havia sido capturado em guerra justa, a Companhia de Jesus chegou à conclusão de que não valia a pena fazer esse tipo de pergunta a um desembarcado. O melhor a fazer, já que com a escravidão ele recebia uma chance de ser salvo por meio da conversão ao cristianismo, seria tratar o escravo bem e transformá-lo em um bom cristão.

IHU On-Line – Quem foram os principais opositores aos jesuítas no Brasil? Que conflitos de interesse havia entre a corte portuguesa e a Companhia de Jesus?

Marcia Sueli Amantino – Desde os anos iniciais da chegada dos jesuítas à América portuguesa, ocorreram alguns conflitos envolvendo os interesses dos religiosos, de um lado, e os colonos, de outro. A principal causa disso era, sem dúvida, a questão do controle sobre a mão de obra indígena. Os colonos queriam utilizar o maior número possível de indígenas como escravos, e os religiosos, tendo à frente alguns padres jesuítas, acreditavam e defendiam que apenas os aprisionados legalmente, por meio das guerras justas, poderiam tornar-se escravos. As leis de liberdade geral dos índios, é claro, transformavam a todos, pelo menos, em teoria, em homens livres. Os jesuítas lutavam para que pelo menos as leis fossem respeitadas e isso gerava uma série de disputas com os colonos e mesmo com as autoridades.

Entretanto, os padres jesuítas tiveram que lidar também com os questionamentos sobre seus privilégios econômicos. A produção dos inacianos, desde a provisão real de 17 de março de 1576, gozava da vantagem real de não ser taxada. Segundo esse documento, em função dos serviços prestados à Coroa na conversão dos gentios, no ensino e doutrina dada à população e nos benefícios espirituais deles decorrentes, e contando ainda que, para isto tudo, era necessária uma grande despesa por parte dos Colégios, o rei determinava que a

partir daquela data não fossem mais cobradas taxas na saída ou entrada de produtos. Bastava para isso que os religiosos comprovassem que os artigos eram seus.

Além disso, tinham permissão para desfrutar de embarcações próprias que transportavam de um lado para outro sua produção, sem qualquer fiscalização das autoridades. Por tudo isso, seus artigos possuíam valores muito melhores do que os dos colonos. Recebiam também produtos de fora com preços inferiores ao restante da população. Contudo, os religiosos estenderam esse privilégio ao pagamento dos dízimos, e isso gerou uma série de conflitos com as autoridades metropolitanas. Sempre que a situação política local ou na Península Ibérica não estava muito favorável aos interesses dos inacianos, tal querela vinha à tona e gerava uma série de documentos de parte a parte tentando provar quem teria razão. O fato é que os jesuítas nunca aceitaram pagar os dízimos.

IHU On-Line – O que levou o Marquês de Pombal a promover a expulsão dos Jesuítas de Portugal e do Brasil?

Marcia Sueli Amantino – Pelo que se pode observar na documentação, é inegável o poderio fundiário da Companhia de Jesus na América portuguesa e mesmo fora dela. Numa sociedade onde a dignidade social era medida pela posse da terra e pelo número de cativos que se possuísse, não há como não identificar os inacianos como uma ordem extremamente poderosa que amealhava privilégios e, com estes, condições favoráveis aos seus intentos. Os colégios eram geradores de grandes somas em dinheiro e em produtos. Mercadorias circulavam na colônia e muitas eram exportadas para Europa, África e Ásia. Uns colégios eram mais poderosos que outros e alguns possuíam dívidas, mas a maioria conseguia gerar lucros que eram reinvestidos na produção, na compra de cativos, de mais terras, de ferramentas e, é claro, de objetos de culto, de decoração para as igrejas e de manutenção das aldeias indígenas.

A posição estável dos jesuítas frente ao poder régio começou a sofrer reveses à medida que se apro-

ximava a segunda metade dos setecentos e teve como ponto decisivo a ordem de expulsão da Companhia de Jesus de todo o reino. Percebe-se que o banimento dos inacianos foi o clímax de um processo de desgaste da Ordem que já vinha se arrastando há alguns anos. Na colônia, as principais queixas eram contra o controle que os padres exerciam sobre a mão de obra indígena e sobre as melhores terras, bem como o fato de eles não terem seus produtos taxados nas alfândegas. Na corte, dentre outras reclamações, preponderavam a interferência da cúpula dos jesuítas nos negócios do Estado e também a alegada riqueza não tributada.

A partir daí, a situação dos padres da Companhia, que já era bastante difícil junto a Carvalho e Melo¹,

¹ Marquês de Pombal (1699-1782): Sebastião José de Carvalho e Melo, nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado,

ficou insustentável. Violentas campanhas apontando os religiosos como traidores da coroa e desobedientes das vontades reais irromperam por todos os cantos. O ponto culminante deste processo de descrédito da ordem inaciana frente aos interesses da coroa foi a suposta tentativa de assassinato régio. Acusados de terem conspirado contra o rei, foram declarados inimigos e banidos de todo o reino e colônias.

IHU On-Line – Após a supressão, quem “herdou” as propriedades dos jesuítas? Em que se transformou o poderio econômico deles no Brasil após a supressão?

Marcia Sueli Amantino – Junto com a ordem de expulsão dos jesuítas vieram documentos ordenando que todos os bens que eles possu-

am ainda hoje, uma das figuras mais controversas da História Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

íam deveriam ser inventariados e sequestrados para o tesouro régio. Os bens deveriam ser leiloados em praça pública pelos melhores preços que conseguissem e os valores obtidos deveriam ser enviados para os cofres de Lisboa. Entretanto, as terras jesuíticas, pelo menos as que ficavam em torno da cidade do Rio de Janeiro, eram bastante grandes e isso dificultava a venda. Assim, decidiram que venderiam as terras divididas em parcelas/chácaras para os que já eram arrendatários dos jesuítas. Já as fazendas mais afastadas do núcleo urbano foram leiloadas em sua totalidade, algumas, inclusive, com seus escravos. Outras, como foi o caso da Fazenda de Santa Cruz, nunca foram leiloadas. Assim, pode-se dizer que muitas pessoas ficaram com partes das terras que haviam pertencido aos jesuítas. A saída deles significou uma redistribuição agrária impactante, principalmente na cidade do Rio de Janeiro.

Acesse o Twitter do IHU em twitter.com/_ihu

Tweets

- Seguindo
- Seguidores
- Favoritos
- Listas

Siga IHU

Nome completo

E-mail

Senha

Inscriva-se

Tweets

- IHU @ihu** 29 m
Beneficiários do Bolsa Família no Vale do Sinos permanecem na linha da pobreza extrema bit.ly/ZuJuo3 Expandir
- IHU @ihu** 59 m
O mundo financeiro, altamente instável e fascinante bit.ly/Zs3UJu #blogihu Expandir
- IHU @ihu** 1 h
Tráfico de pessoas. A forma contemporânea de escravidão humana bit.ly/117SEJP

Liberdade e enfrentamento. Jesuítas no Paraguai, das Reduções ao exílio

Carlos Alberto Page explora a relação da Companhia com Encomendieros, índios Guarani e a própria coroa espanhola, que culminou na expulsão dos religiosos do país em 1767

POR ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: BENNO DISCHINGER

Um dos poderosos braços da contrarreforma da Igreja Católica, a Companhia de Jesus, através de seu trabalho missionário, deixou para trás o eurocentrismo do Vaticano e imbricou-se nos mais diferentes cantos do mundo. Na China, com Matteo Ricci, ou na Índia, com São Francisco Xavier, os jesuítas aprenderam o valor do diálogo – e não da imposição – e da inculturação, características fundamentais que se manifestaram nas Reduções que controlavam na América Espanhola.

Professor e pesquisador da cultura Guarani-jesuítica, Carlos Alberto Page destaca que o sistema de reduções já era conhecido entre os Guarani, graças à ação dos franciscanos. No entanto, “os frades permitiam a exploração da mão de obra de suas reduções. Os jesuítas se posicionaram com fervor contra o sistema, tanto para fazer respeitar as leis quanto por convicção própria”. Esta postura lhes causou sérios problemas, tanto com as demais vertentes do catolicismo quanto com os colonos.

“Desde que os jesuítas chegaram à América, houve sempre uma ‘campanha midiática’ de desprestígio a seu labor evangelizador, embora, na realidade, ocultava-se o desagrado que causava aos espanhóis a defesa feroz da liberdade das culturas originárias”, defende Page em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Assim, diversas iniciativas de difamação surgiram na Europa, tanto por parte do Marquês de Pombal em Portugal quanto do próprio Rei Carlos III, da Espanha.

Alertava-se, por exemplo, que os jesuítas levavam um exército de “silvícolas” para fazer frente à Coroa; ou ainda que sua república católica era um “estado dentro de um estado”. Intrigas que levantaram a opinião pública contra a Companhia e levaram à sua expulsão de todos os territórios espanhóis em 1767.

“A expulsão dos jesuítas supôs um dos fatos de corrupção mais patéticos da história americana”, critica o professor. Dentre as grandes perdas ocorridas, a nível

imaterial, ele ressalta as perdas para as próprias comunidades indígenas – mais tarde massacradas nas Guerras Guaraníticas. Assim, aos índios levou-se a cabo o “arrebato de um futuro de dignidade que tinham assegurado com estes grupos cristãos, respeitosos de suas culturas, [que] pôs fim à alternativa de sobreviver frente aos desígnios da conquista e ocupação”.

Carlos Alberto Page é graduado em Arquitetura pela Universidade Católica de Córdoba e doutor em História pela Faculdade de Filosofia, História e Literatura da Universidade de El Salvador. Atualmente é pesquisador independente do CIECS-CONICET, do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas*, na Argentina. É professor do mestrado e da especialização em *Cultura Guaraní Jesuítica*, da Universidad Nacional de Misiones, e do mestrado em *Patrimonio Artístico y Cultura en Sudamérica*, da Universidad de Buenos Aires. Por fim, ministra ainda o seminário *Precisiones sobre la presencia de la Compañía de Jesús en la antigua Provincia del Paraguay. Perspectivas de estudios*, na Universidad Nacional de Córdoba.

Page é autor de diversas publicações, das quais destacamos: *El Noviciado de Córdoba de la Provincia Jesuítica del Paraguay. Historia y recuperación arqueológica, 1607-1990* (Córdoba: CIECS-CONICET-UNC y Báez ediciones, 2013) e *Las otras reducciones jesuíticas. Emplazamiento territorial, desarrollo urbano y arquitectónico entre los Siglos XVII y XVIII* (Madrid: Editorial Académica Española, 2012).

O professor participa da Mesa-Redonda *Histórias de exílio nas memórias dos jesuítas expulsos da Província do Paraguai*, no dia 13 de novembro, das 14h às 16h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. O evento faz parte da programação do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração**, e a programação completa pode ser encontrada em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como se deu a relação entre jesuítas e os indígenas Guarani no Paraguai?

Carlos A. Page – Parece-me que o tema central desta relação foi o “serviço pessoal”, uma variante de escravidão, impulsionada pelos espanhóis. Embora os Guarani já conhecessem o sistema reducional através das primeiras reduções franciscanas, os frades permitiam a exploração da mão de obra de suas reduções. Os jesuítas se posicionaram com fervor contra o sistema, tanto para fazer respeitar as leis quanto por convicção própria. Isto lhes ocasionou sérios problemas, que foram se acumulando com o tempo. Exemplos se somam desde a chegada do Padre Torres¹ a Córdoba (1607), com o rechaço dos jesuítas da parte dos ‘encomenderos’ – o que exigiu trasladar os estudos superiores para o Chile; passando pelas quatro expulsões que os jesuítas sofreram de Assunção, numa das quais o bispo da jurisdição, frei Bernardo de Cardenas², lhes saqueou e queimou a Igreja; até a trágica Guerra Guaranítica³, demonstram

aquela convicção de estar ao lado dos despossuídos, dos excluídos, dos explorados, sequestrados, torturados e escravizados.

IHU On-Line – Quais versões existem sobre a relação entre os jesuítas e os Guarani? De que forma ela se diferenciou das demais experiências na América?

Carlos A. Page – O sistema reducional é iniciado nas Antilhas pelo próprio governador Nicolás de Ovando⁴, por instruções reais de 1501 e 1503, com a finalidade de facilitar a exploração racional dos indígenas e dos recursos naturais, com a consequente aculturação e o pretexto da evangelização. Seguiram-se algumas outras experiências que fracassaram, até que foi decidido que o clero regular se encarregasse das reduções.

Os primeiros a realizar este tipo de atuação foram os Jerônimos⁵ (1517-1519), embora ideologicamente o plano utilizado correspondesse ao modelo de Bartolomé de las Casas⁶ (1516), que buscava evitar a grande mortalidade dos nativos. A partir de então, foram experimentados todos os tipos de variantes reducionais, até mesmo as “aldeias” brasileiras, que os jesuítas levaram adiante em 1557 na Bahia.

A chegada ao Peru em 1568 impôs uma nova experiência para os inicianos, como foram as três redu-

ções que o vice-rei Toledo⁷ lhes impôs administrar ainda na qualidade de párocos, o que não estava contemplado nas Constituições da Instituição. No entanto, tiveram que suportá-la ante a pressão do vice-rei. Por certo, a esta altura do tempo, as experiências reducionais haviam acumulado todo tipo de antecedentes, em geral nefastos.

O primeiro contato que têm os jesuítas com os Guarani foi através das reduções franciscanas dirigidas por frei Luis de Bolaños⁸, que até lhes ensinou a língua. Desde então os jesuítas vão paulatinamente construir seu próprio modelo, baseado na experiência americana, com seus muitos erros e poucos acertos.

Entre as diferenças mais notáveis estava que os índios deviam reduzir-se em sítios o mais distante possível dos espanhóis. Buscavam proteger os índios das encomiendas⁹ – que estavam proibidas –, porém os súditos espanhóis não somente não respeitavam a proibição, como também se obstinavam na caça e escravidão de índios. Isso tanto os bandeirantes paulistas como os ‘comuneros’ de Assunção. De tal modo que conforme as reduções entre jesuítas e Guarani vão evoluindo no tempo, paralelamente vai se exacerbando a cobiça dos europeus, os quais tratam de, por todos os meios, desprestigiar o trabalho dos missionários para favorecer-se com a mão de obra indígena.

IHU On-Line – Qual a influência da Companhia de Jesus para a formação e o estabelecimento do idioma e da cultura Guarani no Ocidente?

1 **Diego de Torres Bollo** (1551-1638): primeiro provincial do Paraguai. Natural de Villalpando (Zamora), entrou na Companhia de Jesus em 1571, na província de Castella. Dez anos depois, já ordenado, chegou a Lima, Peru. Trabalhou em Cuzco, Quito e Potosi, até que em 1600 foi eleito procurador provincial nas cortes de Madri e Roma. No retorno, foi designado a fundar a vice-província do Novo Reino de Granada (Colômbia) e, em 1607, foi fundador e primeiro provincial da Província Jesuítica do Paraguai. (Nota da IHU On-Line)

2 **Bernardo de Cardenas**: bispo do Paraguai. Em 1652, escreveu um memorial ao rei da Espanha no qual acusava os jesuítas de investirem em escolas para “doutrinarem almas”. Em sua justificativa, remete até mesmo ao impasse entre a Companhia e o papado devido à experiência na China. (Nota da IHU On-Line)

3 **Guerra Guaranítica**: conjunto de conflitos violentos que envolveram índios Guarani e tropas espanholas e portuguesas. O embate se deu após a assinatura do Tratado de Madri, em 1750, que estabelecia outros limites para as terras de Portugal e Espanha. Como os Guarani que habitavam a região dos Sete Povos das Missões se recusaram a abandonar a região e se mudar para o outro lado do Rio Uruguai, os conflitos tiveram início e se estenderam até 1756. Para saber mais, leia a IHU On-Line edição 348 da IHU On-Line, de 25-10-2010, A experiência missionária: território, cultura e identidade, disponível em <http://bit.ly/ihuon348>. Veja também o livro A experiência mis-

sioneira: território, cultura e identidade (São Leopoldo: Casa Leiria, 2012). (Nota da IHU On-Line)

4 **Nicolás de Ovando y Cáceres** (1460-1511): militar e governador colonial espanhol, administrou a Ilha de Santo Domingo, nas Antilhas, entre 1502 e 1509. (Nota da IHU On-Line)

5 **Ordem de São Jerônimo**: Ordem religiosa católica de clausura monástica, prezadora do silêncio e da solidão, surgiu no século XIV. Fundada por São Jerônimo, foi aprovada no ano de 1373 pelo Papa Gregório XI. (Nota da IHU On-Line)

6 **Frei Bartolomé de las Casas** (1474-1566): frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas, no México. Foi grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Sobre ele, confira a obra de Gustavo Gutiérrez, *O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992), e a entrevista *Bartolomeu de Las Casas, primeiro teólogo e filósofo da libertação*, concedida pelo filósofo italiano Giuseppe Tosi à IHU On-Line 342, de 06-09-2010, disponível em <http://bit.ly/9EU0G0>. (Nota da IHU On-Line)

7 **Francisco de Toledo** (1515-1584): aristocrata e militar espanhol, foi o quinto vice-rei do Peru – posição que assumiu de 1569 a 1581. (Nota da IHU On-Line)

8 **Luis de Bolaños** (1549-1629): frade espanhol da Ordem dos Frades Menores. Foi um dos introdutores do sistema de reduções nos atuais territórios do Paraguai e da Argentina. (Nota da IHU On-Line)

9 **Encomienda**: instituição jurídica imposta pela coroa espanhola. Os membros do exército que se destacavam por seus feitos recebiam o direito de administrar pequenas parcelas de terra. Eram os chamados “encomenderos”, e tal qual um Senhor Feudal, recolhiam impostos dos indígenas da região. (Nota da IHU On-Line)

Carlos A. Page – É preciso ter sempre em conta as experiências, tanto de São Francisco Xavier¹⁰ na Índia e, sobretudo, de Mateus Ricci¹¹, que adaptou o cristianismo à realidade chinesa. Ainda que obviamente rechaçado pelo Papado, seu legado foi fundamental para as missões, pois o respeito pelas culturas originárias foi primordial. Dava-se atenção especialmente à língua, todas elas ágrafas e para as quais os jesuítas, com o fim de aprendê-las, criaram inumeráveis vocabulários.

Hoje conservamos vocabulários como o da etnia lule do Chaco, que se extinguiu. No entanto, o idioma perdurou graças a esses incontáveis “vocabulários” redigidos pelos jesuítas. Mas também não só respeitaram como difundiram essas culturas americanas, bastando assinalar as monumentais obras de Sánchez Labrador¹², Paucke¹³

“Embora os Guarani já conhecessem o sistema reducional através das primeiras reduções franciscanas, os frades permitiam a exploração da mão de obra de suas reduções”

ou Dobrizhoffer¹⁴, entre outros. Obviamente que os Guarani eram os “preferidos” dos jesuítas, e tanto seus vocabulários como sua cultura se difundiram até os confins da Europa, a tal ponto que atraiu o interesse de franceses, como Charlevoix¹⁵, ou de italianos, como Muratori¹⁶, prestigiosos historiadores europeus de seu tempo.

IHU On-Line – Quais as estratégias utilizadas pelos jesuítas para catequizar os Guarani, tendo em vista que eram um povo de divindades múltiplas e outro tipo de relação espiritual? Houve, como no Oriente,

gião do Chaco para evangelizar os indígenas Mocobi. (Nota da IHU On-Line)

14 Martin Dobrizhoffer (1717-1791): jesuíta austríaco, enviado ao Paraguai em 1749, onde trabalhou com os Guarani. Foi encarregado de fundar uma nova redução entre os abípones sobre o Rio Paraguai onde hoje é a Província de Formosa. (Nota da IHU On-Line)

15 Pierre-François-Xavier de Charlevoix (1682-1761): jesuíta e historiador francês, reconhecido como o primeiro historiador da Nova França (Canadá). (Nota da IHU On-Line)

16 Ludovico Antonio Muratori (1672-1750): historiador italiano, educado pelos jesuítas. É conhecido pela descoberta do Cânone Murator, uma cópia da lista mais antiga que se conhece dos livros do Novo Testamento. (Nota da IHU On-Line)

aproximações entre rituais católicos e dos locais?

Carlos A. Page – A experiência do Oriente – como dissemos antes – foi fundamental e base substancial de um método que o próprio santo Inácio levou às Constituições, que mantém e aplicam seus sucessores, principalmente Juan Alfonso de Polanco¹⁷ e São Francisco de Borja¹⁸. O método em si não era exclusivo para Guarani e consistia em ter um acabado conhecimento das culturas indígenas, sobretudo sua língua (Const. II). Neste sentido, assim como no Peru os jesuítas aprendiam o Quíchua e o Aymará, no Colégio e Noviciado de Córdoba era exigido que estudassem Guarani antes de terminarem seus estudos e serem enviados às missões. Tinham as experiências de exímios linguistas como Ruiz de Montoya¹⁹, entre muitos outros.

Também houve a formação e utilização de seculares auxiliares para o trabalho apostólico (e isto inclui os escravizados africanos, pois é conhecida a participação de catequistas morenas). Esta importante instituição, usada pelos jesuítas, regulamentada

17 Juan Alfonso de Polanco (1517-1576): jesuíta espanhol que foi secretário de Ignacio de Loyola entre 1547 e 1556. (Nota da IHU On-Line)

18 São Francisco de Borja: bisneto do papa Alexandre VI e de Fernando II de Aragão, era aristocrata espanhol. Foi governador da Catalunha até que, em 1546, larga tudo para ingressar na Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

19 Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652): padre jesuíta e linguista peruano, um dos pioneiros nas missões do Paraguai. Ingressou na Companhia de Jesus em 11 de novembro de 1606. Foi ordenado em Santiago del Estero em fevereiro de 1611. Foi superior das missões entre 1636 e 1637, e procurador na Europa, em 1639. Escreveu alguns clássicos para o estudo das missões indígenas da Companhia no Paraguai, entre elas: *Conquista Espiritual* (1639), *El tesoro de la lengua guarani* (1639) e *El arte y vocabulario y el catecismo*. No Peru existe a Universidade Antonio Ruiz de Montoya. Confira nas Notícias do Dia do IHU a matéria *O corpo e a sexualidade nas reduções jesuíticas*, de 28-10-2010, disponível em <http://bit.ly/ihu281010>. O texto apresenta o trabalho da pesquisadora Graciela Chamorro, que participou do XII Simpósio Internacional IHU: *A experiência missioneira: território, cultura e identidade*, conduzindo o minicurso *O corpo e a sexualidade nas missões jesuíticas*, tema inspirado nos livros escritos por Montoya. (Nota da IHU On-Line)

10 São Francisco Xavier (1506-1552): missionário cristão espanhol e apóstolo das Índias, um dos pioneiros e cofundador da Companhia de Jesus. Morreu na China, onde se preparava para cristianizar essa vasta região. Foi canonizado pelo Papa Urbano VIII. (Nota da IHU On-Line)

11 Matteo Ricci [Mateus Ricci] (1552-1610): missionário que viveu já em sua época os princípios básicos do Vaticano II, especialmente a inculturação e o diálogo inter-religioso. Depois de estudar direito em Roma, entrou na Companhia de Jesus, em 1571. Durante sua formação, interessou-se também por várias matérias científicas, como matemática, cosmologia e astronomia. Em 1577, pediu para ser enviado às missões no Leste da Ásia e, em 24 de março de 1578, embarcava em Lisboa, chegando a Goa, capital das Índias Portuguesas, em 13 de setembro do mesmo ano. Alguns meses depois, foi destinado para Macao, a fim de preparar sua entrada na China. Confira a entrevista realizada pela IHU On-Line com Nicolas Standaert, intitulada *O “caminho chinês”. A contribuição da China para o mundo*, disponível em <http://bit.ly/ihu281008>. Confira a edição especial da IHU On-Line intitulada *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, publicada em 18-10-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon347>. (Nota da IHU On-Line)

12 José Sánchez Labrador (1717-1798): naturalista, filólogo e jesuíta ordenado em Córdoba em 1739. Atuou especialmente entre os Guarani na região do rio Paraná-Paraguai e com os Mbaya do norte – com quem fundou a redução de Nossa Senhora de Belém, em 1760. (Nota da IHU On-Line)

13 Florian Paucke (1719-1780): padre jesuíta, missionário, apicultor, compositor e naturalista da Boêmia – atual República Tcheca. Chegou a Buenos Aires em 01 de janeiro de 1749, e foi enviado para a re-

por instrumentos legais da Coroa e do Pontificado, foram os “fiscais”, cuja função era a de suplantar o sacerdote, fundamentalmente ensinando a doutrina. Foram empregados desde o México até o Chile, lugar, este último, onde foram fundamentais por existirem 84 povoados com capelas, dirigidos por um “fiscal”, com faculdade de batizar e convocar à celebração da missa, sendo visitados anualmente pelos jesuítas. Inclusive os Guaraní, como outras etnias americanas, acompanhavam em grande número os jesuítas (ou sem eles) em percursos apostólicos pelos territórios de cada redução. Isto, nas cidades hispânicas, era conhecido como “missões circulares” ou “volantes”, que faziam pregando não só nos arredores da cidade, senão também pelas ruas e praças. E participavam os professores dos colégios, inclusive o reitor e o provincial.

Nas reduções havia, além disso, especial educação e atenção espiritual a caciques e, sobretudo, a seus filhos, pois estes tinham o poder de transmissão vertical a seus súditos. Estes pontos assinalados estavam incluídos nas Leis das Índias e tendiam tanto à evangelização como à conservação dos cristianizados, como também o estabeleceu o Pontífice Pio V²⁰ (1567).

Por último, dois pontos-chave que foram a benevolência e o cuidado não só do religioso, senão também do material e o tratamento verdadeiramente paternal dos jesuítas que, inclusive, eram permissivos em questões delicadas para a fé católica, porém sua aceitação era sumamente efetiva frente às imposições autoritárias. Finalmente, a evangelização foi possível pela altíssima e antiquíssima religiosidade guarani.

IHU On-Line – É possível considerar a experiência paraguaia como a de uma república “comunista” cristã, como propõe o padre dominicano Clovis Lugon²¹?

20 São Pio V (1504-1572): nascido Antonio Ghisleri, foi papa de 07 de janeiro de 1566 até a sua morte. Foi Beatificado no dia 27 de abril de 1672 e Canonizado no dia 22 de maio de 1712. (Nota da IHU On-Line)

21 Clovis Lugon: jesuíta e historiador suíço, autor de *A república comunista cristã dos guarani* (Rio de Janeiro. Paz e Terra,

Carlos A. Page – O termo “comunista” a muitos desagradou, porque nos séculos XVII e XVIII não “existia” o comunismo, o “comunismo de Marx²²”, e pelo que ele implica ideologicamente frente à religião. É como aqueles que rotulam a experiência guarani de “utopia”. No entanto, uma utopia é um mundo ideal, porém irreal, e este não é o caso das reduções que se desenvolveram com toda a amplitude de uma primitiva doutrina cristã, olvidada pelo poder da Igreja desde a Idade Média.

A “Utopia” de More²³ é a origem da busca de uma sociedade melhor, igualitária, inclusiva. Um bom intento de concretizá-la, e com isso deixar de ser utopia, foram as reduções Guaraní. No entanto, que curioso, tinham como objetivo impedir a exploração dos colonialistas escravistas, com um sistema comunitário que incluía o trabalho obrigatório para todos, e onde as terras, casas, instrumentos de trabalho e todo o trabalho produzido coletivamente eram da comunidade, e o cuidado de viúvas, órfãos e incapacitados, assistência religiosa, médica e educacional era para todos igual. Esse era o cristianismo em seus inícios e eram os principais postula-

1968). Veja a entrevista *A República Guaraní de Clovis Lugon*, com Antonio Cechin, publicada na edição 332 da IHU On-Line, de 07-06-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon332>. (Nota da IHU On-Line)

22 Karl Marx (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos *CADERNOS IHU ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. (Nota da IHU On-Line)

23 Sir Thomas More, ou Thomas Morus (1478-1535): advogado, escritor, político e humanista inglês. Foi executado por ordem do rei Henrique VIII e posteriormente canonizado pela Igreja Católica com o nome de São Thomas Morus. Sua obra mais famosa é *Utopia*, de 1516. (Nota da IHU On-Line)

dos marxistas. Ambos historicamente desvirtuados.

Ainda assim, estes princípios foram reivindicados por setores da Igreja, como foi o Movimento de sacerdotes para o Terceiro Mundo²⁴, que se colocaram junto aos despossuídos, com um profundo caráter humanista. Surgiram do Concílio Vaticano II²⁵ e, sobretudo, da progressista encíclica *Populorum Progressio*²⁶ do Papa e recente beato Paulo VI²⁷, que parece

24 Movimento de sacerdotes para o terceiro mundo: movimento carismático criado na Igreja Católica argentina, que buscou articular a ideia de renovação da igreja - após o Concílio Vaticano II - com uma forte participação política e social. (Nota da IHU On-Line)

25 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O IHU promoveu, de 11-08 a 11-11-2005, o ciclo de estudos *Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas*. Confira a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível em <http://bit.ly/mT6cyj>. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/o2e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Circulo*, disponível em <http://bit.ly/1cUuzfC>. (Nota da IHU On-Line)

26 *Populorum Progressio*: encíclica do papa Paulo VI, intitulada *O Desenvolvimento dos Povos*, emitida na páscoa de 1967. Ela teve uma grande repercussão no mundo, especialmente na América Latina. O documento está disponível online em <http://bit.ly/vaticanoll>. (Nota da IHU On-Line)

27 Papa Paulo VI: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu o Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas

redigida para os antigos jesuítas do Paraguai.

IHU On-Line – O que levou o rei Carlos III²⁸, da Espanha, a promulgar a *Pragmática Sanción*²⁹, expulsando os jesuítas do Paraguai?

Carlos A. Page – Esta é uma pergunta tão complexa, mas que, por sua vez, se pode sintetizar em uma só palavra: “ódio”. Carlos III representava o poder bourbônico na Europa, o qual se expressava num exacerbado absolutismo e regalismo, em que se avassalou a hierarquia eclesiástica ao seu poder real. Para a expulsão não se traçaram causas justificadas para semelhante decisão, que foi continuada por um processo de duvidosa legalidade. A Companhia de Jesus era contrária às ideias políticas que sustentava Carlos III e seu governo e, portanto, era preciso extirpá-la de uma sociedade onde gozava de autoridade moral. O desenvolvimento alcançado nas missões era um obstáculo para as reformas absolutistas da Coroa. Pois, ante o avanço econômico e cultural alcançado dentro daquela marginalidade geográfica, não constituíram nunca um estado autônomo ou independente, como maliciosamente se insistiu durante longo tempo. E dentro do regalismo bourbônico não era aceito outro espaço político além do próprio. Essa intolerância se manifestou numa série de paulatinas mudanças que lentamente deterioraram as tradicionais e estabelecidas relações entre a Igreja e a Coroa. Mas, também, na imediata erradicação dos programas de ensi-

“Também houve a utilização de seculares auxiliares para o trabalho apostólico, incluindo os escravizados africanos – pois é conhecida a participação de catequistas morenas”

no que difundiam pensamentos que questionavam o poder absoluto do Estado.

IHU On-Line – Pesquisadores afirmam que havia, na época, um temor da Europa frente à possibilidade de os jesuítas na América estarem formando exércitos de “silvícolas” para fazer frente à coroa. Qual a pertinência destes comentários? Havia realmente tal temor?

Carlos A. Page – Desde que os jesuítas chegaram à América, houve sempre uma “campanha midiática” (para usar um termo atual) de desprestígio a seu labor evangelizador, mas que, na realidade, ocultava o desagrado que causava aos espanhóis a defesa feroz da liberdade das culturas originárias. Inumeráveis informes injuriosos ao rei faziam com que os jesuítas, através de seus Procuradores, tivessem que ir até a Corte para desmentir as acusações. Não poucas vezes os opositores tornaram público seu repúdio aos jesuítas, como o ocorrido em Córdoba ou Assunção, que

mencionamos antes. Mas a Guerra Guaranítica intensificou e consolidou através dos argumentos antimonárquicos o aprofundamento desse descrédito. Muitos panfletos e textos de todo tipo se ocuparam em criar esse clima de “temor”. Destaquemos apenas dois.

Primeiramente a *“Relação abreviada da república dos jesuítas...”*, da qual em princípio se fizeram várias cópias depois da guerra. Esta foi a mais erosiva injúria que receberam os jesuítas, em que se destaca um despotismo jesuítico imposto com base na exploração dos Guaraní. Foi lançada de forma anônima em 1757, embora se saiba que o autor foi o marquês de Pombal³⁰. Foram publicados 20 mil exemplares, um número muito grande para a época! Foram inclusive traduzidas para o francês, italiano, alemão e latim.

O outro texto, intitulado *“Nicolás I rey de Paraguay y emperador de los mamelucos”*, se refere a um suposto monarca (não se aclara se jesuíta ou guaraní) que disputaria os domínios da Espanha. Obviamente é um livro anônimo, publicado na França em 1756, reimpresso em 1967, onde seus tradutores incluíram como ilustrações até uma suposta medalha comemorativa ao rei paraguaio, embora se desconheça a existência de alguma. Quer dizer que ontem como hoje a insegurança e o temor se transferem à sociedade de maneira impune a partir dos poderes máximos. E às vezes têm resultados catastróficos.

IHU On-Line – De que forma estes acontecimentos estão ligados à supressão da Companhia?

Carlos A. Page – Falávamos dos resultados catastróficos, referindo-nos justamente ao longo processo de expulsão dos jesuítas. Pois não se trata de um acontecimento isolado que sucede em 1767, senão que se vai construindo até as últimas consequências, como o foi a supressão de

relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da IHU On-Line)

²⁸ Carlos III da Espanha (1716-1788): rei da Espanha e das Índias Espanholas entre 1759 e 1788. Como rei da Espanha, Carlos III tentou salvar o império da sua decadência através de reformas profundas, tais como o enfraquecimento da igreja e dos seus mosteiros, promovendo a ciência e a investigação universitária, facilitou as trocas comerciais e o comércio, modernizou a agricultura e evitou envolver-se em conflitos armados. (Nota da IHU On-Line)

²⁹ *Pragmática Sanción de 1767*: Ordem do rei Carlos III da Espanha que determinava a expulsão dos jesuítas de todos os domínios da coroa espanhola, inclusive os além-mar. Mais do que isso, decretava a apreensão de todo o patrimônio da Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

³⁰ Marquês de Pombal (1699-1782): Sebastião José de Carvalho e Melo, nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas da História Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

1773. Pois, como mencionamos antes, os jesuítas sempre foram um incômodo. E as campanhas de desprestígio se sucederam, enquanto os Bourbon esperavam a oportunidade, embora fosse ridícula, para dar o bote.

Assim aconteceu com Portugal que, logo após o atentado contra José I³¹ em 1758, acusa de instigadores os nobres Távora³² e Aveiro, os quais foram despojados de seus títulos, de suas propriedades e toda sua família foi esquartejada. Também é acusado o jesuíta Gabriel Malagrida³³, por ser confessor das famílias e do rei. Por isso e sem mais, foi enviado à fogueira, e os jesuítas foram expulsos de Portugal no ano seguinte.

Isso logo sucederá aos jesuítas franceses, porque um mau negócio do jesuíta das Filipinas Antoine de Lavalette³⁴ obrigou a Companhia de Je-

“A Companhia era contrária às ideias políticas que sustentava Carlos III e seu governo e, portanto, era preciso extirpá-la de uma sociedade onde gozava de autoridade moral”

sus a pagar suas dívidas e, como esta não o fez, o Parlamento de Paris, com plena anuência de Luís XV³⁵, decidiu expulsá-los em 1762. Finalmente, na Espanha, envolvida numa profunda crise econômica, ante os suntuosos gastos de Carlos III, produziram um motim contra o ministro da fazenda, marquês de Esquilache³⁶. O rei confiou a investigação ao conde de Campomares³⁷ com uma sentença posta de antemão: que os culpados eram os jesuítas. E expulsaram os inicianos. Não contente com tudo isso, Carlos III enviou José Moñino³⁸ como embaixador em Roma, cuja missão era convencer e até redigir e fazer firmar ao Papa Clemente XIV o breve de extinção canônica, obtido em 1773. Por certo, ambos os protagonistas foram

pública contra a Companhia de Jesus, um dos fatores que levou a expulsão em 1763. (Nota da IHU On-Line)

35 **Luís XV da França** (1710-1774): conhecido como Luís, o Bem amado, foi o Rei da França e de Navarra de 1715 até sua morte. (Nota da IHU On-Line)

36 **Marquês de Esquilache** (1699-1785): Leopoldo de Gregorio, diplomata e político a serviço de Carlos III. (Nota da IHU On-Line)

37 **Conde de Campomares** (1723-1802): Pedro Rodríguez de Campomares, político, jurista e economista espanhol. (Nota da IHU On-Line)

38 **Conde de Floridablanca** (1728-1808): José Moñino y Redondo, foi estrategista e ministro de Carlos III, da Espanha. (Nota da IHU On-Line)

compensados, um com o título de Conde de Floridablanca e o outro com a restituição dos reinos de Benevento e Avinhão.

Passaram-se 41 anos, os protagonistas mudaram e o Papa Pio VII³⁹ restituiu o pouco que havia ficado da Companhia de Jesus num ato solene onde pessoalmente e na própria Igreja del Gesù entregou aos escassos 120 sobreviventes a Bula de 1814.

IHU On-Line – Como se deu a expulsão dos jesuítas do país? Houve muita truculência? O que passaram estes religiosos que de repente se viram nesta situação?

Carlos A. Page – O exílio representa um dos mais sentidos dramas do ser humano. Nascido da intolerância para um pensamento diferente, nunca deixa de apresentar-se como a ferramenta mais usada pelos opressores para encaminhar os seus rivais ao confinamento. A expulsão dos jesuítas foi um ato de despotismo em que cerca de 5 mil religiosos foram sentenciados à condenação do exílio, por um decreto real e sem juízo prévio, incluindo pena de morte se regressassem. As injustificadas acusações variavam entre os crimes mais atrozes, sem se ter escutado a defesa de um só dos acusados. Indubitavelmente, e para nosso caso em particular, a expulsão significou uma perda com consequências negativas para o desenvolvimento cultural ibero-americano.

Repentinamente se ausentaram centenas de prestigiosos professores, cientistas e missionários que haviam trazido à sociedade uma rica herança cultural. Muitos destes mesmos personagens escreveram as notícias do que significou o padecimento do exílio numa viagem quase interminável. Estes relatos começam com uma breve descrição do lugar onde se encontravam, seguido do momento em que irrompem os soldados e é feito o traslado como prisioneiros. Por estes textos descritivos conhecemos os acontecimentos daqueles dias, que podem ser analisados dentro de várias perspectivas. Mas, a mais impor-

39 **Papa Pio VII** (1740-1823): monge beneditino, nascido Barnaba Chiaramonti, foi Papa da igreja católica de 1800 até sua morte. (Nota da IHU On-Line)

31 **Dom José I de Portugal** (1714 - 1777): conhecido como O Reformador, foi Rei de Portugal da Dinastia de Bragança desde 1750 até à sua morte. Em 3 de setembro de 1758 sofre uma tentativa de regicídio, que levou a subsequente expulsão dos jesuítas do País - acusados de complô. (Nota da IHU On-Line)

32 **Processo dos Távoras**: escândalo político português do século XVIII. Os acontecimentos foram desencadeados pela suposta tentativa de assassinato do Rei D. José I em 1758 e culminaram numa execução pública em Belém. Os acusados, entre eles Dom Francisco de Távora e seus dois filhos, eram membros da nobreza. Ainda assim, sob circunstâncias escusas, foram julgados, espancados, esquartejados e depois queimados. A brutalidade da pena contra a nobreza chocou a Europa. Suspeita-se de armação. Entre os que sofreram a pena estava o jesuíta Gabriel Malagrida, confessor dos acusados, que foi tido como cúmplice. Esta foi a deixa para a expulsão da Companhia de Jesus do país. (Nota da IHU On-Line)

33 **Gabriel Malagrida** (1689-1761): jesuíta italiano, missionário no Brasil e pregador em Lisboa, que depois de condenado por heresia no âmbito do Processo dos Távoras, foi garrotado e queimado na fogueira num auto-de-fé realizado no Rocio de Lisboa. Sobre Malagrida leia as entrevistas com o cineasta Renato Barbieri, diretor de um documentário sobre o jesuíta, intitulada *Malagrida, um humanista radical*, na edição 196 da IHU On-Line, de 18-09-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon196>. Veja também *Bastidores do filme Malagrida e o cinema brasileiro*, entrevista com Renato Barbieri no sítio do IHU, de 02-10-2006, disponível em <http://bit.ly/ihu021006>. (Nota da IHU On-Line)

34 **Antoine de Lavalette** (1708 -1767): jesuíta francês e missionário, abandonou a Companhia de Jesus em 1762. Foi a origem de um escândalo financeiro que contribuiu bastante para jogar a opinião

tante era a de deixar na memória um acontecimento carregado de injustiças de que foram vítimas.

Os jesuítas se acomodaram à sua nova vida no exílio, que também o foi para suas instituições, pois o Colégio Máximo da Província do Paraguai continuou funcionando no exílio, primeiro em Ímola e logo em Faenza, contando com sete professores que chegaram a ter 60 alunos. E seguiram escrevendo num eterno rememorar suas vivências com seus amados índios que em todo momento recordavam e queriam mostrar ao mundo como seres extraordinários.

IHU On-Line – A riqueza dos jesuítas ganhou caráter lendário no Paraguai, gerando inclusive histórias sobre lugares escondidos onde o tesouro dos jesuítas teria sido ocultado durante a expulsão da Companhia pela coroa espanhola. De onde viria esta suposta fortuna? O que foi feito dela após a expulsão, em 1767?

Carlos A. Page – A expulsão dos jesuítas supôs um dos fatos de corrupção mais patéticos da história americana. Não esconderam nenhum tesouro e tudo o que tinham foi confiscado, isto é, roubado, sem indenização de nenhum tipo. Os governadores mandaram os soldados que não só expulsaram de suas casas os jesuítas, senão que também deviam fazer inventários e taxações. Em seguida enviaram administradores que saquearam esses bens, que perderam uns 70% de seu valor, para logo argumentar que, obviamente, não eram rendosos e era preciso vendê-los. E eles mesmos terminam comprando-os a preços irrisórios e em longas quotas quinquenais. Poucas vezes as pagaram e, apesar das reclamações dos poderes da justiça, com as independências políticas pouco tempo havia para esses reclames, e assim terminaram. Pois todos estes fatos deixaram um antecedente inextinguível das políticas latino-americanas dos séculos seguintes, de despojamento, entrega e, sobretudo, de impiedade moral. Por outra parte e com respeito aos nativos, o resultado do arrebatamento de um futuro de dignidade que tinham assegurado com estes grupos cristãos, respeitosos de suas culturas, pôs fim à alternativa

“A palavra ‘jesuíta’ havia deixado de ser usada e até era conveniente não empregá-la. E custou muito reverter esta situação de injustiça, porque incluía a perda da memória”

de sobreviver frente aos desígnios da conquista e ocupação.

IHU On-Line – Como é hoje a presença da Companhia de Jesus no Paraguai?

Carlos A. Page – A Companhia de Jesus, embora restaurada em 1814, quando dela restava somente um punhado de anciãos, chegava altamente desprestigiada. Todos estes antecedentes que mencionamos como “campanha midiática” haviam causado os efeitos esperados em grande parte da sociedade em todo o mundo. A palavra “jesuíta” havia deixado de ser usada e até era conveniente não empregá-la. E custou muito reverter esta situação de injustiça, porque incluía a perda da memória. Os jesuítas atravessaram um século XIX carregado de problemas políticos e institucionais. Voltavam a ser rechaçados uma e outra vez. Porém, ao meu humilde entender houve um gonzo que foi a Congregação de 1892 que elegeu o P. Luis Martín⁴⁰ como Preposto Geral.

⁴⁰ Luis Martín García (1846-1906): jesuíta espanhol, eleito o 24º Superior Geral da Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

A partir de então os jesuítas sentiram que deviam fazer conhecer ao mundo seu passado de glórias e admiráveis entregas para “o outro”. E a valoração dessa história se materializou na criação do Arquivo Romano do Instituto (ARS), na confecção do Atlas do P. Carrez⁴¹ (1900), do Colégio de Escritores cuja missão fundamental foi escrever as histórias da Companhia através de suas antigas Assistências. Assim, a de Portugal a escreve o P. Francisco Rodrigues⁴², a de Espanha o P. Antonio Astraín⁴³, e outros grandes colaboradores, como o foram em nosso meio os Padres Pablo Pastelles e, sobretudo, Pablo Hernández, os quais, junto aos padres Carlos Leonhardt⁴⁴ e Guillermo Furlong⁴⁵, se constituíram na base fundamental de uma historiografia que revalorizou o legado cultural dos jesuítas, multiplicado hoje em centenas de estudiosos do passado.

As reduções, como âmbitos daquela epopeia, foram restauradas e mostradas a um mundo absorto que com tanta admiração chegaram a ser reconhecidas como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Todo um longo processo de reivindicação no qual jamais um Carlos III, ou um Pombal, ou um Moñino teriam pensado que, depois de tantos anos, hoje a Igreja Católica fosse governada por um Papa jesuíta, proveniente daquelas terras que deram origem a tanta injusta malícia.

⁴¹ Atlas Geographicus Societatis Iesu [Paris] (1900): escrito pelo jesuíta Ludwig Carrez. (Nota da IHU On-Line)

⁴² Francisco Rodrigues: autor de *Jesuítas portugueses astrônomos na China: 1583-1805*. (Porto: Tipografia Porto Médico, 1925). (Nota da IHU On-Line)

⁴³ Antonio Astraín: autor de *Historia de la Compañía de Jesus en la asistencia de Espana*, 6 vols (Madrid, 1912-1920). (Nota da IHU On-Line)

⁴⁴ Carlos Leonhardt (1869-1952): jesuíta responsável por traduzir do latim cartas que contavam a história da Companhia. (Nota da IHU On-Line)

⁴⁵ Guillermo Furlong (1889-1974): historiador jesuíta argentino. Escreveu mais de 80 livros e cerca de 1500 publicações. Algumas de suas obras são *Glorias santafesinas* (1923), *Los jesuítas y la cultura rioplatense* (1930), *El padre Quiroga* (1930), *La enciclopedia rioplatense de José Sánchez Salvador* (1930) e *Cartografía jesuítica del Río de la Plata* (1936). (Nota da IHU On-Line)

O Barroco que *Habla Guarani*. Cultura, arte e arquitetura jesuítica nas Américas

Jacqueline Ahlert resgata as características e peculiaridades de uma cultura material única e amálgama, que não pode ser reduzida a um “barroco missioneiro”

POR ANDRIOLLI COSTA

Da relação entre o jesuíta europeu e os povos nativos das Américas, surge uma cultura híbrida. Um “amálgama entre os acervos culturais e tecnológicos”, como propõe a historiadora Jacqueline Ahlert. De artesanatos em couro a instrumentos musicais, de esculturas barrocas a sinos e castiçais, era possível dizer que “os *pueblos* missionários converteram-se em grandes centros culturais, com artífices especializados nas mais diversas áreas – em alguns aspectos mais atualizados em referência à Europa do que os centros urbanos circunvizinhos”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a professora ressalta que a arte, “intrínseca ao âmbito litúrgico-cultural dos *loyolistas*, foi utilizada como instrumento didático mediador da compreensão dos preceitos da religião católica romana por parte dos indígenas”. No entanto, ela não agia sozinha. A retórica, o calendário litúrgico, as festividades, a organização social e econômica, o urbanismo também eram elementos que corroboravam para a catequese indígena.

Para ela, não é possível dimensionar os “prejuízos culturais” decorrentes da expulsão dos jesuítas das Américas – e de sua posterior supressão. Isso porque os “danos infringidos aos bens culturais provenientes da experiência missional continuam ocorrendo”. Uma perda histórica, pois este material, ainda que

compartilhando características do barroco europeu, era fundamentalmente único e resultado dos processos híbridos. “Se as imagens são um visível-falar, as madeiras *hablaban guarani*”, destaca ela.

Jacqueline Ahlert é graduada em Artes Plásticas, com habilitação em Educação Artística pela Universidade de Passo Fundo – UPF, onde também fez mestrado em História. Na Pontifícia Universidade Católica – PUC-RS concluiu doutorado em História Ibero-americana. Atualmente é professora da UPF e coordenadora da Especialização em Artes Visuais: fotografia, vídeo e outras tecnologias. É pesquisadora do Programa de Pesquisas Interdisciplinares da Região Platina Oriental, que recebe apoio do CNPq e da PUC-RS, e pesquisadora-responsável pelo inventário do acervo de estatúária missionária e colonial, do Núcleo de Documentação Histórica do Mestrado em História – PPGH-UPF.

A professora coordena o Seminário temático simultâneo *Cultura material, arte e arquitetura jesuítica nas Américas*, na Unisinos, na Sala 1F103. O evento, que se estende de 11 a 13 de novembro, das 9h às 12h, faz parte da programação do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração**. A programação completa pode ser encontrada em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais foram as grandes contribuições dos jesuítas para a cultura material, as artes e a arquitetura nas Américas?

Jacqueline Ahlert – Os jesuítas, ao proporem a cristianização aos indígenas americanos, seja nas Missões

de Maynas, Moxos, Chiquitos ou da Paracuária, acabaram também por possibilitar a formação de um amálgama entre os acervos culturais e tecnológicos dessas sociedades e os cristão-europeus. Os *pueblos* missionários converteram-se, sobretudo no

decorrer do século XVIII, em grandes centros culturais, com artífices especializados nas mais diversas áreas, em alguns aspectos mais atualizados em referência à Europa do que os centros urbanos circunvizinhos. Nestes havia oficinas de onde saíam os mais varia-

dos artefatos, de louças a instrumentos musicais, de selas para os cavalos a oratórios, esculturas e pinturas, de sinos a castiçais.

Enfim, quase tudo daquilo que requeria o povoado e as demandas de comercialização. O número de oficineiros variava conforme o seu tamanho, podendo ultrapassar os quarenta. Toda essa produção foi possível pela conjugação dos acervos e conhecimentos, os indígenas dominavam o meio, os jesuítas introduziram novas técnicas; estas foram adaptadas ao novo contexto, técnicas nativas se mantiveram, e assim sucessivamente.

Deste modo, afora a produção para demanda interna, a comercialização de instrumentos musicais e obras sacras pode ser indicativa das contribuições da organização jesuítica. Entretanto, para além dos remanescentes arquitetônicos e escultóricos vinculados às doutrinas – alguns transformados em Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO –, o conhecimento que os indígenas adquiriram estendeu-se por paragens mais vastas que aquelas do domínio das Missões. Durante parte do século XVIII e no século XIX, os missionários foram considerados a mão de obra especializada de grande parte da América Meridional, por exemplo.

IHU On-Line – De que forma a arte foi utilizada como instrumento de catequização?

Jacqueline Ahlert – Em todos os seus potenciais comunicativos. A arte, intrínseca ao âmbito litúrgico-cultural dos *loyolistas*, foi utilizada como instrumento didático mediador da compreensão dos preceitos da religião católica romana por parte dos indígenas. Além de suprir a dificuldade de comunicação oral nos primeiros contatos, contribuiu na introdução de um novo panteão de divindades às populações ameríndias.

Este domínio compreende a musicalidade, a teatralidade e a iconografia de composições persuasivas. Nas tentativas iniciais realizadas em “missões volantes”, estandartes de Nossa Senhora Conquistadora eram carregados; oratórios portáteis, com estampas e esculturas, em frente aos

quais eram ministrados sacramentos, acompanharam as campanhas de catequização mesmo depois de instaladas as doutrinas.

No entanto, não devemos circunscrever tais estratégias a uma ação inicial, tampouco isolada. Junto a elas estavam a retórica, o calendário litúrgico, as festividades, a organização social e econômica, o urbanismo, entre outros. Todos os elementos que convergiam na manutenção do discurso jesuítico.

Gradativamente, o papel atribuído aos santos, cujas imagens estiveram presentes em todos os momentos e espaços missionários, foi se complexificando. Na perspectiva duradoura estabelecida pelas orientações contrarreformistas, as obras e os gestos instituíam uma sequência lógica: imitação, gestualização e indução.

As formas artísticas, nos seus objetivos expressivo, persuasório e comunicativo, acabaram por fazer com que essa mesma propensão atingisse além da esfera espiritual, a social, colocando-as sob a égide de um modo peculiar de representação, fosse ele nas atividades litúrgicas cotidianas, fosse nas festivas.

IHU On-Line – Por que o Barroco era considerado a arte da contrarreforma?

Jacqueline Ahlert – O Barroco passa a ser reconhecido como estilo no século XVIII e conceituado de modo depreciativo pela sua feição extravagante. No contexto da formulação de respostas à Reforma Protestante, no Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, o que se constitui foi estratégias de manutenção da hegemonia católica, não exatamente um novo estilo artístico.

O Concílio sistematizou as estratégias de evangelização, destacando a potencialidade das imagens. Promulgou, em sua última sessão de trabalho, o decreto sobre a invocação, a veneração, as relíquias dos santos e as imagens sagradas.

A repercussão da doutrina tridentina não seria a mesma caso não estivesse fortalecida e promovida pela expansão colonial ibérica. O obstáculo reformista empolgava a Europa

e ameaçava de isolamento os países peninsulares católicos. O catolicismo, fosse como religião, fosse como expressão política, viu na saída para a América a manutenção de sua supremacia. A ideologia contrarreformista introduziu e fixou as formas multifárias do Barroco. Além de ter a estética da conquista, seu componente de celebração dialogou com os cotidianos das populações europeias e estabeleceu interfaces com as culturas animistas.

O mais importante neste sentido talvez seja compreendermos que o Barroco atrelou diferentes formas de representação, conformando uma “arte totalizante” voltada aos sentidos, numa ambiência barroquizante além das suas manifestações estéticas.

A mecânica comunicativa barroca na América contemplava as manifestações imateriais das orquestras, coros em latim, missas, procissões, danças e encenações, celebrações sacras, jogos e recepção de autoridades até as vestimentas especiais, a gestualização e organização teatral em que eram dispostas as imagens no interior da igreja. Conforme o motivo celebrativo, as intervenções formavam sobre o espaço central do povoado uma nova e efêmera cenografia de arcos triunfais, altares portáteis, capelas domésticas, fogos, flores, plumagens. As chamas das velas, tochas, incensos, os toques dos sinos e outros mecanismos de persuasão causavam deslumbramento na população autóctone.

IHU On-Line – De que forma a arte barroca se relaciona com o dualismo da sociedade ocidental daquele período? Como isso se refletia no trabalho jesuíta?

Jacqueline Ahlert – Apesar de a ordem jesuítica haver sido criada no cerne da idealização da didática barroca como linguagem persuasória adequada à catequização, alguns subsídios indicados pelo Concílio de Trento¹ ti-

¹ **Concílio de Trento:** realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão

veram de ser adaptados à filosofia e estética loyolistas. De modo que os excessos ornamentais do barroco foram suavizados, como se percebe na comparação dos templos jesuítas com os franciscanos, para elucidar. Como elaboração plástica, Sustercic² afirma que o estilo barroco alcançou as doutrinas paraguaias somente com a chegada de José Brasanelli³, arquiteto, pintor e escultor que trabalhou nos *ateliers* missionários de 1691 até 1728. No auge da expressividade barroca, por vezes, importaram mais as concepções defendidas pelo fundador da Companhia, como austeridade e simplicidade, do que ilusionismos e assimetrias.

É bastante impreciso transferirmos o contexto dualista da sociedade ocidental à realidade dos povoados missionários. Ancorar argumentações no texto conciliar, no âmbito artístico, seria igualmente complexo. Embora tenha apontado para um novo direcionamento, no sentido de buscar o controle sobre a execução dos novos programas iconográficos, este não impôs de fato nenhum sistema de regras muito preciso para a execução das representações sacras. A leitura de um “estilo” dificilmente corresponde a realidades complexas e de longa duração como a da experiência vivenciada entre jesuítas e indígenas em 159 anos, servindo somente e, variavelmente, como orientação.

IHU On-Line – De que modo representações culturais e imagéticas com iconicidades tipicamente europeias foram influenciadas pelo intercâmbio cultural com as Américas?

Jacqueline Ahlert – A escultura, a pintura, a arquitetura e a música estão entre as principais manifestações que condensaram o amálgama das influências formadoras da sociedade missionária, conformando a cristandade e o animismo num contexto de reorganização e modificações parciais no espaço social, na projeção do

imaginário e das práticas simbólicas. Como produtos de um desenrolar histórico, as produções artísticas estiveram relacionadas a elementos de imposição, interpretação, assimilação e resistência.

As esculturas – sobretudo as de pequeno porte, de uso doméstico e particular – se afirmam pela expressão da historicidade. Nelas, “a cópia do gentil e nítido semblante de Santo Antônio era formulada pelo fusco carão de um índio, com todas as feições e gestos”, como observou um militar já em tempos de dispersão dos missionários; Cristos podiam usar *vinchas* no lugar da coroa de espinhos; santos, botas de garrão de potro; Nossas Senhoras, cabelos longos e negros como os das índias; anjos, feições de piás da terra. As vestes das santidades cristãs foram marcadas pelo movimento rígido e organizado do desenho esquemático, milenarmente presente no grafismo indígena.

O maracá, na música, faz apologia à construção de um terceiro elemento, nem europeu, nem guarani, mas missionário. Esse instrumento, dotado de certa santidade e força mágica que vem de sua “voz”, como já definiram alguns jesuítas, símbolo ritual guarani, foi incorporado como instrumento musical na liturgia missionária – como mostra o friso dos anjos músicos na igreja de *Trindad* –, mas nesse momento já havia perdido aspectos de sua origem ritual e já se encontrava, no âmbito das doutrinas, desligado de suas virtudes xamânicas.

Entre outros inúmeros exemplos que poderíamos citar, presentes nas técnicas arquitetônicas, na cerâmica, no uso de pigmentos, etc.

IHU On-Line – O estatutário jesuíta produzido por indígenas Guarani difere totalmente da representação tradicional cristã. Da mesma forma, em países andinos, é comum encontrar elementos da cultura local em pinturas e peças cristãs. De que forma estas hibridizações eram encaradas pela Igreja?

Jacqueline Ahlert – Flexibilizar e fazer concessões fazia parte da didática jesuítica. Podemos ilustrar com uma passagem registrada pelo padre

Cardiel⁴, em 1758. Para compor um bom coral, escolhiam-se os de melhor voz, “ainda que vivessem como bárbaros”, afirmava o padre. Entre o número relevante de infiéis que iam aderindo ao cristianismo sem pressa, havia os que jamais se batizariam, mas, ainda assim, demonstrando aptidão, podiam desempenhar funções importantes na redução, como compor o grupo de músicos. Afinal, aos fiéis que bons músicos traziam à igreja certamente compensava relevar algumas faltas. O mesmo acontecia, possivelmente, com a ressignificação iconográfica e com a apropriação de elementos nativos.

É importante destacar que isso não conjectura a inexistência de hierarquias no sistema. Os curas acompanhavam de perto as atividades, e a maioria dos ofícios importantes era encarregada aos congregados. Competia a este seleto grupo a mediação entre os dois segmentos que compunham os povoados, o da área jesuítica e o setor indígena.

Foram justamente as mediações que possibilitaram a existência de “fendas” no bloco jesuítico onde pode infiltrar-se o anseio criativo do índio artesão, desejo latente de atribuir sentido às representações religiosas.

IHU On-Line – Qual o legado jesuíta para a cultura imaterial das Américas?

Jacqueline Ahlert – A estrutura arquitetônica e material remanescente das antigas Missões é, também, referência cultural para as inúmeras comunidades Mbyá-Guarani que habitam a região próxima aos sítios arqueológicos, a exemplo de São Miguel Arcanjo e que, de modo significativo, também frequentam estes espaços.

Neste sentido, pesquisas interdisciplinares têm contemplado os sentidos conferidos por estas comunidades à história e ao patrimônio material, configurando a imaterialidade do patrimônio na duração de práticas e cultos. Projetos como o Crespial, em vários pontos da América Latina

pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da IHU On-Line)

² Darko Bozidar Sustercic: autor de *El Barroco en el Mundo Guaraní*. (Nota da IHU On-Line)

³ José Brasanelli (1659-1728): sacerdote jesuíta, arquiteto, pintor, cenógrafo e escultor italiano. (Nota da IHU On-Line)

⁴ José Cardiel (1704-1782): jesuíta missionário reconhecido por sua obra como naturalista e geógrafo. (Nota da IHU On-Line)

e o “Inventário Nacional de Referências Culturais da Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo”, do IPHAN, concluído em 2007, constituem exemplos desse processo.

Afora a existência de projetos sistematizados, por toda América ainda realizam-se celebrações aos moldes das antigas festividades missionárias. É possível acompanhar esta permanência nas narrativas de militares e viajantes durante todo o século XIX, mesmo em meio aos conflitos bélicos. Adentrando o século XX e XXI, são expoentes destas manifestações as festividades de Corpus e da Semana Santa.

IHU On-Line – Com a supressão da Companhia, muitas de suas obras de arte foram confiscadas ou destruídas. É possível dimensionar os prejuízos culturais destes atos?

Jacqueline Ahlert – Creio que não seja possível dimensionar, pois os “prejuízos culturais” infringidos aos bens culturais provenientes da experiência missionária continuam ocorrendo. A Guerra Guaranítica enfraqueceu toda conjuntura, contudo, a expulsão da ordem da América espanhola, em 1768, foi o grande golpe. Medidas verticais e distantes da historicidade construída na experiência comunitária potencializaram os inconvenientes dos anos sucessivos à supressão da Companhia.

Os *pueblos* foram constantemente saqueados. Suas posses, como sinos, pinturas, esculturas, castiçais e outras peças em prata, eram itens raros em outras localidades. De modo que os bens foram “pulverizados”, fosse através de roubos, fosse através dos êxodos de grupos de missionários, como o conhecido deslocamento promovido por Rivera. Inúmeras cidades uruguaias possuem sinos provenientes dos Povos Orientais.

A Casa da Prata, em Porto Alegre, na década de 1830 abrigava mais de 60 arrobas de prata provenientes dos povoados missionários. As violações a este patrimônio foram contínuas. Durante a guerra civil de 1835-1845, retábulos e imagens foram reduzidos em lenha para aquecer e cozinhar para os soldados do Império acampados em São Borja na década de 1840.

Todavia, incursões deste tipo não estão isoladas no tempo. Em 2007, a ignorância somada ao dogmatismo levou para o fogo duas imagens missionárias, na mesma cidade, por um pastor evangélico.

Foi somente no final da década de 1980 que houve uma preocupação em catalogar os remanescentes da cultura material missionária. O atraso em dar início a um processo de preservação e valorização das imagens custou à história da arte sacra do Rio Grande do Sul e do Brasil a perda de grande parte deste acervo de valor histórico e artístico inestimável. No transcurso dos anos, foram alvo de roubos, incêndios e destruições causadas por incursões bélicas e de apropriação do espaço simbólico e geográfico das doutrinas.

IHU On-Line – Como este legado material e imaterial permaneceu vivo durante os anos de supressão?

Jacqueline Ahlert – Pela remanescência de imagens e práticas. Muitas imagens alcançaram o século XXI como bens simbólicos. A relevância dos acervos particulares não reside somente na perpetuação dos cultos domésticos ou nas estátuas em si, mas também na apropriação, identificação e práticas que as acompanham.

Parte deste legado está em museus e nas igrejas. Entretanto, no geral, provieram de ambientes particulares. O acervo do Museu das Missões, por exemplo, reuniu o que foi possível, inclusive com ações coercitivas, de peças que estavam incorporadas no ambiente doméstico. Com importante significado histórico, tal patrimônio cultural se difundiu, reproduziu e recriou pelo povoamento e ainda tem seu lugar entre as famílias e grupos sociais urbanos e rurais.

IHU On-Line – Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Jacqueline Ahlert – As representações culturais advindas dos interstícios do sistema missionário constituíram-se na indexação acomodativa do panteão de santos e dos preceitos católico-jesuíticos, como expressão artística mestiça, consolidadas durante os séculos e ressignifi-

cadas, com derivações que chegam à contemporaneidade.

É importante considerarmos que contextos complexos como o formado por jesuítas e ameríndios não devem ser reduzidos a conceitos totalizantes e estanques como o de “barroco” ou mesmo “barroco missionário”. Seja em termos arquitetônicos, seja nos escultóricos. Afinal, o que teriam construído os missionários como resposta simbólica e figurativa ao estímulo religioso exógeno que os havia interpelado? Se as imagens são um visível-falar, as madeiras *hablaban guaraní*, na expressão utilizada pelos colegas uruguaios. Muitas vezes é a própria mobilidade das imagens que é esquecida; sua maleabilidade, sua contextualidade.

O acervo remanescente da estatutária missionária ainda está sob o estigma do ideal estético barroco. Salvo algumas exceções, reproduz-se, ainda hoje, o imaginário planejado pelos padres jesuítas para adornar, didaticamente, as igrejas e demais espaços oficiais de culto nas missões religiosas. Encartes turísticos, páginas da internet, livros de história, iteram a ideia de que o imaginário escultórico missionário constituiu-se de belíssimas imagens monumentais, carregadas de poder persuasivo expresso nos drapeados, douramentos, gestos e semblantes dos santos esculpidos em madeira. No entanto, parte significativa deste acervo é composta de miniaturas. Imagens de uso pessoal e doméstico, que medem poucos centímetros, mas carregam a historicidade da elaborada ressignificação levada a cabo pelas sociedades indígenas.

Se considerada a existência de uma “arte” de caráter missionário, sua maior expressividade estaria nas miniaturas e não na iconografia canônica barroca, apesar de toda contradição que aparente carregar essa afirmação. A formação de uma linguagem original, definida também como *estilo*, somente pode ser considerada a partir da intervenção indígena. Imagens elaboradas por jesuítas e reproduções fiéis ao cânone são *a-históricas*. Configuram um *tipo ideal*, ao passo que a construção de um estilo é um fenômeno histórico.

O Compasso e a Cruz. Reconfigurações territoriais a partir da presença jesuíta nas Américas

O historiador Artur H. F. Barcelos ressalta que os inicianos, tal qual conquistadores europeus, contribuíram explorando terras, mapeando a flora e cativando almas para a Coroa

POR ANDRIOLLI COSTA

Em todo o continente americano, do Canadá até a Terra do Fogo, os jesuítas deixaram suas marcas. Na busca por espalhar a palavra, exploraram os rincões mais ermos e tiveram contato em primeira mão com as populações originárias. Mais do que isso, como lembra o historiador Artur Henrique Franco Barcelos, “mapearam cada palmo percorrido; descreveram populações, relevos, flora e fauna e chegaram a alguns lugares muitas vezes antes mesmo dos conquistadores espanhóis”. Nesse sentido, os jesuítas foram eles próprios conquistadores. “Não apenas de almas, mas de territórios que, através de alianças com indígenas, colocavam sob domínio de suas respectivas coroas, fosse de Espanha, Portugal ou França.”

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor reflete sobre o modo como a presença jesuíta foi fundamental para estabelecer e alterar territórios e territorialidades, com foco especial para a América Espanhola – onde as reduções Guarani são ainda hoje reverenciadas como uma experiência avançada de convívio e administração comunal. No entanto, ele alerta: “É comum vermos comentários de que uma grande experiência foi destruída; de que os índios foram abandonados à sua própria sorte e incapacidade; de que os jesuítas foram os ‘arquitetos’ da melhor experiência já vivida nestas terras”.

No entanto, essa perspectiva mascara uma imagem de inabilidade indígena para dar sequência à administração das reduções. Como homens de seu tempo, Barcelos ressalta que os

jesuítas “também desconfiavam das capacidades intelectuais dos índios”. Por isso, reservaram para si as informações sobre como tocar adiante o sistema de intercâmbios que dava sustentação aos povoados. Com isso, após a expulsão da Companhia, foi impossível dar continuidade aos trabalhos. “Logo, aquele vasto território, explorado e administrado pelas reduções, foi sendo apropriado por outros agentes, incluindo-se aí o avanço português que se deu sobre as terras a oriente do rio Uruguai”.

Artur Henrique Franco Barcelos é mestre e doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica – PUC-RS. Atualmente é professor de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. É autor de diversas publicações, das quais destacamos *Espaço e arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista* (Porto Alegre: Edpucrs, 2000) e *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial* (Porto Alegre: Editora Animal, 2013). Produziu ainda *O compasso e a cruz. Cartografia jesuítica da América Colonial*, em CD, no ano de 2006.

O professor participa da Mesa-Redonda *O compasso e a cruz: jesuítas e a organização territorial nas Américas*, no dia 12 de novembro, das 14h às 16h30min, na Sala 1F 101, na Unisinos. O evento faz parte da programação do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração**, e a programação completa pode ser encontrada em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais os nexos entre os jesuítas e a organização territorial nas Américas?

Artur Henrique Franco Barcelos

– Os nexos, ou seja, as relações diretas, entre os jesuítas e a organização territorial nas Américas são muitos. Desde 1549, com a chegada dos primeiros jesuítas na América portuguesa, até 1767, ano da expulsão da ordem nos territórios espanhóis, os inicianos atuaram em quase todo o continente. Do atual Canadá até a Terra do Fogo, encontraremos registros das atividades dos jesuítas. Fundaram colégios e universidades. Administraram estâncias, fazendas e engenhos. Exploraram rios, montanhas, florestas, geleiras e desertos. Mapearam cada palmo percorrido. Descreveram populações, relevos, flora e fauna. Chegaram a alguns lugares muitas vezes antes mesmo dos conquistadores espanhóis. E, neste sentido, foram eles também conquistadores. Não apenas de almas, mas de territórios que, através de alianças com indígenas, colocavam sob domínio de suas respectivas coroas, fosse de Espanha, Portugal ou França.

Podemos dizer que a própria forma de atuação priorizada pelos jesuítas com base na fundação de *reduções* indígenas já significava uma profunda alteração na organização territorial anterior a chegada dos europeus. De fato, a prática de reunir grupos que se encontravam em assentamentos distintos, nas várias formas de aldeamentos existentes por todo o continente, implicava em reacomodações populacionais e econômicas. Para que o sistema de *reduções* funcionasse, foi preciso pensar em recursos hídricos e alimentares para grupos maiores assentados em novos núcleos. Assim, modos tradicionais de exploração do solo e dos recursos de fauna e flora tiveram que ser alterados. Em alguns casos drasticamente alterados.

Se pegarmos apenas os indígenas denominados genericamente de Guaraní, e que foram *reduzidos* em trinta povoados ao longo dos séculos XVII e XVIII na região platina, veremos uma profunda alteração nas formas de territorialização. A introdução de cultivos de algodão e erva-mate e, sobretudo,

o pastoreio de gado bovino, equino e muar, provocou novas formas de uso e apropriação do solo. A rede de caminhos terrestres e fluviais que interligava os povoados também implicou em outra concepção de espaço, não mais aldeão, mas sim integrado, e baseado em núcleos urbanos, com edificações, praças e ruas que eram o centro de um grande território.

Somadas, as trinta reduções exploravam enormes porções do solo, matas e rios. O que, no dizer da historiografia, acabou conhecido como “espaço missionário”, uma ficção sobre a qual ainda teorizamos até hoje. Ou seja, a alteração de uma economia de tipo “doméstico-familiar”, como conceituou José Otávio Catafesto de Souza¹, levou a formas de exploração do território cuja dimensão ainda nos escapa por completo. Gerar recursos para dar sustentabilidade não mais a 40, 50 ou em alguns casos, talvez, 400 indivíduos, mas sim para 3, 4 ou 5 mil habitantes de um povoado, pensando ainda em algum excedente para trocas no mercado interno colonial, foi um desafio que tiveram que enfrentar indígenas e jesuítas pactuados em torno de uma nova realidade espacial. De diferentes formas, por toda a América, os jesuítas tentavam adotar a prática de evangelização via concentração em núcleos estáveis. E assim, provocaram uma transformação considerável em algumas regiões, englobando populações indígenas na estrutura colonial.

IHU On-Line – Que lógica orientou a ocupação do espaço platino pelos jesuítas nos séculos XVII e XVIII?

¹ José Otávio Catafesto de Souza: etnoarqueólogo, pesquisador e professor interessado por temas relacionados às questões dos povos originários do Mercosul. É formado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde também realizou mestrado e doutorado em Antropologia Social. Atua como professor adjunto na mesma universidade, onde coordena o Laboratório de Arqueologia e Etnologia - LAE, que desenvolve projetos de pesquisa sobre Territorialidade Mbyá-Guarani, Etnoarqueologia Ameríndia e Quilombola e Avaliação dos Impactos de Projetos de Desenvolvimento sobre coletivos rurais. (Nota da IHU On-Line)

Artur Henrique Franco Barcelos
– Se houve uma lógica, e penso que foram muitas, seria a da reorganização da vida cotidiana das populações indígenas com as quais tiveram contato. Tendo como base os colégios instalados nas vilas e cidades coloniais espanholas, os jesuítas trataram de montar um sistema que permitisse a promoção da evangelização dos grupos indígenas através da concentração de grupos em assentamentos estáveis. Resultam daí os êxitos ou fracassos, de acordo com os objetivos dos inicianos. Digo reorganização, pois disto se trata. Todos os grupos indígenas, independente de sua configuração social e econômica, possuíam formas próprias de organização política e territorial antes do contato com os agentes colonizadores, entre estes os jesuítas. Na Região Platina, se a tomarmos em uma máxima extensão que o conceito possa alcançar, habitavam grupos diversos, baseados na caça, coleta, horticultura, pesca e extração nativa.

Obviamente que uma única forma de evangelizar e levar a alteração das pautas culturais destes grupos ao encontro dos objetivos religiosos e coloniais não seria viável, como de fato não o foi. Assim, vemos como os jesuítas tiveram grandes dificuldades com alguns grupos, como, por exemplo, aqueles que habitavam o vasto pampa em ambas as margens dos rios da Prata, Paraná e Uruguai, e lograram algum sucesso com horticultores aldeões das florestas subtropicais. Do acumulado até agora pela vasta historiografia que trata do tema, pode-se dizer que não havia um projeto preconcebido pelos jesuítas ao iniciar suas ações evangelizadoras. Foram as tentativas, ensaios e erros, que demonstraram o que era possível e o que não era possível realizar. E isto ao longo de aproximadamente 150 anos. O que fica claro é o fato de que, talvez na Região Platina, e sobretudo nas *reduções* formadas majoritariamente por Guaraní, os jesuítas chegaram mais próximo do ideal da “República de Índios”, uma aspiração utópica colonial que previa a segregação espacial e social dos indígenas, mas que considerava a necessidade de que os

mesmos vivessem dentro de padrões sociais, políticos e econômicos análogos aos dos colonos espanhóis. E isto significava a profunda alteração de suas vidas cotidianas, em todos os aspectos possíveis, a começar pela forma de organização espacial que seria necessária para tanto.

IHU On-Line – Que avanços na territorialização americana são tributários às ações dos Jesuítas?

Artur Henrique Franco Barcelos

– Aqui, é preciso primeiro pensar no sentido que atribuiremos a “avanço”. Se pensarmos do ponto de vista dos objetivos da colonização, as ações dos jesuítas significaram diversos avanços. A reorganização espacial de populações indígenas, por exemplo, permitiu a liberação de áreas para a apropriação colonial. A reorganização econômica de algumas destas populações permitiu seu enquadramento em circuitos de produção e trocas comerciais internas que favoreceram, e em alguns casos até garantiram, a sobrevivência e desenvolvimento de núcleos urbanos espanhóis. A “pacificação” de grupos resistentes deu margem para as investidas coloniais sobre seus territórios ancestrais. Há que se considerar até o caso, por exemplo, da arregimentação de forças indígenas para as guerras internas e externas do colonialismo espanhol, como sucedeu com a utilização de milícias das *reduções* guaranis nos conflitos de fronteiras com os portugueses na Região Platina. Ou o caso emblemático da Califórnia, onde a entrada dos jesuítas no final do século XVII preparou e garantiu a colonização da península pelos espanhóis. Por outro lado, as expedições jesuíticas permitiram um reconhecimento de áreas do continente que trouxe aos agentes da colonização informações muitas vezes cruciais sobre as populações, características geográficas, recursos, rotas de acesso e potencial econômico sobre as mesmas. E há ainda a vasta cartografia produzida por jesuítas e que foi amplamente utilizada pelos colonizadores antes e depois da expulsão dos jesuítas dos territórios espanhóis em 1767.

IHU On-Line – De que forma a entrada dos Jesuítas nas tribos Guaraní redimensiona as relações de poder na aldeia?

Artur Henrique Franco Barcelos

– Seguindo o caminho já palmilhado por aqueles que os antecederam na conquista e colonização da América, os jesuítas buscaram sempre o contato inicial com *los cabezas* ou *los principales* dos grupos indígenas que pretendiam evangelizar. A própria palavra Cacique deriva de idioma da região antilhana e parece ter sido adaptada pelos espanhóis a outras chefias indígenas. A expressão política das lideranças guaranis está relacionada à estrutura macrofamiliar que caracterizava, e ainda caracteriza, em que pese as mudanças transcorridas, este grupo até os dias de hoje. Um dentre os patriarcas dos *Tevýs* (famílias extensas) exercia a chefia política. Porém esta estava determinada por uma série de formas de prestígio, alcançadas através de laços de parentesco e alianças. Acessar estas estruturas era a chave do sucesso nos contatos. Eu tenho buscado nas fontes jesuíticas as práticas de aproximação e me deparo sempre com intermediários indígenas que, antecipando-se aos missionários, anunciavam sua presença e negociavam as visitas iniciais. José Gumilla², que foi missionário na Província do Nuevo Reino (partes da atual Venezuela, com principal raio de ação no rio Orinoco), escreveu inclusive um *Método mais praticável para a primeira entrada*, no qual chama aos colaboradores de “mensageiros”.

Em geral, estes mensageiros levavam obséquios para os chefes, na forma de facas, agulhas e lâminas de machado. Estas últimas parecem ter sido um elemento importante da fase de aproximação. Gumilla destaca que deveriam saber quais os interesses dos indígenas com sua presença para, logo depois, colocar em ação os interesses da Companhia: “...y este mismo rumbo debe seguir el misionero que de veras desea la salvación de

aquellas almas, lo cual doy por muy cierto, porque en aquellos destierros no hay otra cosa que buscar: vamos con la suya, que es su interés, y salgamos con la nuestra, que es asegurarlos y domesticarlos para enseñarles la santa doctrina”.

Assim, ainda é preciso aprofundar a questão destes “mensageiros” e, sobretudo, de suas mensagens. Esta é uma tarefa difícil, pois as vozes indígenas são sempre filtradas pelas letras jesuíticas. Da mesma forma, há que se buscar compreender melhor estes contatos, pois deles resultavam as alianças políticas que iriam perdurar ou não. No caso dos guaranis há uma farta documentação e trabalhos publicados sobre as estratégias jesuíticas para a cooptação dos chefes políticos. Arno Kern³ já havia tratado disto de forma consequente em seu *Missões, uma utopia política*. E o prestígio foi um dos elementos largamente explorados pelos jesuítas, ancorados é claro na legislação colonial espanhola que respaldava o tratamento distinto aos chefes indígenas, concedendo-lhes, inclusive, o tratamento de *Don*. O que é preciso avançar, e de fato alguns colegas o estão fazendo, dentre os quais destaco Guillermo Wilde⁴ e Kazuhisa Takeda⁵, é a forma como, uma vez

³ Arno Alvarez Kern (1940): gaúcho licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com mestrado em História na PUC-RS e doutorado em Arqueologia na École de Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. Professor aposentado da UFRGS, atualmente é professor do Programa de Pós-graduação em História da PUCRS. Especialista internacionalmente reconhecido em história das missões jesuíticas na região oeste do Rio Grande do Sul, é também autor de *Utopias e Missões Jesuíticas* (Editora da UFRGS, 1994) e *Antecedentes Indígenas* (Editora da UFRGS, 1994). Leia também a entrevista Entre povos e paisagens: a diversidade da missão nas Américas, publicada nas Notícias do Dia, de , no sítio do Instituto Humanistas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1sr3EO4>. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Guillermo Wilde: doutor em Antropologia pela Universidad de Buenos Aires, é pesquisador do CONICET e leciona no Instituto de Altos Estudos Sociais da Universidad Nacional de San Martín. É autor de *Religión y Poder en las Misiones de Guaraníes* (Editorial SB, 2009). (Nota da IHU On-Line)

⁵ Kazuhisa Takeda: professor do Departamento de História e Arqueologia da Universidade de Edinburgh. (Nota da IHU On-Line)

² José Gumilla (1686-1750): jesuíta autor de uma história natural da região do rio Orinoco, que abrange a Colômbia e a Venezuela. (Nota da IHU On-Line)

conquistado o acordo com os chefes, se deu a acomodação de distintas lideranças em uma mesma redução.

Outro ponto importante diz respeito aos *Cabildos* dos povoados. Esta instituição, estabelecida nas reduções, precisa ser melhor conhecida. É preciso verificar se, de fato, chegaram a ter um papel preponderante na administração política das reduções. Do ponto de vista burocrático, os poucos documentos gerados pelos *Cabildos* e que chegaram até nós são quase todos da segunda metade do século XVIII, com um incremento durante a chamada Guerra Guaranítica, ponto crítico da história daquelas reduções. Estamos começando a compreender as agências indígenas que estiveram presentes nos conflitos políticos que envolveram estas reduções. E o papel das lideranças é um deles. Um caminho interessante é a análise do que se passou nos anos imediatamente posteriores à expulsão dos jesuítas, quando, apesar de haver administradores laicos nomeados pelo Estado, os guaranis de algumas antigas reduções parecem ter tentado assumir o protagonismo na defesa de seus interesses.

IHU On-Line – Como as próprias territorialidades nos entornos das reduções são modificadas com a chegada da Companhia de Jesus?

Artur Henrique Franco Barcelos
– Este é um dos temas sobre o qual historiadores e arqueólogos têm ainda uma pauta pendente. Fomos vencidos, desde o tempo em que os jesuítas ainda estavam à frente das *reduções*, de que estas e seus entornos estavam totalmente integrados. Foi preciso algum tempo para percebermos que a ideia de um “espaço missionário” integrado e controlado pelos jesuítas e os índios reduzidos não era exatamente uma realidade. É certo que nas áreas imediatamente próximas aos núcleos urbanos a territorialidade foi profundamente alterada. Áreas de cultivo, tambos, olarias, currais, hortas, caminhos, fontes de água, entre outros, representam elementos espaciais que formavam uma unidade produtiva. Porém, as áreas assinaladas a cada redução eram muito mais amplas, como alguma carto-

“De diferentes formas, por toda a América, os jesuítas tentavam adotar a prática de evangelização via concentração em núcleos estáveis”

grafia permite verificar. Desta forma, pouco sabemos sobre grupos que podem ter continuado coexistindo com as reduções, dentro dos marcos amplos de seus territórios.

Recordo que, em 1992, durante o I Sítio Escola Internacional das Missões, coordenado por Arno Kern, uma equipe percorreu um amplo território em torno das ruínas da antiga redução de São Miguel. Esta equipe, coordenada por Klaus Hilbert, realizou prospecções e identificou diversos sítios arqueológicos com ocorrência de material lítico e cerâmico. A falta de datações destas ocorrências não nos permite afirmar se eram registros de presenças anteriores, concomitantes ou posteriores às reduções. Porém, fica a questão de saber se mesmo com a concentração de milhares de indígenas nos núcleos urbanos, não houve a permanência de alguns grupos em meio às matas, tentando manter o modo de vida tradicional. Por outro lado, é certo, e trabalhos recentes vêm demonstrando, que algumas das reduções possuíam territórios que abarcavam áreas de pampa, onde tradicionalmente viviam grupos denominados como charruas, minuanos, guenoas, entre outros. E algumas parcelas destes grupos chegaram mesmo a ser reduzidas. Porém, a maior parte manteve sua forma de vida com base em acampamentos de curta e média duração, intercalando sua forma tradicional de economia com as trocas realizadas com os colonizadores. Os próprios jesuítas deixaram um ou ou-

tro registro de que estes indígenas seguiam utilizando o espaço que, em tese, estaria sob domínio das reduções. A cartografia jesuítica e seus textos permitem ver claramente que a territorialização foi um dos elementos mais difíceis de desestruturar no que toca aos grupos que resistiram à evangelização.

IHU On-Line – Quais as peculiaridades do espaço e arqueologia das missões jesuíticas nos Sete Povos? O que elas dizem sobre as relações estabelecidas do local?

Artur Henrique Franco Barcelos
– Em primeiro lugar, eu gostaria de frisar que o termo Sete Povos nos induz ao equívoco de uma realidade à parte, separada das demais reduções que existiram para além da margem oeste do rio Uruguai. Isto é obra de uma historiografia riograndense que tratou de separar identidades na construção das histórias regionais platinas. Digo isto porque os trabalhos de arqueologia desenvolvidos nos remanescentes das reduções tratam de um tema em comum, o que deveria suscitar mais diálogos e trocas entre brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios, em que pesem os esforços feitos até a atualidade. No caso dos sítios localizados no território brasileiro, houve intervenções e pesquisas que, em sua grande maioria, foram centradas nos vestígios dos núcleos urbanos. É preciso avançar no estudo de estruturas que compunham o conjunto dos territórios das reduções, como são os caminhos, pontes, portos, capelas, postos de estâncias, entre outros. Isto traria mais elementos para pensar a territorialização e a organização espacial. Justamente quando tratamos de relações estabelecidas, é frequente se destacar a acomodação paulatina dos guaranis ao novo modo de vida inaugurado com as reduções. Isto pode nos induzir ao equívoco de ver uma nova identidade sendo forjada, em detrimento de práticas ancestrais abandonadas. Porém, como saber se o mesmo ocorria quando estes guaranis circulavam por amplos espaços, percorrendo diferentes locais que serviam ao funcionamento do sistema.

Afortunadamente, o diálogo entre arqueólogos e historiadores é razoavelmente bom em nosso caso. Contudo, há ainda, por parte dos arqueólogos, que reforçar o apelo às fontes documentais gráficas e as formas de lidar com as mesmas. Hoje, em tempos de investimento em pesquisas que visam o protagonismo indígena ao largo da história americana, é importante que o tema das Missões Jesuíticas seja abordado a partir desta premissa. Deslocar o missionário do centro das atenções e buscar a contribuição real e efetiva dos indígenas nas resultantes deste processo. Quando vemos estas reduções em uma perspectiva mais ampla, com territórios muito grandes, marcados por diferentes formas de uso e controle, temos que concordar que os jesuítas jogaram um papel menor em sua administração e manutenção. Mas para tanto, insisto, é preciso que os projetos e estudos voltados para as missões, e me refiro aos arqueológicos, encontrem espaços de trocas e intercâmbios.

IHU On-Line – Com a expulsão dos jesuítas e a iminente supressão da Ordem, houve retrocesso no desenvolvimento territorial das regiões anteriormente coordenadas pela Companhia?

Artur Henrique Franco Barcelos – Indubitavelmente, a expulsão dos jesuítas, da forma como se deu, acarretou em uma crise e redefinição, no dizer de Júlio Quevedo⁶, para aqueles que atuavam junto aos inácianos em todas as suas esferas americanas. Não apenas nas reduções indígenas, mas também nos colégios, sítios, chácaras, estâncias, universidades, fazendas, engenhos, etc. Pois de fato, o rol de atuação dos jesuítas, embora destacado pelo trabalho evangelizador, extrapolou em muito este último e, ao se dar a expulsão, deixou para trás uma estrutura minimamente integrada que rapidamente colapsou. Especificamente no que toca as reduções, até

pelo menos a década de 90 do século XVIII houve margem para uma manutenção das posses de cada povoado e sua transição para unidades político-administrativas espanholas, como quaisquer outras. Contudo, a tutela jesuítica exercida por mais de 150 anos, o preconceito real e explícito para com os indígenas, os interesses econômicos das elites locais e os processos de Independências do início do século XIX levaram ao esgotamento desta brecha. Este é um ponto complexo desta larga história. O declínio acelerado destes povoados após 1767 faz transparecer uma inabilidade indígena para dar sequência à administração das reduções.

Porém, não se pode perder de vista que a autonomia destes indígenas não parece ter sido o objetivo último dos jesuítas, que, como homens de seu tempo, também desconfiavam das capacidades intelectuais dos índios. Por outro lado, a centralidade de informações e decisões que a Companhia de Jesus reservou para si não preparou os guaranis para assumir a frente do sistema de intercâmbios que dava sustentação aos povoados. Logo, aquele vasto território, explorado e administrado pelas reduções, foi sendo apropriado por outros agentes, incluindo-se aí o avanço português que se deu sobre as terras a oriente do rio Uruguai. O que preocupa desta imagem gerada sobre os tempos “áureos” das reduções, em contraste com o pós-jesuítico, é justamente o desprestígio relegado aos guaranis. Mesmo hoje em dia, quando vemos os visitantes percorrendo as ruínas no Brasil, Argentina e Paraguai, ou assistindo ao show de som e luz em São Miguel das Missões e San Ignacio Mini, percebe-se uma certa melancolia ao final. É comum vermos comentários de que uma grande experiência foi destruída; de que os índios foram abandonados à sua própria sorte e incapacidade; de que os jesuítas foram os “arquitetos” da melhor experiência já vivida nestas terras. Assim, passado e presente se fundem no senso comum, resultando na visão ainda vigente de que os indígenas, sem a tutela dos brancos, muito pouco ou quase nada podem fazer.

IHU On-Line – Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Artur Henrique Franco Barcelos – Apenas destacar a vitalidade que o tema da presença jesuítica na América ainda demonstra. De fato, nos últimos vinte anos em que venho acompanhando as pesquisas sobre os missionários jesuítas e suas atividades americanas, pude ver a ampliação de aspectos que vêm sendo levantados por meus colegas. Dentre estes, percebe-se um crescente interesse no protagonismo indígena, nas relações de poder, nas trocas culturais e nas alterações profundas transcorridas ao largo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Também vemos a relevância das formas de resistência e adaptação dos indígenas ao impacto da chegada dos religiosos sobre suas vidas cotidianas.

Abandonamos, felizmente, a visão dicotômica que dava ênfase no papel dos missionários, para enxergar as negociações e conflitos gerados pela agência indígena. Por outro lado, vemos um esforço em compreender melhor a dimensão mundial da ação jesuítica, integrando perspectivas de estudos de colegas da Europa, Ásia e África, que permitem pensar na produção e circulação de saberes e realizar estudos comparados. A Companhia de Jesus e seus membros deixaram um legado do período colonial que permite esmiuçar as práticas do contato entre diferentes culturas, nos marcos da modernidade europeia. E os jesuítas são elementos importantes desta modernidade, cujas consequências vivemos até hoje.

Em um plano mais simbólico, também estamos em condições de abordar melhor a questão das imagens geradas pela passagem dos jesuítas pela América no período colonial e suas apropriações no presente. Assim, temas turísticos, patrimoniais e identitários começam a ganhar espaço em nossas pesquisas. Pois, por mais que tratemos de missionários e indígenas mortos há séculos, é para o presente que escrevemos. E são os traços destas vidas e suas marcas, reapropriadas para os mais diferentes fins, que têm relevância e justificam a permanência de um tema tão complexo.

⁶ Júlio Ricardo Quevedo dos Santos: docente do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM; doutor em História Social pela Universidade de São Paulo - USP. (Nota da IHU On-Line)

Os jesuítas e as fronteiras do império. A Amazônia e a missão do Maranhão

Karl Arenz explora o contexto histórico que perpassou desde o chamado “século jesuítico” na região Amazônica até seu encerramento com a expulsão e supressão da Companhia

POR ANDRIOLLI COSTA

Durante o período colonial, a região Amazônica, embora pouco integrada nas dinâmicas rentáveis do comércio atlântico português, ocupava lugar geoestratégico fundamental. Não muito distante da metrópole portuguesa, das ilhas atlânticas, da costa africana ou do centro do Brasil, formavam uma colônia à parte, cuja presença jesuíta foi fundamental para o estabelecimento da geografia local.

De acordo com o historiador Karl Heinz Arenz, diversos fatores colaboraram para que – mesmo com os tensionamentos constantes com os colonos – a Companhia de Jesus tivesse tanta representatividade social. Utilizando o prestígio do padre Antonio Vieira, conseguiram conquistar o “monopólio” sobre os índios, declarando-os livres mas, ao mesmo tempo, incluindo-os em suas Missões. “Como o norte contava com poucos colonos e não havia grandes plantações (e, por conseguinte, poucos escravos negros), a Companhia de Jesus ganhou logo muita importância, pois era ela que controlava a única mão de obra disponível.”

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line** ele ressalta: “A falta de investimentos oficiais ‘condenou’, de certa forma, os colonos a uma vida precária que contrastava com o, relativamente, bom andamento dos aldeamentos. Os jesuítas conseguiram agilizar, sobretudo, o comércio com o cacau, tornando-se fornecedores muito importantes desta ‘droga do sertão’ que estava sendo apreciada na Europa”. Arenz ainda pontua as falácias sobre as críticas do enriquecimento dos jesuítas, explora o contexto da criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e a influência exercida pelo Mar-

quês de Pombal para a expulsão dos jesuítas da região.

Karl Heinz Arenz possui graduação e mestrado em Teologia pela Faculdade Filosófico-Teológica de Sankt Augustin, Alemanha. Tem doutorado em Teologia Dogmática com concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo-SP. Também cursou mestrado em História Moderna e Contemporânea com concentração em História do Brasil e do Atlântico Sul pela Universidade Paris IV (Paris-Sorbonne), França. Doutorou-se em História Moderna e Contemporânea com concentração em História do Brasil e do Atlântico Sul pela mesma instituição francesa. Atualmente, é professor na Universidade Federal do Pará, em Belém.

É autor de diversas publicações, das quais destacamos *Levar a luz de Nossa Santa Fé aos sertões de muita gentildade: fundação e consolidação da missão jesuíta na Amazônia Portuguesa (século XVII)* (Belém: Açai, 2012); *Fazer sair da selva: as missões jesuíticas na Amazônia* (Belém: Estudos Amazônicos, 2012) e *São e salvo: a pajelança da população ribeirinha do Baixo Amazonas como desafio para a evangelização* (Quito: Abya-Yala, 2003).

O professor participa da Mesa-Redonda *Os jesuítas e as fronteiras do império: o caso da Amazônia*, no dia 12 de novembro, das 14h30min às 17h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. O evento faz parte da programação do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração**, e a programação completa pode ser encontrada em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que ano iniciou a missão dos Jesuítas na Amazônia? Quais eram suas principais atribuições?

Karl Heinz Arenz – Fixar um ano exato para indicar o início da Missão do Maranhão¹ é impossível. Os Padres Luís Figueira² e Francisco Pinto³ foram, em 1607, à serra de Ibiapaba (hoje no Ceará), que ficou, na época, no extremo norte das possessões portuguesas no Brasil. No entanto, esta expedição fracassou devido à morte violenta de Francisco Pinto. Luís Figueira voltou quinze anos depois, em 1622. Naquele ano, ele se instalou, junto com o Padre Benedito Amodei⁴, na cidade de São Luís. Os dois enfrentaram muitas dificuldades, mas se deram conta das potencialidades da região, sobretudo em vista de uma promissora evangelização entre os inúmeros povos indígenas.

Luís Figueira viajava pelo interior, entrando inclusive nos vales dos rios Tocantins e Xingu. Em 1637, ele redigiu um memorando no qual sugere que os jesuítas assumam, junto com os franciscanos (presentes desde 1617), a catequização dos índios. Ele partiu para Lisboa onde conseguiu, de fato, a fundação da Missão do Maranhão, em 1639. No fundo, este ano marca o nascimento oficial da entidade administrativa. No entanto, as turbulências causadas pela Restauração da independência portuguesa em Lisboa e pela ocupação de São Luís pelos holandeses adiaram a volta de Figueira a terras amazônicas. Ele só conseguiu partir, acompanhado de 14 confrades,

em 1643. Mas o grupo sofreu naufrágio, provavelmente em frente da ilha do Marajó e, fora dois (ao menos, é o que se conta), todos pereceram.

Alguns padres continuaram presentes na região, como Lopo de Couto⁵, que se destacou na resistência contra os holandeses, mas durante toda a década de 1640 não havia uma missão sistemática ou planejada. Só em 1652, se retomava o envio mais ou menos regular de padres jesuítas. A iniciativa veio do rei, D. João IV⁶, conhecido por ser muito favorável à Companhia. Como ele queria que a Amazônia se tornasse uma colônia mais estruturada, confiou a evangelização dos índios aos inicianos. O primeiro grupo que chegou logo sentiu um clima de hostilidade, pois os colonos temiam uma interferência dos jesuítas nos assuntos indigenistas. Assim, o padre João de Souto Maior⁷ foi forçado a assinar um documento prometendo que a Companhia só cuidaria de assuntos espirituais.

Finalmente, é a chegada do Padre Antônio Vieira⁸, em 1653, que

pode ser considerada como o momento da refundação da Missão. Ele veio com a dupla titulação de superior e visitador e, de fato, até a sua expulsão do Maranhão, em 1661, conseguiu implantar uma política de cunho monopolista (todos os índios estiveram sob a tutela exclusiva da Companhia) e expansionista (ele incentivou a fundação de aproximadamente 50 aldeamentos). Assim, ao invés de falar de um ano de fundação, deveria se falar em um processo de fundação que se estendeu por quase três décadas, de 1622 a 1653. Alguns historiadores falam de um “século jesuítico” na Amazônia que, segundo eles, ia de 1653, a chegada de Vieira, até 1759, a expulsão definitiva. Concordo com isso, pois somente a partir de 1653 podemos falar de uma presença contínua da Companhia.

IHU On-Line – Quais foram os marcos da ação da Companhia de Jesus no extremo Norte do País? Como eles se relacionavam com indígenas e colonos?

Karl Heinz Arenz – Como já falei antes, havia, desde o início, um clima de tensão provocada pela mera presença dos jesuítas. Um historiador alemão, Heinrich Böhm⁹, escreveu, no início do século XX, que a vinda de Vieira à Amazônia desencadeou logo uma “guerra de trinta anos”. Ele tem razão, pois até a promulgação do “Regimento das Missões”, em 1686, houve muitos conflitos. De fato, os jesuítas, sobretudo Vieira, tiveram ainda muito peso junto às autoridades metropolitanas e o aproveitaram para obter leis favoráveis a seus objetivos. Além disso, os padres eram adeptos das ideias da “teologia da graça” e do humanismo que impregnaram sua formação. Vieira conseguiu a lei de 1655 que define o monopólio jesuíta em assuntos indigenistas (não só na esfera espiritual, mas também “temporal” ou civil, como diríamos hoje). Outra lei inspirada por ele é a de 1680, que declara os índios livres.

Já o padre luxemburguês João Felipe Bettendorff¹⁰, formado em Direito,

1 Assim é a denominação oficial da entidade administrativa da Companhia de Jesus na Amazônia colonial. (Nota do Entrevistado)

2 Luís Figueira (1574-1576): jesuíta português de destacada ação no Brasil colonial. Foi autor de uma das primeiras gramáticas da língua tupi, denominada *Arte da Língua Brasileira*. (Nota da IHU On-Line)

3 Francisco Pinto (1552-1607): jesuíta português, veio para o Brasil quando criança acompanhando a família. Entrou na Companhia de Jesus em 1568, aos 17 anos. Devido ao seu conhecimento das línguas indígenas, foi indicado para a Missão do Maranhão. (Nota da IHU On-Line)

4 Benedito Amodei (1583-1647): jesuíta siciliano, entrou para a Companhia de Jesus em 1598. Veio para o Brasil em 1619 e em 1622 encontrava-se na missão do Maranhão, acompanhando o padre Luís Figueira. Após a morte do padre Lopo de Couto, foi ele quem assumiu a liderança daquela missão. O Maranhão fora invadido pelas forças holandesas e o jesuíta siciliano tomou posição na resistência portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

5 Lopo de Couto: padre jesuíta, chegou ao Maranhão em 1624. Foi superior da casa do Maranhão. (Nota da IHU On-Line)

6 Dom João IV (1604-1656): foi o vigésimo Rei de Portugal e o primeiro da quarta dinastia. (Nota da IHU On-Line)

7 João de Souto Maior (1623-1656): jesuíta português, entrou na Companhia de Jesus em 1637 contra a vontade dos pais. Concluídos os estudos, partiu em excursão apostólica com o padre Antônio Vieira a Torres Veras. Navegou para o Maranhão em 1652, e fundou a primeira Casa de onde surgiu o colégio de S. Alexandre, no Pará. Faleceu entre os índios, com 33 anos de idade, durante uma expedição realizada ao rio Pacajá. (Nota da IHU On-Line)

8 Antônio Vieira (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV, principalmente no que se referia às invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Voltou ao Brasil em 1681. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes. Confira a edição 244 da IHU On-Line, de 19-11-2007, Antônio Vieira. Imperador da

língua portuguesa, disponível em <http://bit.ly/ihuon244>. (Nota da IHU On-Line)

9 Heinrich Böhm (1869-1927): alemão teólogo luterano e historiador da igreja. (Nota da IHU On-Line)

10 João Felipe Bettendorff (1625-1698): jesuíta nascido em Luxemburgo,

acompanhou as negociações acerca do “Regimento das Missões”, que estabeleceu, de certa forma, um *modus vivendi* entre colonos e missionários. O porquê destas tensões se explica também pelas experiências que a Companhia fizera no Estado do Brasil mais ao sul. Lá, os padres haviam perdido sua influência inicial, passando por abalos tanto externos como internos entre 1580 e 1620. Em consequência disso, o modelo dos aldeamentos acabou sucumbindo, em grande parte, aos interesses das autoridades e dos colonos. Para que isso não se repetisse no Estado do Maranhão e Graó-Pará, os missionários se empenharam em obter a tutela exclusiva sobre os índios. Como o norte contava com poucos colonos e não havia grandes plantações (e, por conseguinte, poucos escravos negros), a Companhia de Jesus ganhou logo muita importância, pois era ela que controlava a única mão de obra disponível. De fato, os índios eram imprescindíveis, sobretudo para o transporte em canoas.

Havia muitos índios que morreram remando nos imensos rios da região. No fundo, tudo dependia deles: transportar tropas, transportar “drogas do sertão”, transportar missionários, transportar informações. Além disso, a vasta rede de aldeamentos era mais densa e eficiente do que a dos fortes. A geógrafa francesa Martine Droulers¹¹ fala, no caso da Amazônia, de uma “geografia jesuítica”. De fato, quase todas as cidades e vilas maiores na Amazônia remontam a uma antiga missão inaciana. Os dois marcos principais da ação jesuítica são, portanto, a tutela quase absoluta sobre os índios e a fundação de uma vasta rede de aldeamentos com ampla autonomia. Apesar dos surtos de epidemia e dos conflitos com autoridades e colonos, este modelo jesuítico ficou em vigor até as vésperas da expulsão. No interior dos aldeamentos surgiu, por causa da autonomia e do intenso convívio entre padres e índios, uma cultura e religiosidade bem peculiares das quais

os “caboclos”, os ribeirinhos nativos da Amazônia, são hoje os herdeiros.

IHU On-Line – Quem foram os personagens principais para a compreensão deste período?

Karl Heinz Arenz – Alguns já mencionamos. Eu considero os Padres Luís Figueira, Antônio Vieira e João Felipe Bettendorff como os fundadores da Missão do Maranhão. O primeiro reconheceu a potencialidade da região e idealizou a instituição da Missão. O segundo viu na obtenção da tutela e na expansão dos aldeamentos um meio para revitalizar o projeto jesuítico. No fundo, Vieira foi rápido demais ao implantar suas ideias. Por isso, ele se tornou impopular e foi expulso em 1661, no contexto de um primeiro levante dos colonos. O terceiro, João Felipe Bettendorff, de origem luxemburguesa e formado em direito, conseguiu reorganizar e consolidar a Missão após a deportação de Vieira e outros contratempos. Sua contribuição é a introdução de um catecismo bilingue de sua autoria (que unificou o discurso catequético) e, mais ainda, a sua colaboração indireta na elaboração do “Regimento das Missões”. Para mim, este texto era um tipo de lei orgânica da sociedade colonial que estava em pleno processo de formação.

No fundo, o Regimento define – apesar de muitas modificações posteriores – as relações entre os quatro agentes principais: os missionários, os colonos, as autoridades (locais e metropolitanas) e os índios. Além disso, trata-se de uma das poucas leis indigenistas coloniais que mais ficou em vigor, mais de setenta anos. Depois desta “geração fundadora”, que atuou inteiramente no século XVII, há poucas personagens que se destacam. Podemos apontar alguns cronistas que, em razão de terem sido superiores ou missionários muito ativos, deixaram alguns “vestígios” na trajetória da Missão (a partir de 1727, Vice-Província): Domingos de Araújo¹², Bento da Fonseca¹³,

José de Moraes¹⁴, Anselmo Eckart¹⁵ ou João Daniel¹⁶. Um fato que chama atenção é a presença relativamente considerável (em comparação com a Província do Brasil) de jesuítas não portugueses. Tanto no século XVII como no século XVIII se destacam missionários vindos da península itálica e da Europa Central. Um destes é o já mencionado João Felipe Bettendorff.

IHU On-Line – O que acarretou a expulsão dos jesuítas da Amazônia? Por que essa região era considerada importante?

Karl Heinz Arenz – A região amazônica é fundamental quando se trata da expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas possessões ultramarinas. De fato, foi a presença marcante da Companhia nesta colônia que, embora pouco integrada nas dinâmicas rentáveis do comércio atlântico português, ocupou um lugar geoestratégico central (pois não muito distante da metrópole, das ilhas atlânticas, da costa africana e do Brasil, então uma colônia à parte). A falta de investimentos oficiais “condenou”, de certa forma, os colonos a uma vida precária que contrastava com o, relativamente, bom andamento dos aldeamentos. Os jesuítas conseguiram agilizar, sobretudo, o comércio com o cacau, tornando-se fornecedores muito importantes desta “droga do sertão” que estava sendo apreciada na Europa. Eles conseguiram manter um comércio que podemos caracterizar de paralelo, em razão dos privilégios de isenção na exportação do produto. Hoje sabemos que os lucros obtidos não foram acumulados, como alegaram os adversários da Companhia de Jesus, mas, em grande parte, reinvestidos, algo que a Coroa não fez. Quem aponta para isso é o Professor José Alves de Sousa Júnior da UFPA, em Belém, em sua tese. Um outro critério é de ordem jurídica. Já falei antes que

¹⁴ **José de Moraes:** padre jesuíta, autor de *História da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará*. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ **Anselmo Eckart:** jesuíta alemão, entrou na Companhia de Jesus em 1740. Em 1753, embarcou de Lisboa rumo ao Maranhão. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ **João Daniel** (1722-1776): jesuíta, autor de uma obra enciclopédica sobre o rio, a natureza e os homens da Amazônia. Foi preso em 1757 na Amazônia por ordem do Marquês de Pombal e morreu após 18 anos de prisão. (Nota da IHU On-Line)

de destacada atuação como missionário na Amazônia durante a época colonial. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Martine Droulers:** diretora do Instituto de Estudos Avançados de Pesquisa e Documentação sobre a América Latina da Université de Paris III. (Nota da IHU On-Line)

¹² **Domingos de Araújo:** jesuíta e cronista brasileiro que atuou na região do Maranhão. (Nota da IHU On-Line)

¹³ **Bento da Fonseca:** jesuíta português, conhecido por ser professor, administrador e cronista da Companhia de Jesus - a qual entrou em 1718. Dois anos depois, embarcou para as Missões do Maranhão e Pará. (Nota da IHU On-Line)

o “Regimento das Missões” deu um status importante aos jesuítas e, também, a outros religiosos (sobretudo, franciscanos). Administrando as missões com sua expressiva autonomia, os religiosos controlavam a principal mão de obra disponível. As reformas pombalinas tentaram inverter isso ao fazer dos índios, sob o pretexto da emancipação, trabalhadores disponíveis num mercado de trabalho doravante livre. Convém lembrar que as três leis decretadas em junho de 1755 – que, aliás, resumem muito bem os objetivos do Marquês de Pombal – se destinaram diretamente ao Estado do Grão-Pará e Maranhão. Fica óbvio o quanto elas se complementam mutuamente: afastamento dos missionários de assuntos “temporais” (como a repartição da mão de obra indígena), emancipação dos índios (fim da tutela dos religiosos), introdução de uma Companhia de Comércio (para dinamizar a economia, sobretudo, a exportação mediante novos agentes e investidores).

IHU On-Line – Qual o interesse do Marquês de Pombal em apoiar a Espanha na expulsão dos jesuítas da região amazense?

Karl Heinz Arenz – Existia, ao longo da fronteira luso-espanhola nas Américas uma série de “complexos missioneiros” administrados pelos inacianos. Os mais conhecidos são os dos Guaranis, Chiquitos, Moxos e Maynas. Para os castelhanos, os missionários e seus neófitos tiveram a função de sentinelas em uma zona sensível, pois não bem definida. Fora o primeiro complexo, os outros estiveram em contato, mesmo esporádico, com as missões jesuíticas da Missão/Vice-Província do Maranhão. Evidentemente, ao expulsar os jesuítas da parte portuguesa, a continuidade relativamente concentrada de missões jesuíticas do lado castelhano, ao longo da fronteira, era malvista. Além disso, a definição e a proteção da fronteira constituiu, já anos antes da ascensão do Marquês de Pombal, um assunto importante para as duas coroas ibéricas. Pombal deu continuidade a esta política, acentuando ainda mais o papel do Estado ao longo da nova linha divisória, em detrimento da presença da Companhia de Jesus. Por isso, aumentou o número de destacamentos e de fortalezas. Não é de se admirar

que entre os Tratados de Madri (1750) e Santo Ildefonso (1777), que regulamentaram a fronteira, ocorreram as duas expulsões dos jesuítas: a portuguesa (1759) e a espanhola (1767). Uma visão mais ampla desses acontecimentos aponta para um processo histórico complexo, ligado à afirmação dos países ibéricos como monarquias esclarecidas e nações modernas.

IHU On-Line – Quais os nexos entre as pulsões iluministas de Portugal – especialmente na figura de Verney – e o sentimento antijesuíta que levou à expulsão da Companhia de Jesus do País?

Karl Heinz Arenz – A questão dos nexos entre as propostas iluministas (sobretudo, pedagógicas) de Luís Antônio Verney¹⁷ e a expulsão da Companhia de Jesus constitui um assunto muito discutido pelos historiadores. A meu ver, nexos podem ser estabelecidos, sem dúvida, mas com muita cautela. De fato, Verney era ex-aluno do colégio de Santo Antão em Lisboa, por onde passaram, inclusive, muitos missionários que estavam indo ou vindo da Vice-Província do Maranhão. A sua passagem pelo Oratório, sua correspondência com o filósofo italiano Ludovico Muratori¹⁸ e, certamente, a influência francesa (seu pai era francês), o transformaram em um crítico ferrenho de uma educação que ele considerava atrasada e incompatível com as propostas iluministas. Para ele, o velho sistema educativo era o dos jesuítas. A publicação de suas ideias pedagógicas em Portugal, em 1746, portanto ainda antes da chegada de Pombal ao poder, divulgou e atizou, de certa forma, o pensamento antijesuítico no Reino. O debate que elas desencadearam preparou o chão para que a expulsão dos jesuítas pudesse ser concebida e, finalmente, executada treze anos depois, em 1759. Sabe-se que ele aprovou a expulsão, embora não participasse diretamente do processo de tomada

de decisão, pois naquele ano ele vivia em Roma. Portanto, os nexos entre as ideias iluministas de Verney e a expulsão dos jesuítas têm um caráter indireto, mas evidente.

IHU On-Line – De que modo a criação da Companhia do Grão-Pará e Maranhão por Pombal colaborou para diminuir o poder dos jesuítas da região?

Karl Heinz Arenz – A fundação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão está diretamente ligada ao afastamento dos jesuítas dos assuntos “temporais”, inclusive econômicos. Já falei antes que as respectivas leis foram promulgadas dentro de uma semana só, no início de junho de 1755. De fato, desde o começo do século XVIII, o comércio dos jesuítas com a metrópole foi tido como muito lucrativo. Sobretudo, o cacau era um produto muito procurado. E o cacau das matas amazônicas era de ótima qualidade! Ao mesmo tempo, como outros produtos coloniais, como arroz, anil ou algodão, começavam a interessar cada vez mais, a coroa visava implicar mais o estado nas trocas econômicas com a colônia amazônica. Evidentemente, as atividades da Companhia de Comércio iam bem além das da Companhia de Jesus, pois não se tratava de uma simples substituição, mas antes do afastamento de um concorrente de porte menor, mas tido como experiente e intransigente, pois não integrável nas novas dinâmicas econômicas e sociopolíticas.

IHU On-Line – Qual o objetivo de Pombal em elaborar o Diretório dos Índios em 1755, e como isso afetou a relação dos jesuítas com os indígenas?

Karl Heinz Arenz – Comumente se apresenta o Diretório, elaborado em 1755 e promulgado em 1757, como expressão do pensamento iluminista que motivou Pombal a modernizar o estado português. Mas ao analisar este documento, por sinal, extremamente interessante, mais de perto, fica óbvio que se trata, no fundo, de uma versão “laicizada” do Regimento das Missões de 1686. Primeiro, o índio, embora declarado livre, continua sob tutela. Segundo, o missionário é substituído por um diretor, ou seja, um funcionário da coroa. Terceiro, a catequese é substituí-

¹⁷ Luís Antônio Verney (1713-1792): filósofo, teólogo, padre e professor português. Foi um dos maiores representantes do Iluminismo no país; é autor de *O Verdadeiro Método de Estudar*. (Nota da IHU On-Line)

¹⁸ Ludovico Muratori (1672-1750): historiador italiano, educado pelos jesuítas. É conhecido pela descoberta do Cântico Murator, uma cópia da lista mais antiga que se conhece dos livros do Novo Testamento. (Nota da IHU On-Line)

da pela insistência na “civilidade”. De fato, “civilizar” é uma palavra e uma atividade que aparece, de maneira expressa, pela primeira vez no Diretório. É importante lembrar que o conceito de “civilização” surgiu justamente com as reflexões iluministas. Conforme o Diretório, os índios deveriam agora assumir costumes portugueses: falar português, usar roupa europeia, ter um sobrenome luso. Antes, eram os missionários que aprendiam as línguas indígenas e, geralmente, eles não interferiam nos costumes cotidianos não religiosos (ou os que eles consideravam como tais) dos índios. Além disso, o Diretório incentivou a miscigenação por meio de casamentos mistos. Antes, os missionários fizeram tudo para manter soldados e colonos distantes dos aldeamentos para evitar abusos. O que motivou as autoridades portuguesas a introduzir o Diretório é o fato de não terem conseguido implantar mais colonos brancos para a Amazônia. Os índios eram, ainda no século XVIII, a maioria absoluta. Declará-los como vassallos com os mesmos direitos dos demais portugueses era uma forma de transformar o grande contingente de colonizados em colonos. Apesar do aparente interesse econômico de fazer do índio um colaborador imediato e disponível, livre de intermediários religiosos ou de uma legislação separada, vale ressaltar que o Diretório é o primeiro documento em que colonizados são oficialmente iguais aos colonizadores. Contudo, na prática, a realização desta ideia não deu tão certo. Como os índios continuavam, apesar de tudo, sob tutela, desta vez de um diretor (que, aliás, podia ser um índio), as fugas das antigas missões transformadas em vilas aumentaram drasticamente. Assim, após quarenta anos, o Diretório foi abolido, em 1798.

IHU On-Line – De que modo estes acontecimentos no Brasil e em Portugal são lastro do que viria a ser a Supressão da Companhia?

Karl Heinz Arenz – Sem dúvida, a “ousadia” de Pombal de expulsar os jesuítas incentivou outros monarcas católicos (Espanha, França, Áustria, Nápoles, principados italianos e alemães) a fazer o mesmo. Mesmo assim, a iniciativa portuguesa serviu mais de estopim, pois as ideias anti-jesuíticas já estavam circulando há

várias décadas na Europa e até com mais intensidade nos outros países. Folhetos e panfletos haviam, além disso, popularizado o antijesuitismo. O conceito do absolutismo esclarecido, em voga na época, que prefigurou a ideia de nação – Eric Hobsbawm¹⁹ fala, neste contexto, em protonacionalismo –, era incompatível com a visão universal ou, melhor, universalista da Companhia de Jesus. Também o fato de a Companhia não se contentar com a divisão da administração espiritual e temporal no processo da evangelização (insistindo sempre na “dupla administração”), só fez aumentar as contendas com as autoridades. Mas, além da base comum do antijesuitismo, havia muitas outras particularidades, em cada país, que têm que ser levadas em conta. Assim, o galicanismo e o jansenismo, duas correntes teológico-políticas muito fortes na França, ou os interesses comuns das “cortes bourbônicas” (os tronos da França, Espanha, Nápoles-Sicília e Parma estavam ocupados por membros da dinastia dos Bourbons) eram motivos para combater a ordem jesuítica enquanto adversários (reais ou imaginados) de ideias inovadoras e, também, de seus crescentes anseios (sobretudo espanhóis) na península itálica. Isso explica, em parte, a forte pressão que os espanhóis exerceram sobre o papa Clemente XIV²⁰ para interditar a Companhia de Jesus. Resumindo, Portugal deu o “chute inicial” que desencadeou um efeito dominó, mas a supressão, em 1773, não pode ser explicada exclusivamente com as decisões tomadas por Pombal.

IHU On-Line – Após a restauração, como retornaram os jesuítas à

¹⁹ Eric Hobsbawm: historiador marxista do século XX. Autor de inúmeros livros, entre os quais *A Era dos Extremos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), *A Era do Capital* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A Era das Revoluções* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A Era dos Impérios* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988), *Bandidos* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976) e sua autobiografia, *Tempos Interessantes: uma vida no século XX* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002). (Nota da IHU On-Line)

²⁰ Papa Clemente XIV, o Rigoroso (1705-1774): sacerdote franciscano nascido na Itália, foi Papa de 1769 até sua morte. Bem visto pelos governos contrários aos Jesuítas, ficou conhecido pela emissão do breve *Dominus ac Redemptor noster*, que extinguiu a Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

Amazônia? Quem encabeçou a retomada destas ações?

Karl Heinz Arenz – Pelo que eu saiba, os jesuítas retornaram somente na segunda metade do século XX à Amazônia. Comunidades nos dois grandes centros urbanos de Manaus e Belém, além de uma presença no sul do Pará marcaram esta volta. Durante muitos anos, a atuação na região e a formação de candidatos foram coordenadas a partir do Nordeste (Fortaleza). Somente em meados dos anos 1990 foi fundada uma Região, isto é, uma entidade própria (mesmo dependente), justamente 235 anos após a expulsão. Hoje há jesuítas, além das duas metrópoles amazônicas, em diversas outras cidades de porte maior, como Santarém (que se orgulha de ter sido fundada pelo padre João Felipe Bettendorff), Marabá e Boa Vista. Pastorais diversas (urbana, universitária, juvenil-vocacional, indígena, social) marcam o trabalho dos padres na região. Mas, repito, meus conhecimentos referentes à atuação recente dos jesuítas na Amazônia são mais escassas.

IHU On-Line – Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Karl Heinz Arenz – Só gostaria de aproveitar e frisar, mais uma vez, que a Amazônia ocupa um lugar central na história das expulsões, pois foi lá que a onda de deportações começou. Embora se indique comumente o ano de 1759, a expulsão da Amazônia começou antes, ainda que de forma mais esporádica. Assim, desde 1756, já temos a retirada proposital de padres tidos como “perturbadores” ou “não leais”. Eu mesmo vou apresentar no seminário o caso do Padre Lourenço Kaulen²¹, cuja expulsão de uma missão no rio Xingu foi até efetuada por índios incitados pelas autoridades em Belém. Como dá para ver, a história é mais complexa do que imaginamos.

Leia mais

- *Missões jesuíticas no Maranhão e Grão-Pará*. Entrevista com Karl-Heinz Arenz publicada na edição 348 da IHU On-Line, de 25-10-2010, em <http://bit.ly/ihuon348>.

²¹ Lourenço Kaulen: padre alemão que registrou com detalhes a penosa viagem dos jesuítas expulsos do Pará em 1757. (Nota da IHU On-Line)

Jesuítas, indígenas e africanos. Uma relação ressignificada pela historiografia contemporânea

Professora e pesquisadora Eunícia B. Fernandes debate os processos de compreensão históricos da Companhia de Jesus na América Latina a partir de uma perspectiva menos generalista

POR RICARDO MACHADO E ANDRIOLLI COSTA

A professora e pesquisadora Eunícia B. Fernandes é cuidadosa com as palavras. Ao responder sobre a história dos jesuítas na América Latina tenta levar em conta as complexidades que estão em jogo e foge de generalizações, que na opinião dela não ajudam a compreender os contextos em análise. “A compreensão contemporânea abre espaço para as fragilidades e diferenças entre esses personagens colonizadores e, sem totalizá-los, permite identificar uns mais comprometidos com o Reino enquanto outros não. Permite ver os portugueses que andavam como os indígenas no meio do sertão e que, em alguns casos, sequer sabiam falar o português, apenas a língua geral”, exemplifica Eunícia, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

“Quando investigamos historicamente aquelas experiências pretéritas e nos aproximamos daqueles homens passamos a ver que os jesuítas defendiam coisas diferentes – Grã discordava de Nóbrega quanto à confissão com intérprete -, passamos a ver jesuítas adotando práticas nativas na sua vida diária – como o andar descalço nas matas”, aponta a entrevistada. Com relação ao esvaziamento religioso durante o processo moderno de secularização, Eunícia sustenta: “Durante os séculos XVI e XVII, apesar de muitos conflitos com os colonos, a Companhia de Jesus teve um massivo apoio da Coroa em suas decisões, garantindo-lhe privilégios de impostos. Já no

XVIII o apoio não é da mesma natureza e os jesuítas são mesmo proibidos de entrarem na região das minas recém-descobertas, apesar da existência de muitos contingentes indígenas. Não podemos devotar apenas à secularização tal medida da Coroa, mas fato é que o Estado compreendia a si mesmo de uma maneira distinta e isso sim resulta desse processo”, argumenta.

Eunícia Barros Barcelos Fernandes é graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, realizou mestrado em Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Puc/Rio e doutorou-se em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Atualmente é professora na Puc-Rio e autora de diversos artigos e livros dos quais destacamos *A Companhia de Jesus na América* (Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013).

A professora coordena o Seminário temático simultâneo, *A Companhia de Jesus e os índios no século XVIII: experiências num processo de secularização*, na Unisinos, na Sala 1F102, na Unisinos. O evento, que se estende do dia 11 ao 13 de novembro, das 09h às 12h, faz parte da programação do **XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração**. A programação completa pode ser encontrada em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Confira entrevista.

IHU On-Line – Até que ponto a relação entre jesuítas e indígenas se estabeleceu a partir de um processo de colonização, digamos assim, vertical e até que ponto foi marcado por práticas híbridas de interculturalidade?

Eunícia B. Fernandes – A questão aponta dois pressupostos distintos que, esclarecidos, podem ajudar a compreender a experiência entre jesuítas e indígenas na colonização da América. O primeiro pressuposto diz respeito a uma compreensão iluminista de indivíduo e de totalidade, numa suposição de controle dos inícios, meios e fins. O segundo pressuposto diz respeito a uma compreensão contemporânea, onde o indivíduo é fragmentado e historicamente construído. Vejamos como tais princípios interferem na compreensão do verbo colonizar.

A compreensão iluminista quando olha para os documentos sobre o Reino de Portugal, por exemplo, o vê como algo indiviso e uno. Ao identificar em portugueses ou colonizadores, tal compreensão não deixa espaço para as diferenças e fissuras existentes nessa suposta unidade, pois apaga as diferenças entre cristãos e cristãos novos, entre aristocratas e camponeses e, de apagamento em apagamento, cria a imagem de um colonizador fictício que responde aos comandos régios sem dúvidas, sem questionamento ou sem interesses particulares. Já a compreensão contemporânea abre espaço para as fragilidades e diferenças entre esses personagens colonizadores e, sem totalizá-los, permite identificar uns mais comprometidos com o Reino enquanto outros não. Permite ver os portugueses que andavam como os indígenas no meio do sertão e que, em alguns casos, sequer sabiam falar o português, apenas a língua geral.

Sem dúvida, o verbo colonizar supõe uma ação de domínio e, portanto, obrigatoriamente, uma ação vertical – como menciona a pergunta. Não há como ocultar que os inácianos vieram para a América para tentar fazer com que os indígenas deixassem de ser indígenas e passassem a ser outra coisa e que o faziam certos da verdade de suas intenções e ações. Não há como

“A compreensão contemporânea abre espaço para as fragilidades e diferenças entre esses personagens colonizadores”

negar que Nóbrega,¹ quando formalizou o modelo dos aldeamentos numa carta enviada ao seu superior indicava a necessidade de subjugar os nativos e que isso deveria ser feito pela Coroa, ou seja, pela força das armas. Mas...

Dentro das intenções quais se transformaram em ações? E das ações, quais saíram como planejadas? E com o convívio, quem dominava o que? Quando investigamos HISTORICAMENTE aquelas experiências pretéritas e nos aproximamos daqueles homens passamos a ver que os jesuítas defendiam coisas diferentes – Grã discordava de Nóbrega quanto à confissão com intérprete –, passamos a ver jesuítas adotando práticas nativas na sua vida diária – como o andar descalço nas matas –, passamos até a ver que os muitos indígenas que aparecem como moradores dos aldeamentos criados por jesuítas não eram moradores fixos, mas que iam e vinham e faziam daquele espaço outra coisa que não o imaginado pelos padres.

A pergunta de vocês é “até que ponto”. Essa é uma pergunta que a historiografia nunca pode responder, pois não há uma única grade de medida tanto para os personagens que viveram aquela mesma experiência – cada um pode definir marcas diferentes para esse ‘ponto’ –, como para os investigadores que fazem a pergunta sobre os documentos, afinal, no caso citado, eu posso olhar para todos os

registros daquela época sem ver os índios – como a História fez durante séculos – ou não.

IHU On-Line – De que forma as trocas entre os povos originários e os jesuítas não se reduziram aos aspectos religiosos, mas, sim, a uma troca cultural mais ampla com as alteridades ameríndias e africana?

Eunícia B. Fernandes – O propósito dos inácianos era catequizar, porém, de imediato devemos identificar que para que o resultado da devoção indígena ocorresse as estratégias utilizadas ultrapassaram em muito o ensino regular do evangelho. A formação dos aldeamentos e o convívio diário entre religiosos e indígenas definia – de per si – trocas as mais variadas, pois da subsistência até ao fato dos jesuítas estarem aqui através do Padroado português e deverem retorno à Coroa – o que implicava, por exemplo na exigência régia do ensinar o português (as escolas de ler e escrever) – os contatos não se restringiam ao âmbito religioso estrito senso.

E sobre as trocas com outros agentes sociais é preciso pontuar o que foi destacado na primeira questão: os contextos e a capacidade dos personagens estarem continuamente se fazendo. O que isso significa? Significa ver que a escravidão, diferente do que dizia a lei, não foi exclusividade para africanos ou afrodescendentes e que tal situação histórica unia negros da terra e negros da Guiné, tanto dentro de latifúndios como nos espaços de fuga, como nos quilombos.

Dizer de troca é dizer de experiência, de proximidade e isso não faltou no solo americano para tais grupos identificados na questão.

IHU On-Line – Em um contexto de hibridização cultural, que particularidades referentes aos idiomas se pode apontar? Como funcionavam e do que se tratavam as “línguas gerais”?

Eunícia B. Fernandes – A premissa da primeira questão pode ser útil aqui também. Quando se fala em colonização, na ação dos jesuítas com as escolas de ler e escrever o português e mesmo da exigência da Coroa quanto a isso, muitas vezes se esquece que a normatização da língua portugue-

¹ Manuel da Nóbrega (1517-1570): padre jesuíta português, chefe da primeira missão jesuítica à América, cujas cartas que enviava para sua ordem servem como documentos históricos sobre o Brasil colonial e a ação jesuítica no século XVI. (Nota da IHU On-Line)

sa ainda estava em processo, assim como a das outras línguas europeias que hoje conhecemos.

Meus alunos, pesquisadores iniciantes, quando começam a trabalhar com a documentação sempre me perguntam “Mas professora, isso é português ou espanhol? É tudo diferente!”. A sensibilidade imediata, entretanto, não é acessada por aqueles que não trabalham com os documentos e quando ouvem sobre o tema das línguas já imaginam um colonizador falando o português contemporâneo, com uma gramaticalização completa e distinta e que se colocava no papel de gramaticalizar as línguas nativas. Não podemos ver bem assim....

Em primeiro lugar, ao lidar com o tema devemos ter clareza de que as línguas são elementos vivos, em permanente transformação e sem o controle absoluto de quem quer seja. E tal vivacidade transformativa se opera na experiência dos seres humanos que criam neologismos para situações, sensações, pensamentos novos, alteram significados de palavras antigas, brincam com as palavras de outros idiomas, apropriando-se delas. E a comunicação vai se fazendo em meio a toda essa confusão. E o contato entre grupos com práticas e línguas distintas exibe com maior vigor essa dinâmica, mas não devemos nos enganar, pois ela existe dentro de comunidades com a mesma língua.

O que isso significa? Que homens em contato que buscavam se comunicar certamente marcaram as referências linguísticas uns dos outros. As apropriações de palavras e modos de dizer indígenas e africanos por parte dos portugueses já foram pauta de muitos trabalhos desde Gilberto Freyre² e os atuais diálogos entre lin-

2 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala e Sobrados e Mocambos*. Sobre Freyre, confira o Cadernos IHU nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil*. Algumas Considerações, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>.

“Quando investigamos historicamente aquelas experiências pretéritas e nos aproximamos daqueles homens, passamos a ver que os jesuítas defendiam coisas diferentes”

guistas e historiadores enriquecem sobremaneira nossa capacidade de ver e pensar como aqueles homens do passado viviam e se relacionavam. Certamente ocorreu o mesmo com as línguas nativas de América, África e Ásia, pois do nome de novos objetos à identificação de novas situações e sujeitos – como os mestiços derivados desses encontros – palavras que inexistiam em seus vocabulários foram incorporadas.

Mas falamos de uma situação colonial, de uma intenção de transformação das terras e das gentes: a América num outro Portugal, os nativos em vassalos cristãos e fiéis. Deste modo houve estratégias para garantir a comunicação e, nesse ponto, os jesuítas se destacaram. Sua formação refinada e sua intenção deliberada de conhecer o outro para evangelizar, garantiu um esforço de sistematização de línguas nativas e a criação de gramáticas e dicionários que nortearam os advéncios em seu contato.

O fato de existirem muitas comunidades e etnias indígenas e ser localizada uma matriz comum entre aqueles que habitavam a costa ga-

rantiu que, num primeiro momento, tal sistematização permitisse a comunicação mais ampla e, através desse aprendizado, houve mesmo a normatização de línguas ao ponto dessa matriz ser levada para a região amazônica para ser ensinada aos indígenas de outras matrizes linguísticas e garantir o entendimento.

Há, portanto, a criação de uma língua franca: uma ordenação europeia de línguas nativas com intuito colonizador que passa a mediar o contato entre europeus e nativos.

IHU On-Line – Como podemos explicar essas experiências a partir da ideia de secularização?

Eunícia B. Fernandes – A experiência da troca acontece tanto num mundo embebido pela religiosidade como em um mundo secularizado. O avanço da descrença e a preponderância do Estado e da racionalidade na direção das escolhas podem atingir os valores e as escolhas que os homens fazem nos contextos que vivem, mas é a investigação caso a caso que vai iluminar em conjunto o que poderia estar ocorrendo em termos de transformação no período.

Não temos um trabalho que tenha se detido nessa perspectiva mais ampla para sugerir uma resposta, porém, há dados considerados até aqui que podem ser úteis. A primeira coisa é observar que a sensibilidade secular não se instaura de uma só vez e não deixa de conviver/ dialogar com sensibilidades religiosas, portanto, é preciso tomar cuidado com aquelas aspirações de criar unidades ou totalidades que explicam tudo e dizem no século XVI foi assim e no XVIII foi diferente: o historiador Fernand Braudel³ alertou há décadas que os historiadores trabalham com vários ritmos de temporalidade e na longa duração observamos sentidos que persistem atravessando as mudanças.

3 **Fernand Braudel** (1902-1985): historiador francês cuja obra destaca o poder dos mercados no desenvolvimento da civilização. Foi aluno de Lucien Febvre e ajudou a fundar a Escola dos Annales. Braudel veio ao Brasil em 1935 para ajudar a fundar a Universidade de São Paulo. É autor de livros como *A Identidade da França (Globo)*, *Civilização Material, Economia e Capitalismo*, *O Espaço e a História do Mediterrâneo* (ambos pela Martins Fontes), entre outros. (Nota da IHU On-Line)

Um segundo ponto seria não confundir a experiência vivida pelos agentes com as interpretações que hoje delas fazemos, assim, devemos ter em conta que a pergunta SUGERE que estejamos vendo AS MESMAS experiências com novos óculos, ou seja, indígenas e jesuítas viviam a mesma coisa e agora vejamos isso sob o ponto de vista da secularização. Não é isso. O processo de esvaziamento da resposta religiosa sobre o mundo vai mudar as ações, então não são as mesmas experiências. De um modo bem pragmático: durante os séculos XVI e XVII, apesar de muitos conflitos com os colonos, a Companhia de Jesus teve um massivo apoio da Coroa em suas decisões, garantindo-lhe privilégios de impostos. Já no XVIII o apoio não é da mesma natureza e os jesuítas são mesmo proibidos de entrarem na região das minas recém-descobertas, apesar da existência de muitos contingentes indígenas. Não podemos devotar apenas à secularização tal medida da Coroa, longe de mim fazer tal afirmação, mas fato é que o Estado compreendia a si mesmo de uma maneira distinta e isso sim resulta desse processo.

O exemplo mais radical dessa transformação no eixo das relações estabelecidas entre jesuítas e indígenas é o Diretório dos Índios. Legislação destinada aos indígenas do Pará e Maranhão em 1757, mas que depois validou-se no Estado do Brasil, o Diretório secularizou o trato dos indígenas, retirando dos jesuítas tal responsabilidade.

IHU On-Line – De que maneira os documentos do século XVIII, que relatam a compra de escravas africanas por jesuítas para casamentos com indígenas a fim de aumentar a mão de obra, tensionam a ideia geral que a Companhia defendia a liberdade dos índios?

Eunícia B. Fernandes – Não precisamos chegar ao século XVIII para questionar a defesa incontestada da liberdade dos índios advogada pelos inicianos. Um dos problemas de olharmos para a história na visada da unidade identitária iluminista, como mencionei na primeira questão, é exatamente criar generalizações que

“Não podemos devotar apenas à secularização tal medida da Coroa, mas fato é que o Estado compreendia a si mesmo de uma maneira distinta”

sedimentam estereótipos que engessam o conhecimento histórico.

Os jesuítas, como poucos nos séculos XVI e XVII, eram homens de ideias, homens instruídos acima da média e comprometidos com o mundo que viviam, deste modo, supor que existiam aqueles que – num quadro de validade da escravidão – questionassem a liberdade dos índios não seria nenhum despropósito. Eles seriam homens de seu tempo. Muito mais complicado é lidar com o mito e querer que os registros da história o confirmem, apagando os homens e as experiências por trás do mito.

A Companhia de Jesus foi uma instituição que agiu vigorosamente em prol da liberdade dos índios e a existência de procuradores de índios que foram às Coroas portuguesa e espanhola ou ao papa – como António Ruiz de Montoya⁴ ou Fernando Dias

Taño – comprovam isso num amplo reconhecimento. Houve também outros que, sem a mesma notoriedade e no cotidiano de suas vidas, defenderam intrepidamente indígenas de colonos ávidos por fazerem deles escravos. Mas o ponto não é esse, ou melhor, a questão não se encerra aí. Há muitas outras. Há o fato dos religiosos precisarem de trabalhadores nas suas fazendas e, antes disso, nos próprios colégios. Há o fato de indígenas e aldeamentos desgastarem os religiosos junto aos colonos, sendo eternos motivos de disputas, e os jesuítas serem religiosos também para os colonos. Há o fato das vocações e habilidades de cada um e, entre os inicianos, não existirem exclusivamente missionários, desejosos do encontro com a alteridade. Há as variáveis e contingências momentâneas de uma vida nada simples.

Nóbrega queria catequizar, mas da crença de que os índios aprenderiam o ABC em dois dias veio o conhecimento das dificuldades de um batismo que não sanava os maus costumes e receio/cuidado com as ações de resistência como a morte do bispo Sardinha.⁵ A defesa de que os índios deveriam ser primeiro subjugados – como já mencionei – não fora algo previsto ou advogado ao início, mas o constrangimento dos nativos à força passou a ser uma realidade para aquele jesuíta que sempre os defendeu.

Os estudos exibem que as fazendas jesuíticas tiveram um singular equilíbrio entre homens e mulheres, quando comparadas a outras unida-

⁴ Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652): padre jesuíta e linguista peruano, um dos pioneiros nas missões do Paraguai. Ingressou na Companhia de Jesus em 11 de novembro de 1606. Foi ordenado em Santiago del Estero em fevereiro de 1611. Foi superior das missões entre 1636 e 1637, e procurador na Europa, em 1639. Escreveu alguns clássicos para o estudo das missões indígenas da Companhia no Paraguai, entre elas: *Conquista Espiritual* (1639), *El tesoro de la lengua guaraní* (1639) e *El arte y vocabulario y el catecismo*. No Peru existe a Universidade Antonio Ruiz de Montoya. Confira nas Notícias do Dia do IHU a matéria *O corpo e a sexualidade nas reduções jesuíticas*, de 28-10-2010, disponível em <http://bit.ly/ihu281010>.

O texto apresenta o trabalho da pesquisadora Graciela Chamorro, que participou do XII Simpósio Internacional IHU: A experiência missionária: território, cultura e identidade, conduzindo o minicurso *O corpo e a sexualidade nas missões jesuíticas*, tema inspirado nos livros escritos por Montoya. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Dom Pedro Fernandes Sardinha ou Bispo Sardinha (1496-1556): foi o primeiro bispo do Brasil. Eleito bispo de São Salvador da Bahia no dia 25 de fevereiro de 1551, aos 55 anos. Tomou posse no dia 22 de junho de 1552 e renunciou à função no dia 2 de junho de 1556. No dia 16 de julho de 1556 foi capturado pelos índios caetés e, mesmo indicando por acenos que era um grande prelado dos portugueses e um sacerdote consagrado a Deus, que se vingaria dos excessos cometidos contra ele, foi abatido e devorado junto de seus companheiros. (Nota da IHU On-Line)

des produtivas, assim como apresentavam registros de casamentos e filhos, consolidando o ideal da família católica também de forma única. Mas eram unidades produtivas. Era necessário mão-de-obra. A estratégia de compra de escravas para casamento com índios garantiria uma prole escrava sem ‘escravizar’ os indígenas, mas mantendo-os nas fazendas. No mínimo, uma solução inteligente diante da situação da escravidão.

Não acredito que a História seja um tribunal, não cabendo, portanto, o papel de culpar ou absolver, de dizer que os jesuítas foram melhores ou piores do que os outros homens de sua época. Acredito, ao contrário, que a ela caiba acessar os registros das experiências e através deles buscar compreender o que eles dizem, os significados que construíram para os seus contemporâneos, os valores que carregam, os seus porquês. Deste modo, a TENSÃO relatada na pergunta se esvazia. Ela só existe quando fechamos os olhos aos homens que viveram um certo contexto e acreditamos em mitos.

IHU On-Line – De que maneira a Companhia de Jesus moldou, de certa forma, o surgimento da cidade do Rio de Janeiro desde a segunda metade do século XVI? Que impactos trouxe à cultura fluminense da época?

Eunícia B. Fernandes – Minhas pesquisas apontam para uma atuação fundamental da Companhia de Jesus e dos índios na formação da capitania do Rio de Janeiro. Muito mais do que o momento de criação da cidade, onde os dois grupos citados tiveram papel preponderante, a construção dos limites do que se transformou no que hoje conhecemos como Rio de Janeiro em muito se forjou pela constituição de aldeamentos e fazendas jesuíticas, além dos processos de descimentos de índios efetuados pelos religiosos.

A costa fluminense era espaço permanentemente visado na navegação do XVI ao XVIII por muitos motivos: Cabo Frio era ponto de referência nas navegações, suas baías e enseadas permitiam a ancoragem de grandes navios e era um acesso conhecido para a região do Rio da Prata, isso tudo sem contar com o comércio do

pau-brasil ou com a possibilidade de ataque aos navios lusos, haja vista Parati ser um dos portos de escoamento das minas.

Citei dados de períodos diferentes, outros de longa duração, mas que definem o risco que a Coroa portuguesa identificava levando-a a mobilizar-se seja na distribuição de sesmarias para efetiva ocupação lusa, na construção de fortalezas ou no armamento de contingentes indígenas responsáveis pela defesa. Em todos os casos, a intermediação dos religiosos da Companhia foi fundamental: na primeira, diretamente, ao assumir terras e a responsabilidade sobre elas para a defesa da Coroa portuguesa, nos outros, como responsáveis pelos índios – seja como mão-de-obra construtora ou como guerreiros – cabia a ela tanto a arregimentação como o controle imediato do envio destas forças.

No caso específico da cidade, que é bem menor do que a capitania, outros já exibiram a centralidade das ordens religiosas no processo de urbanização, para além do controle da formação – o colégio principal dos colonos era o dos jesuítas – e das consciências, afinal, além do ler e escrever, do cuidado na doença com a botica do colégio, as ações religiosas eram reguladoras numa sociedade altamente católica.

Quanto a impacto sobre a ‘cultura fluminense’, creio que, primeiramente, devamos ter cuidado no uso da expressão, precisando melhor o que é essa unidade imaginada e o que se está nomeando de cultura. Quanto à unidade da capitania, ela existia para alguns agentes, certamente a Coroa e seus representantes, mas mesmo para os jesuítas é preciso ter cuidado, pois se sua malha de colégio, aldeamento e fazendas garantia uma compreensão alargada do território, fato é que sua área de atuação ultrapassava a capitania, haja vista a casa e depois colégio do Espírito Santo ter sido durante muito tempo subordinada ao colégio do Rio de Janeiro, ou seja, quando os próprios jesuítas pensavam seu recorte espacial a partir do Colégio de São Sebastião, essa suposta unidade fluminense não existia. Quiçá para índios ou africanos.

IHU On-Line – Como a historiografia atual atualiza a perspectiva histórico-cultural da relação entre a Companhia de Jesus e os índios no Brasil do século XVIII? Por que o olhar se complexificou?

Eunícia B. Fernandes – Muita coisa mudou no conhecimento histórico – na teoria, na metodologia – mas muita coisa mudou na história que nós vivemos. Inclusive é boa oportunidade para reforçar que são dados totalmente interligados, afinal os historiadores são homens envolvidos nas suas sociedades e estimulados/municiados por elas para fazer seu trabalho.

Ao longo do século XX várias reflexões (não apenas para a História) expuseram que a produção do conhecimento humano é uma construção e subjetiva, essa percepção que retira a ilusão da objetividade absoluta foi fundamental no repensar das fontes e dos procedimentos. Além disso, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial a diversidade passou a ser valor preponderante, permitindo lugar social para grupos silenciados e, no bojo, para as diferenças étnicas. De modo bastante pragmático, o desenvolvimento das reflexões no campo da Antropologia caminhou, por exemplo, par e passo com a mobilização e organização social de grupos indígenas em prol de direito nos contextos contemporâneos.

Quando o historiador tem acesso a mais registros, a vozes múltiplas sobre a experiência, a complexidade é uma derivada, pois ele deve desenvolver mecanismos de pensar e lidar com isso.

Tal dinâmica ganhou, no Brasil, um que a mais, pois a historiografia não havia se detido de modo sistemático na história sobre os indígenas, portanto, as renovações da história cultural iniciadas na década 80 do século passado que muito fomentaram os estudos coloniais e, no caso, aqueles sobre as relações entre a Companhia de Jesus e os indígenas, ajudaram a criar e a sedimentar um campo de pesquisa fundamental para a reflexão das questões sociais brasileiras.

A fé e a ciência nas fronteiras

A historiadora Eliane Fleck apresenta um panorama da contribuição jesuítica para as ciências naturais e as práticas de cura na historiografia ocidental

POR ANDRIOLLI COSTA E RICARDO MACHADO

Durante muito tempo, a atuação do Tribunal do Santo Ofício – a conhecida Inquisição, da Igreja Católica – promoveu um imaginário negativo da relação entre a religiosidade e as ciências. Acreditava-se, portanto, que as censuras inquisitoriais obstruíram o pensamento científico, especialmente nos países e regiões de colonização ibérica. No entanto, a historiadora Eliane Cristina Deckmann Fleck alerta: esta visão minimiza “o importante papel desempenhado pela sensibilidade científica barroca própria do período – que conjuga a intervenção divina com o experimentalismo – para a ‘formulação de modelos explicativos com validade universal’”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a professora elenca os modos como os jesuítas conseguiram realizar uma harmoniosa síntese entre ciência e religião, dedicando-se à astronomia, à cartografia, à botânica médica, à física experimental e à história natural. Produzindo, mas palavras do historiador e filósofo da ciência argentino Miguel de Asúa, “uma ciência basicamente barroca com relações tardias com a ciência ilustrada do século XVIII, que esteve a serviço do projeto religioso da Companhia de Jesus”.

As ciências produzidas pelos jesuítas, especialmente aquela voltada para a medicina e a farmacologia, não podem ser consideradas “precursoras deficientes das ciências atuais ou como cópias insuficientes dos modelos

européus”. Em verdade, são formas independentes e singulares, que surgem do contato direto com a experiência vivida. Assim, ao construir retratos da morte e das doenças, os inicianos tensionam saberes puramente teóricos, “que não puderam escapar à ‘efervescência do contato’”.

Eliane Cristina Deckmann Fleck é graduada e mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. cursou doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, com a tese *Sentir, adoecer e morrer – sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII*. Ex-coordenadora do curso de História da Unisinos, é docente na mesma universidade. É ainda coordenadora do Convênio de Cooperação Acadêmica entre Grupos de Estudos de História do Brasil e Portugal (GEHBP), firmado entre a *Universidad de Buenos Aires* e a Unisinos.

A professora coordena o seminário *A fé e a ciência nas fronteiras: a Companhia de Jesus e as contribuições para uma cultura científica na América*, que acontece entre os dias 11 e 13 de novembro, das 09h às 12h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. O evento faz parte da programação do **XVI Simpósio Internacional IHU: A Companhia de Jesus da Supressão à Restauração**. Confira a programação completa em <http://bit.ly/CiaJes2014>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Por que só recentemente a imagem negativa do colonialismo ibérico vem sendo desconstruída? Por que havia essa má impressão até o começo da última década do século XX?

Eliane Fleck – As reflexões em torno das múltiplas atividades exercidas pelos membros da Companhia de Jesus sempre dividiram as opiniões dos historiadores. Por mais de quatro séculos, recaiu sobre a Ordem uma apreciação negativa, associando-se a ela a oposição a qualquer

inovação no campo da ciência moderna. Segundo Iris Kantor,¹ entre os principais efeitos da difusão de imagens negativas do colonialismo ibérico difundidas pela historiografia antijesuítica dos séculos XVIII e XIX está a percepção de que a censura inquisitorial, o catolicismo e a Com-

panhia de Jesus obstruíram “o pensamento científico nos países e regiões de colonização ibérica”. Uma posição que acabou por reforçar a existência de uma dicotomia entre prática científica e cultura católica e minimizar o importante papel desempenhado pela sensibilidade científica barroca própria do período – que conjuga a intervenção divina com o experimentalismo – para a “formulação de modelos explicativos com validade universal” (KANTOR, 2010, p. 295-

¹ Iris Kantor: professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. (Nota da IHU On-Line)

296).² Esta tradição historiográfica se alterou significativamente a partir dos anos noventa do século passado, em decorrência de uma série de investigações que, com base em documentação acessada nos arquivos da Companhia de Jesus em Roma ou em arquivos latino-americanos como os de Buenos Aires, Córdoba e Santiago do Chile, têm contribuído para evidenciar o inegável o papel desempenhado pelos jesuítas na história intelectual do Renascimento e dos inícios da era moderna, bem como para a implantação de uma cultura científica na América, evidência inquestionável do enlaçamento de mundos que a Companhia de Jesus promoveu.

IHU On-Line – De que forma os jesuítas contribuíram para a cultura científica no continente americano?

Eliane Fleck – Em artigo de 2005, Antonella Romano já referia a importância do mundo iberoamericano para a história das ciências, ressaltando que a atividade científica da Companhia de Jesus [nos espaços extra-europeus] não se restringiu ao Oriente. Destacou, ainda, quão fundamental era inscrever as atividades da Companhia no mundo americano em uma reflexão sobre a natureza da Ordem e do apostolado missionário. De acordo com Romano, as atividades intelectuais e as ligadas às ciências não são constitutivas da identidade jesuíta, mas um elemento contingente da mesma, devido às interpretações abertas do princípio inaciano de atuar no século. As atividades da Companhia exigiram, sim, “competências científicas”, tanto aquelas que a Ordem viesse a solicitar explicita-

mente, quanto as que os missionários viessem a acionar nos marcos de seu apostolado (ROMANO, 2005, p. 93-118).

Para o historiador e filósofo da ciência argentino Miguel de Asúa, os jesuítas conseguiram realizar uma harmoniosa síntese entre ciência e religião, dedicando-se à astronomia, à cartografia, à botânica médica, à física experimental e à história natural e produzindo “uma ciência basicamente barroca com relações tardias com a ciência ilustrada do século XVIII, que esteve a serviço do projeto religioso da Companhia de Jesus” (ASÚA, 2010, p. 472). De acordo com Asúa, os jesuítas teriam ocupado “o cenário cultural e científico do Rio da Prata [...] antes da expulsão da Companhia em 1767”, e desenvolvido, especialmente, nas reduções jesuíticas, uma “interessante atividade científica”, como atestam “as histórias naturais do Novo Mundo e os manuscritos de matéria médica”, evidências de que a Companhia de Jesus era “a frente mais avançada da ciência no Rio da Prata” (ASÚA, 2010, p. 192-193). A historiadora mexicana Ivone Del Valle, por sua vez, tem ressaltado o papel que os jesuítas desempenharam na criação de redes de conhecimento e na formação de uma epistemologia muito particular no século XVIII (DEL VALLE, 2009, p. 240), e, em especial, a importância dos colégios da Companhia de Jesus para a circulação de ideias e para a realização de experimentalismos, das quais resultou tanto a validação, quanto a contestação de práticas e saberes consagrados na Europa. Este aspecto é também destacado por Ledezma e Millones Figueroa, para quem durante o século XVII e o XVIII, o projeto científico da Companhia de Jesus se constituía, efetivamente, em uma alternativa clara e influente no mapa cultural europeu, na medida em que “as mais reconhecidas figuras da *intelligentsia* jesuíta na Europa refletiram sobre a natureza do Novo Mundo”, a partir das informações que recebiam “dos irmãos e padres jesuítas que atuavam nas áreas coloniais periféricas”, os quais, além de integrarem um grupo “qualificado e confiável [...] ao redor do mundo”, constituíam uma notável rede de “agentes viajantes da Companhia” (MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 27-28).

Para além deste aspecto, cabe destacar inúmeras as referências que encontramos nas Cartas Anuais a obras clássicas de Medicina e a Tratados de Cirurgia, as quais, com certeza, deviam integrar os acervos das bibliotecas de algumas Reduções e de alguns Colégios jesuíticos, com destaque para a *Farmacopea*, de Palácios; *Opera Medica* de Hotosmani; dois tomos médicos de Carlos Muretano; *Opera Medica e Dictionario Medico*, de Ribera; *Cirurgia*, de Robledo; *Postemas*, de López; *Medicina*, de Guadalupe; *Cirurgia*, de Vigo; *Farmacopea Matricense*; *Farmacopea*, de Ceci; *Cirurgia*, de Vigo e *Opera Medica*, de Syderas. Vale ressaltar que havia um Catálogo de livros que podiam ser vendidos e enviados às chamadas *Indias Ocidentales* e no qual constavam obras como *Disputaciones de Medicina*, de Garcia; *De Corpore humana*, de Valverde; *Cirurgia*, de Redondo; *De morbo galico*, de Duarte Madeira; *Cirurgia*, de Borbon, bem como o *Promptuario*, de Remigio e o *Promptuario*, de Salazar. A Biblioteca da Universidade de Córdoba contava com obras como *Tesoro de Medicina*, de Egidio de Villalón; *Cirurgia Universal*, de Calvo; *El Tratado de todas las enfermedades*, de Francisco Diaz; *Tratado de Medicina*, de Juan Amato e *Los Principios de Cirurgia*, de Ayala.

Inventário

O Inventário da botica do Colégio de Córdoba – realizado em fevereiro de 1768, portanto, logo após a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios de domínio espanhol – parece confirmar esta afirmação, ao relacionar “‘vinos’, ungüentos, lameadores, aceites, esencias, ‘espíritus’, bálsamos, tinturas y elixires, sal volátil, emplastos, ‘confecciones’, preparaciones y polvos, píldoras, polvos cordiales, harinas, raíces, gomas, suecos, flores y aguas”. Ao lado de preparados à base de nitro-ácido e amoníaco, como os ‘vinos’ e de águas, como a rosada, de melissa e de canela, encontravam-se os polvos extraídos da ipecacuanha, planta medicinal americana. (PAGE; FLACHS, 2010, p. 123). As menções feitas por Pedro de Montenegro – a Riveiro, a Pedro Andrés Mathiolo, a Andrés de Laguna e a Dioscórides e a aplicação de alguns de seus pressupostos, especialmente, nos três

² Nota da Entrevistada: Ao refletir sobre o papel desempenhado pela Companhia de Jesus para o impulso das ciências naturais, a historiadora mexicana Maria Cristina Torales Pacheco também ressaltou a peculiar sensibilidade barroca que caracterizou a produção jesuítica sobre a natureza americana (PACHECO, 2005, p. 195-197). Beatriz Domingues, por sua vez, defende que os jesuítas assimilaram “algumas ideias caras à Ilustração - ainda que [de forma] seletiva e católica”, razão pela qual se deve relativizar a “abordagem tradicional que atribuiu à Companhia de Jesus uma visão retrógrada e resistente a mudanças, associada à tradição medieval católica e barroca” (DOMINGUES, 2009, p. 233).

primeiros capítulos da *Materia Medica Misionera*,³ parecem confirmar o acesso e a leitura destas obras médicas de referência pelos jesuítas em missão na América.

IHU On-Line – A preocupação que os jesuítas demonstraram ter em relação à saúde dos indígenas tratava-se de uma contrapartida da Companhia de Jesus aos habitantes locais, isolados das doenças tipicamente europeias? Por que tinham este cuidado?

Eliane Fleck – É curioso observar que, apesar de os jesuítas terem se dedicado ao alívio dos doentes, tanto na Europa, quanto na América, nem o Direito Canônico, nem as Constituições da Companhia de Jesus consideravam esta atividade como própria de religiosos⁴. Foi somente em 1576, que o Papa Gregório XIII outorgou à Companhia de Jesus permissão para a prática da medicina em regiões onde faltassem médicos e pudessem ser úteis também para os corpos e não somente para as almas⁵. Apesar da proibição do exercício da medicina, as Constituições da Ordem previam que os noviços deveriam fazer estágios em hospital durante um mês, como exer-

cício de humildade e caridade e que fossem nomeados os mais aptos para instalarem farmácias e enfermarias.

A situação com que se defrontariam os missionários jesuítas ao se instalarem na Província Jesuítica do Paraguai⁶ – que não contava com *Protomedicato* e, portanto, médicos – seria descrita da seguinte forma pelo padre jesuíta Marcial de Lorenzana, em carta de junho de 1610, dirigida ao Padre Diego de Torres Bollo: “*É terra miserável e faltam todas as coisas. Fora raízes de totora⁷ e pescado não existem outros alimentos. Os mosquitos são sem conta... nem de dia nem de noite deixam sossegar os homens, por conta disto minhas mãos e meu rosto parecem de um sarmento ou leproso. Certas vezes, passo um pouco de maçamora de maiz⁸ por não haver outra coisa*” (C. A. 1610 In: D.H.A., 1927, Tomo XX, p. 65).

Alguns registros do século XVII dão conta de que os missionários passaram a estabelecer relação direta entre as condições do ambiente em que haviam sido instaladas as missões, a alta concentração demográfica e as epidemias que atingiam as populações indígenas em processo de civilização e conversão. Muitos deles chegaram a afirmar que as terras pantanosas e com lagunas – mais sujeitas a enchentes e mosquitos – fa-

ziam com que muitos padecessem de enfermidades e, ainda, que as igrejas não deveriam servir de cemitérios – *como era costumbre general, en no pocas ciudades europeas* –, pois, por mais amplas e ventiladas que elas fossem, o enterramento em seu interior era anti-higiênico e favorecia a proliferação de doenças.

Jesuítas, a doença e a morte

Os missionários também não descuidaram de registrar – de forma bastante detalhada – o processo de evolução das doenças, desde o contágio até as tentativas de cura – empíricas ou mágico-curativas – mais frequentes nas reduções, como a disenteria, a lepra, o sarampo, a gripe, o tifo e a varíola. Nas descrições que recolhemos nas Ânuas é possível identificar não só a preocupação com o detalhamento da evolução e das medidas de controle das epidemias, como também a percepção ocidental de doença através das imagens que constroem “*el retrato de la muerte*”.

No Setecentos, os missionários passaram a adotar, também, algumas medidas de caráter profilático, como o isolamento de doentes, o adequado enterramento e a assepsia dos ambientes. Segundo a Carta Relação de 1747, do Padre José Cardiel,⁹ durante uma epidemia de varíola, foram construídas duas cabanas (que funcionariam como hospital) – distantes da missão – uma para aqueles que apresentavam alguns sintomas e outra para aqueles que já se encontravam em estado adiantado da enfermidade. Referindo-se a uma epidemia de sarampo, Cardiel defendeu que, para que fosse conservada a limpeza da igreja e evitado o mau cheiro, apenas os padres, os corregedores e os membros do presbitério deveriam ser nela enterrados,¹⁰ ressaltando que o enterramento deveria observar cinco ou

3 Nota da Entrevistada: A *Materia Medica Misionera* foi escrita pelo irmão jesuíta Pedro de Montenegro, no ano de 1710. A obra tem 458 páginas, além de 148 desenhos de plantas feitos à mão, e conta em seu frontispício com uma imagem de Nossa Senhora das Dores, padroeira dos doentes. O livro é dedicado à “*serenísima Reyna de los angeles Maria santísima y señora Nra. de las Dolores*”, e, em várias passagens do Prólogo, Montenegro menciona que Deus era o verdadeiro Criador da Medicina, o “Grande Arquitecto” reconhecido pelos “grandes estudiosos gregos e latinos”.

4 Nota da Entrevistada: De acordo com as Constituições: “*El estudio de Medicina e Leyes, como más remoto de nuestro Instituto, no se tratará em las Universidades de la Compañía, o a lo menos no tomará Ella por si tal assumpto*” (LOYOLA, Constituições Apud IPARRAGUIRRE, 1952, p. 471).

5 Nota da Entrevistada: A permissão para a prática da Medicina seria outorgada aos jesuítas nos seguintes termos: “[...] damos este presente indulto com autoridade apostólica [...] a todos e a cada um da referida Companhia de Jesus, entendidos em medicina, que há agora e que haverá adiante, para que, com a permissão de seus superiores exerçam livremente o ofício de curar tanto dos enfermos da mesma Religião, como a estranhos e seculares” (Apud LEONHARDT, 1937, p. 104).

6 Nota da Entrevistada: Em 1593, ano em que a Província jesuítica do Paraguai é desmembrada da Província do Peru, chegaram ao Paraguai quatro padres e dois irmãos coadjutores. A extensão da Província – correspondendo aos territórios hoje ocupados pela Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, a parte meridional da Bolívia e os estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul – e as dificuldades encontradas para o sustento dos missionários forçaram a retirada de todos os padres do Paraguai e Tucumã, permanecendo apenas um padre em Assunção. O Pe. Diego de Torres Bollo foi enviado à Espanha em 1601, tendo retornado ao Peru, em 1607, na condição de Provincial da nova província criada pelo Superior Geral e para a qual foram definidas diretrizes em 1609 e 1610. O sétimo artigo da Primeira Instrução refere as condições que deveriam ser observadas pelos jesuítas, no momento da instalação da redução, revelando a preocupação com o controle das doenças e com o eficiente abastecimento de alimentos.

7 Nota da Entrevistada: *Totora* é um tipo de junco comestível.

8 Nota da Entrevistada: *Maçamora* ou *Maçamorra de maiz* é uma papa de milho.

9 Nota da Entrevistada: Carta y Relación de las Misiones de la Provincia del Paraguay In: FURLONG, 1953, p. 115-213.

10 Nota da Entrevistada: Nesta mesma *Carta Relación*, Cardiel nos informa que as igrejas passaram a ser ladrilhadas, pois os padres haviam constatado que as de pedra provocavam muita umidade no inverno, fazendo com que as índias – devido a pouca roupa que usavam – sofressem muito e adoecessem com frequência (CARDIEL Apud FURLONG, 1953, p. 188).

seis pés de profundidade e o defunto deveria ser posto num caixão.

Empenhados em garantir a saúde das almas e dos corpos, os missionários jesuítas, como se pode observar nestes registros, acabariam por conferir uma incontestável originalidade à Companhia de Jesus nos séculos XVII e XVIII, como se pode constatar no conhecimento médico e farmacêutico que produziram e fizeram circular pelos vários continentes. As *Materias Medicas* escritas por padres ou irmãos jesuítas se constituem, em razão disso, em fonte privilegiada para a análise do embate em torno das concepções de saúde e doença e da gradativa incorporação da farmacopéia nativa e de terapêuticas curativas indígenas que estes religiosos vivenciaram na América hispânica e portuguesa. Apesar de estes saberes e procedimentos terem sido, inicialmente, alvo de depreciação ou de enfática condenação – por sua eficácia mágico-ritual – os registros jesuítas dão conta de sua utilização, bem como de experiências com medicamentos feitas por alguns missionários, atestando que as epidemias – e a conseqüente busca pela cura – determinaram uma observação cada vez mais racional da natureza, a sistematização desse conhecimento e sua aplicação prática nas aldeias, reduções e nos povoados próximos aos colégios jesuítas instalados na América.

Cartas Ânuaas

As Cartas Ânuaas jesuítas, por sua vez, referem a existência de enfermarias e de hospitais, bem como de herbários e boticas nos colégios e nas reduções jesuítas, atestando tanto a aplicação, quanto a produção e a circulação de conhecimentos médicos e farmacêuticos, visando ao combate das epidemias que atingiam indistintamente indígenas e europeus e ao atendimento dos doentes que buscavam os remédios e o consolo espiritual que somente os padres poderiam lhes dar. Da preocupação em melhor atender os doentes, resultaram algumas iniciativas de coleta e de experimentos com plantas existentes nas imediações dos colégios e das reduções – favorecendo a instalação de herbários e de boticas – e investimentos feitos na aquisição de receitas e de obras de medicina e cirurgia.

Apesar de não serem “*especialistas en la ciencia de Galeno y en Farmacopea*”, os jesuítas – dada a sua atuação como médicos e boticários – seguramente procuraram suprir a falta de conhecimentos, importando livros editados na Europa e incorporando-os às suas bibliotecas, como atestam tanto as Cartas Ânuaas, quanto os inventários dos bens da Companhia de Jesus na América após sua expulsão. Também os conhecimentos obtidos a partir de experimentos, especialmente, sobre o preparo de medicamentos e a adoção de medidas profiláticas, foram compartilhados através da intensa correspondência que os missionários mantiveram entre si ou das cópias dos catálogos e receitas¹¹ que fizeram circular entre as reduções e os colégios das Províncias Jesuítas da América meridional e aqueles instalados na Europa – em especial, com a farmácia do Colégio Romano – e também no Oriente. (ANAGNOSTOU, 2000) Algumas boticas – como a do Colégio San Pablo, de Lima – transformaram-se, com o passar do tempo, em centro de referência, enviando medicamentos – como o bezoar peruano, a ambrosia mexicana e a quina – para estabelecimentos da Companhia de Jesus no Chile, Paraguai, Argentina, Equador, Panamá e no Velho Mundo, atestando a intensa circulação de saberes, medicamentos e práticas curativas.

IHU On-Line – Qual foi a principal contribuição dos jesuítas à ciência moderna, principalmente à medicina e à farmacologia? Quais as especificidades no contexto latino-americano?

Eliane Fleck – No que se refere, especificamente, ao apostolado na América portuguesa e na espanhola, é preciso considerar que os missionários

se defrontaram com questões que tiveram de ser resolvidas localmente, e que deste processo de contato resultaram alterações em suas concepções teológicas e “científicas” – com as quais, seguramente, entraram em contato durante seu período de formação –, que não puderam escapar à “efervescência do contato”. Haddad propõe que muitos jesuítas estiveram muito mais próximos do que se definiu como “missionário típico”, aquele que enfrentou “os problemas concretos da alteridade, da conversão e da própria construção dos impérios com o material que tinha efetivamente à sua disposição” (HADDAD, 2014, p. 13). O historiador equatoriano Jorge Cañizares Esguerra, por sua vez, propõe que tomemos estes irmãos e padres da Companhia como “pensadores”, que, apesar de habitarem regiões marginais no cenário intelectual do período – áreas tidas como receptoras de conhecimentos produzidos em outras partes do mundo –, foram decisivos na construção de determinados conhecimentos.

Neste processo, muito contribuíram as bibliotecas e as boticas instaladas nos colégios, reduções e fazendas da Companhia de Jesus, que não apenas evidenciariam a penetração e a apropriação de ideias, como também o diálogo que os membros da Ordem mantinham com a ciência e a filosofia modernas, em sintonia com “o gosto e o respeito pelo trabalho intelectual [...], segundo um ‘modo de proceder’ [...] que marcou suas atuações e no qual se inscreveu um ‘dever de inteligência’” (GIARD, 2005, p. 14). As epidemias – e a conseqüente busca pela cura – determinaram, sem dúvida, uma observação cada vez mais racional da natureza, a sistematização desse conhecimento e sua aplicação prática tanto nas reduções, quanto nos povoados próximos aos colégios jesuítas.

Providências como o treinamento de enfermeiros e a confecção de instrumentos cirúrgicos, além de medidas como o isolamento de doentes, o adequado enterramento e a assepsia dos ambientes das enfermarias e hospitais também foram tomadas pelos missionários jesuítas nas reduções da Província do Paraguai. Considerando-se, especificamente, as contribuições

¹¹ **Nota da Entrevistada:** Heloísa Gesteira defende que estes textos eram copiados [pelos próprios missionários ou, então, por copistas indígenas], sendo distribuídos e compartilhados pelos inicianos instalados em várias regiões atendidas pela Companhia de Jesus [daí, trazer os nomes das espécies de plantas em espanhol, tupi e guarani], conformando uma “rede de troca de experiências e de informações” e um “processo de cosmopolitização das práticas médicas, que, por sua vez, era acompanhada por um processo de experimentação, cultivo e disseminação de plantas.” (GESTEIRA, 2006, p. 5).

de religiosos jesuítas à Medicina e à Farmácia, cabe destacar as *Materias Medicas* escritas por Pedro Montenegro e Segismund Asperger, que foram, inegavelmente, os pioneiros no levantamento das virtudes terapêuticas e na aplicação da farmacopéia nativa no século XVIII, do que resultou a introdução do uso de ervas, resinas e folhas como “*la jalapa*”,¹² *la quina*,¹³ *la coca*, *el bálsamo*,¹⁴ *la poligala*,¹⁵ *la zalzaparilla*.¹⁶

IHU On-Line – Quais são os principais nomes da Companhia de Jesus que contribuíram para a ciência no continente sul-americano? Por que seus trabalhos se tornaram notáveis?

Eliane Fleck – Para além da Medicina e da Farmácia, alguns religiosos jesuítas se dedicaram também à Astronomia. Dentre eles, podemos destacar o padre Nicolas Mascardi,¹⁷

que não apenas se dedicou ao estudo de fenômenos naturais explicados pela Astronomia – como os eclipses lunares e solares, os solstícios e as marés – nas reduções e no colégio em que atuou, mas também compartilhou suas observações com outros jesuítas ou cientistas, através de cartas escritas durante o período de sua experiência americana. Para além das observações, das aferições através de instrumentos e dos registros destes fenômenos, o missionário Mascardi também teceu considerações sobre a cosmogonia dos *Mapuches*, indígenas com os quais ele conviveu enquanto atuou na Vice-Província Jesuítica do Chile, e sobre a dos *Poyas* e *Puelches*, grupo que ele contactou durante as explorações que realizou pela atual Patagônia argentina.¹⁸ [pesquisa que se

encontra em andamento]¹⁹ Além das viagens exploratórias empreendidas pelo Chile, que se estenderam pelas atuais regiões da *Araucanía*, *Los Rios* e *Los Lagos*, somam-se ainda ao menos quatro viagens pela atual Patagônia argentina, alimentadas pela busca a Cidade dos Césares.

De acordo com Artur Barcelos, notícias sobre a existência desta cidade fantástica circulavam entre os jesuítas já desde o século anterior, tendo o Padre Nicolas Mascardi recebido informações sobre sua localização através da filha de um cacique Poya da região, capturada pelos brancos em 1649. Em busca dos “césares”, Mascardi viajou para a área do lago Nuel Huapi em 1669, onde estabeleceu a missão de *Nuestra Señora de los Poyas del Nahuel Huapi*, que passou a ser um centro, ainda que precário, para a evangelização dos grupos da região (BARCELOS, 2006, p. 228). Ao transitar por esta vasta região, que hoje forma a Patagônia, Mascardi esteve em contato com diversos grupos nativos. Podemos citar os *Mapuches* nas missões de *Arauco*, os *Hulliches* e os *Chonos* em Chiloé e no Arquipélago dos Chonos, respectivamente.

Buenaventura Suárez

É importante também destacar a atuação do padre Buenaventura Suárez. Filho de uma família *criolla* abastada, Suárez nasceu em Santa Fé, a 14 de julho de 1679, e faleceu em 1750. Sabe-se que ingressou na Companhia de Jesus em 1706 e que, aos 22 anos, já era sacerdote, tendo atuado em várias reduções, nas quais construiu instrumentos para observações astronômicas. Consta que diante da falta de vidro para as lentes de aumento dos telescópios, ele teria recorrido a cristais de quartzo polido, os quais, segundo Tavares & Araújo (2012, p. 114), possuíam propriedades ampliadoras muito semelhantes as que eram largamente empregadas dentro dos

Chile, e, ainda, as obras de BRUNO (1968), CARRASCO (2007, 2008), FURLONG [1943, 1963] e NICOLETTI (2004) para o levantamento de dados sobre a trajetória de Nicolás Mascardi, como missionário e como homem de ciência.

19 Nota da Entrevistada: A partir da obra FURLONG, Guillermo, S.J. *Nicolas Mascardi, S.J. y su Carta - Relación* (1670). Buenos Aires: Theoria, 1963.

12 Nota da Entrevistada: A *mirabilis jalapa* é extraída do tubérculo *Operculina macrocarpa*. A *resina* - extraída e moída - é, comumente, usada como laxativo. A tintura de jalapa é também conhecida como “Aguardente Alemã”, sendo de ampla utilidade na medicina popular. Seu uso é indicado em afecções hepáticas, chagas, cicatrização, cólicas, contusões, escoriações, feridas, herpes e leucorréia.

13 Nota da Entrevistada: Da *quina* se extrai o *quinino* que é medicamento anti-séptico e anti-térmico usado sob a forma de xarope, pós ou infusão, sendo o mais antigo medicamento usado contra a malária e paludismo. Já era utilizado pelos nativos americanos - “*la corteza peruana*” - e teve seu uso difundido na Europa durante o século XVII, passando a ser comercializado por jesuítas espanhóis.

14 Nota da Entrevistada: Bálsamo é uma planta que tem a propriedade de aliviar dores musculares, contusões e reumatismo. Basta utilizá-la em forma de pomadas, cataplasmas, óleos ou tinturas. Esta planta também age contra vários problemas de estômago, como gastrite e úlcera. É, ainda, um ótimo cicatrizante, e o sumo presente em suas folhas pode ser aplicado diretamente sobre feridas

15 Nota da Entrevistada: Em fitoterapia, a *poligala* é utilizada como expectorante para tratar asma, bronquite e tosse convulsiva. A raiz exerce uma ação estimulante sobre as mucosas brônquicas, favorecendo a eliminação de expectoração pela tosse e aliviando a dificuldade respiratória.

16 Nota da Entrevistada: A *salsaparilha* é indicada para retenção urinária, tendo sido também largamente empregada no tratamento da sífilis, por promover a eliminação de toxinas e favorecer o organismo a suportar as altas doses de mercúrio utilizadas no tratamento da doença. Entre suas propriedades, destacam-se as depurativas, diuréticas e sudoríficas.

17 Nota da Entrevistada: Nicolás Mascardi nasceu na comuna italiana de Sarzana,

que, atualmente, pertence à província de La Spezia, localizada ao norte do país e é banhada pelo Mar Mediterrâneo. Quanto a sua data de nascimento, não se pode afirmar com precisão. Mas, de acordo com FURLONG (1963), sua ata de batismo, localizada por Giuseppe Rosso, é datada de sete de setembro de 1624, o que leva-nos a considerar que ele tenha nascido ainda no mês de setembro. Em 1638, com a idade de catorze anos, Mascardi ingressa na Companhia de Jesus, iniciando os seus estudos no Noviciado de Santo André no Quirinal, em 20 de novembro do mesmo ano. Este período de formação junto à Companhia em Roma foi fundamental para Mascardi. Após concluir seus estudos no noviciado, passou a estudar no Colégio Romano. De 1640 a 1642, cursará Retórica e, de 1642 até 1645, Filosofia e Ciências, quando, na condição de aluno, conhecerá o padre Atanasius Kircher, reconhecido intelectual da Companhia de Jesus. No início do ano de 1646, Mascardi recebeu autorização para viajar para a Vice-Província do Chile, atendendo ao seu desejo explícito, de ajudar na conversão dos gentios no Novo Mundo. A viagem seria realizada na companhia do padre Alonso Ovalle, então Procurador da Província Jesuítica do Chile. Para poder dar início às atividades de missionação entre os nativos, Mascardi aprendeu a língua dos araucanos, o que conseguiu com grande facilidade, passando atuar na *Missão de Buena Esperanza*, entre as cidades de *Valdivia* e *Concepción*, no atual território chileno, ainda no ano de 1652. Em 1660, foi nomeado Reitor do Colégio de Castro, na Ilha de Chiloé, ocupando o cargo de Superior até 1669.

18 Nota da Entrevistada: Sobre estes aspectos ver os trabalhos de CABRERO [1992] e FOERSTER [1995] sobre os *Mapuches* e de LEHMANN-NITSCHKE [1919] sobre os *Puelches* e *Poyas*, bem como as obras de DE OLIVARES [2005], ESPINDOLA [1974], OVALLE [1646] e ROSALES [1877] para a reconstituição da conjuntura histórica e etnográfica da Vice-Província Jesuítica do

mosteiros na Europa. Neles, o berilo, quartzo e outras pedras preciosas eram lapidados e polidos, a fim de produzir a chamada “pedra-de-leitura”, um tipo de lupa muito simples.

Além do auxílio na procura por recursos locais, Suárez também deve ter recorrido aos indígenas para auxiliá-lo na construção e no manejo dos equipamentos – que tinham entre 2,2 e 4,6 metros de comprimento (KRIEGLER & VILLEGAS) –, o que parece sugerir que possa tê-los treinado também na coleta de dados astronômicos. No ano de 1745, a ordem chegou a enviar o que havia de mais moderno à época em equipamentos para que Suárez pudesse continuar com suas observações astronômicas, que resultaram no *Lunario de un siglo*. (LONCARICA; BORTZ, 2005), obra de 1748, na qual ele chegou a afirmar que: “*Hize este Lunario, útil para la Agricultura, y la Medicina*” (SUÁREZ, 1752, p. A4). Estes registros, contudo, implicam uma necessária a reflexão sobre o envolvimento de indígenas na construção destes aparelhos e nas observações astronômicas, considerando-se os registros que os missionários nos deixaram sobre a cosmogonia e cosmologia dos grupos indígenas com os quais conviveram.

Se, como disse a antropóloga Branislava Susnik (1985, p. 26), referindo-se aos grupos chaquenhos, os indígenas davam “vida” e “alma” aos fenômenos meteorológicos, cabe-nos ainda avançar muito nas nossas reflexões sobre as trocas de saberes relativos à astronomia entre ocidentais e nativos, pensando-as como uma relação complexa e instável, constituída por momentos de aproximação/apropriação e outros de retração/negação, em muito semelhantes aos momentos que caracterizaram as experiências jesuíticas no território americano. Já os manuscritos de medicina, como o escrito pelo irmão Pedro Montenegro, que analisamos mais detidamente, parecem, efetivamente, apontar para a conformação, já nas primeiras décadas do século XVIII, de uma epistemologia particular nas denominadas “zonas periféricas” dos impérios ibéricos. Uma “escritura liminal”, que ocuparia “un lugar intermedio entre el orden letrado y las fronteras” (DEL VALLE, 2009, p. 14-15).

IHU On-Line – Em que medida o conhecimento médico e farmacêutico estudado e catalogado pelos jesuítas resultava, também, de uma apropriação dos habitantes locais? Qual foi a contribuição dos indígenas nesse processo?

Eliane Fleck – Em artigo publicado em 2011, a doutora em Farmácia Sabine Anagnostou afirma que se, por um lado, “a história natural e a farmácia missionária podem ser consideradas como as duas facetas principais do naturalismo jesuítico na América do Sul”, por outro, não devem ser percebidas como “precursoras deficientes das ciências atuais ou como cópias insuficientes dos modelos europeus, mas como formas independentes e singulares da história da ciência.” (ANAGNOSTOU In: WILDE, 2011, p. 175). Esta singularidade, segundo ela, fica evidenciada na “experimentação e na incorporação do saber etnofarmacêutico indígena”, que decorreu da “posição relativamente imparcial e aberta dos jesuítas frente aos indígenas, baseada na espiritualidade inaciana”, que possibilitou “um intercâmbio intenso e persistente no campo da medicina.” (ANAGNOSTOU In: WILDE, 2011, p. 190).

Encarregados também das cópias de cartilhas com orientações para evitar ou minimizar os efeitos do contágio durante epidemias, de fórmulas de medicamentos, recolhidas diligentemente em receituários, e de obras de botânica, medicina e cirurgia, muitos destes indígenas copistas tornaram possível a troca e a disseminação de uma série de saberes e práticas de cura entre as distintas e distantes terras de missão da Companhia de Jesus.²⁰ Já a historiadora argentina Maria Silvia Di Liscia ressalta que a incorporação dos conhecimentos indígenas pelos jesuítas consistiu num “processo de grande complexidade, iniciado com a aprendizagem das lín-

guas indígenas, dos costumes e do entorno, da conservação das plantas e de seu cultivo em herbários anexos às reduções e aos colégios jesuíticos [...] até chegar à experimentação de determinados compostos nos pacientes e, na sequência, à sistematização de toda a informação por escrito.” (DI LISCIA, 2002a, p. 49).

A estreita relação entre saberes indígenas e a ciência da Ilustração pode ser, segundo ela, constatada em obras escritas por missionários jesuítas, como o irmão Pedro Montenegro e os padres Sanchez Labrador, Martin Dobrizhoffer e Florián Paucke. Nesta perspectiva, a análise das trajetórias de vida de jesuítas que se dedicaram à ciência e de obras como, por exemplo, a *Materia Medica Misionera*, de 1710, atribuída ao irmão Pedro Montenegro, permite não apenas a reconstituição do conhecimento científico difundido e produzido ao longo do século XVII e nas primeiras décadas do século XVIII na América platina (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 10),²¹ mas também a avaliação da apropriação de saberes e de práticas das populações nativas americanas, que pode ser constatada nos receituários e nos catálogos de plantas medicinais, que nos oferecem uma sistematização da farmacopéia americana.²²

²¹ **Nota da Entrevistada:** Sobre este tema, recomenda-se ver FLECK; POLETTTO, 2012 b.

²² **Nota da Entrevistada:** As variações das espécies referidas nestas obras estão, com certeza, associadas às ecorregiões nas quais os colégios e as reduções se encontravam instalados. No caso da América platina e, especificamente, na ecorregião do Chaco Seco, encontramos o Colégio de Santiago del Estero e o Colégio de La Rioja. Este último se encontra instalado muito próximo da ecorregião *Monte de Sierras e Bolsones* que, devido às poucas precipitações, é muito árida. Na região mais a noroeste da atual Argentina, encontramos o Colégio de Tucumán e o Colégio de Salta, instalados em um território com condições climáticas mais favoráveis, pois adentravam a ecorregião denominada *Selvas de las Yungas*, que se caracteriza por precipitações mais frequentes, que favorecem uma flora e uma fauna mais diversa. Já o Colégio de Corrientes se encontrava em uma região com áreas sujeitas a inundações, típicas da ecorregião *Esteros del Ibera*, e muito próximo do *Chaco Úmido e Delta do Paraná*. Na região central, temos o Colégio de Córdoba - onde o irmão Montenegro completou sua formação e atuou como boticário -, que se localizava na ecorregião do Espinal, caracterizada pela sua aridez. O Colégio de Mendoza,

²⁰ **Nota da Entrevistada:** Na *Materia Medica Misionera*, do irmão jesuíta Pedro Montenegro, constata-se o importante papel desempenhado por informantes e copistas indígenas, tanto na identificação, coleta e experimentalismos com plantas nativas, quanto na difusão e circulação dos conhecimentos médicos sistematizados pelos missionários da Companhia de Jesus. Ver mais em FLECK; POLETTTO, 2012 b.

IHU On-Line – Como os estudos dos jesuítas foram preservados durante o período de supressão da Companhia de Jesus? Por outro lado, é possível estimar o que foi perdido nesse período?

Eliane Fleck -Pode-se ter uma ideia das atividades científicas que os jesuítas desempenharam e do conhecimento que produziram e fizeram circular através da análise dos inventários dos bens realizados após a expulsão da Ordem dos domínios coloniais ibéricos, e nos quais se encontram relacionados não apenas remédios, mas também instrumentos cirúrgicos, livros – impressos e manuscritos – e receituários. Considerando-se, especificamente, o *Inventário formado por Lorenzo Infante Boticário en la Ciudad de Córdoba de los bienes medicinales, Julio de 1772*, que se encontra no Archivo Histórico de la Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. Documentos de la Junta de Temporalidades de Córdoba. Caja 10, legajo 2, nº 27, fólhos 4533r-4628 r., encontramos uma grande quantidade de fármacos, o que nos permite especular que a botica do Colégio de Córdoba e seus encarregados tinham, não só a sua disposição medicamentos químicos importados da Europa, como também manuais de química farmacêutica – que tiveram grande circulação na Europa já nas primeiras décadas do século XVIII – e, muito provavelmente, condições [equipamentos e, até mesmo, um laboratório] para o preparo de remédios que exigissem manipulação química.²³

por sua vez, se encontrava em uma região ainda mais inóspita, abarcada pelas ecorregiões *Monte de Llanuras y Mesetas e da Estepa Patagónica*. Já as reduções em que o irmão jesuíta atuou – a de *Apóstoles* e a de *Mártires* –, se encontravam na região de *Misiones* [região também denominada de Selva Misionera ou Paranaense], que se caracteriza pelas chuvas abundantes e pela sua biodiversidade, e que, além do território da atual Argentina, se estendia às regiões orientais do Paraguai e também ao sul do Brasil. Sua atuação em missões nesta região parece explicar a diversidade das espécies de plantas medicinais nativas que o jesuíta Montenegro coletou [em expedições que realizou acompanhado de indígenas já reduzidos], testou e descreveu na *Materia Medica Misionera*.

23 Nota da Entrevistada: Ver mais em: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETO, Roberto. Transcrição do Inventário formado por Lorenzo Infante Boticário en la Ciudad de Córdoba de los bienes medi-

“Os missionários registraram detalhadamente, do contágio a tentativas de cura, as doenças mais frequentes nas reduções, como disenteria, lepra, sarampo, gripe, tifo e varíola”.

IHU On-Line – A que se dedicaram os jesuítas responsáveis pelos escritos científicos latino-americanos durante a supressão? Como e onde viveram?

Eliane Fleck – Considerando, especificamente, o projeto de pesquisa que venho desenvolvendo atualmente junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, destaco os estudos sobre a flora e a fauna americana realizados, ainda no século XVIII, pelo padre José Sánchez Labrador,²⁴ autor do *Paraguay Natural Ilustrado*, que foi escrito entre 1771-1772, durante seu exílio em Ravena, na Itália, portanto, após a expulsão da Compa-

cinales, Julio de 1772. *Revista IHS - Antiguos Jesuitas en Iberoamérica*, v. 1, n. 1, p. 162-247, 2013

24 Nota da Entrevistada: José Sanchez Labrador nasceu em La Guardia, Espanha, em 1714 ou 1717. Acredita-se que tenha ingressado na Companhia de Jesus em 1731 ou 1732. Sabe-se que viajou para a América [região do Rio da Prata] em 1734. Em Córdoba (atual Argentina), deu continuidade à sua formação, estudando Filosofia e Teologia. Entre os anos de 1741 e 1744 atuou como professor no Colégio de Córdoba e entre 1747 e 1757, atuou como missionário junto aos Guaranis, Zamucos, Chiquitos, Mbayás e Guaycurús. Segundo Furlong, a obra foi finalizada em 1772, em Ravena, Itália, quando Sánchez Labrador se encontrava já bastante doente. Ver mais em FURLONG, Guillermo. *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica*. Buenos Aires: Editorial Huarpes S. A. 1948.

nhia de Jesus dos domínios coloniais ibéricos. Esta obra, que se encontra sob a guarda do Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI), em Roma, e permanece ainda inédita,²⁵ se subdivide em seis tomos que reúnem informações sobre zoologia e botânica²⁶ da vasta região que compreendia a Província Jesuítica do Paraguai. Também a obra *Historia de Los Abipones. Una Nación Ecuestre y Belicosa de Paracuraria*, do padre Martin Dobrizhoffer, foi escrita entre 1777 e 1782, durante o exílio, em Viena. A obra foi publicada originalmente em latim, em 1784, e conta com três volumes. O primeiro faz um apanhado geral sobre a Província Jesuítica do Paraguai, trazendo elementos sobre a fauna e flora da região, e também sobre o curso dos rios e sobre diversas cidades locais.

Leia mais...

- *Práticas xamanísticas nas missões.*
Entrevista com Eliane Fleck publicada na edição 344 da **IHU On-Line**, de 21-09-2010, em <http://bit.ly/ihuon344>

25 Nota da Entrevistada: A obra *Paraguay Natural Ilustrado* já mereceu alguns estudos, todos eles realizados a partir da consulta à fonte manuscrita no ARSI, tais como os de FURLONG, Guillermo. *Naturalistas Argentinos durante la dominación Hispanica*. Buenos Aires: Editorial Huarpes, 1948. (Cultura Colonial Argentina, v. 8); de MORENO, Anibal Ruiz. *La Medicina en “el Paraguay Natural” (1771-1776)* del P. José Sanchez Labrador S. J.: Exposición comentada del texto original. Tucuman: Universidad Nacional de Tucuman, 1948, e o de SAINZ OLLERO, Héctor; CARDONA, Francisco Suárez; ONTAÑÓN, Miguel Vázquez de Castro. *José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata*. Madrid: Mopu, 1989. Segundo Arthur Barcellos, Sánchez Labrador “realizou um dos mais amplos trabalhos sobre a natureza, a geografia e as sociedades da região platina colonial. (...) Ainda permanecem dúvidas sobre a forma como Sánchez Labrador redigiu tão vasta obra. Ollero acredita que [ele] teria conseguido levar muitos apontamentos feitos na América. Mesmo que o tivesse feito, o mais provável é que tenha sido obrigado a escrever a maior parte da obra de memória” (BARCELLOS, Arthur. *O Mergulho no Seculum*. Porto Alegre: Editora Animal, 2013, p. 92-93)

26 Nota da Entrevistada: O Tomo de Botânica, especificamente, está subdividido em sete livros, compostos por 76 capítulos, que abordam os seguintes tópicos: Fisiologia, anatomia, histologia, reprodução vegetal; Florestas, campos, pântanos, desertos; Farmacologia, cultivo, etnobotânica.

Programação

Confira a programação completa do XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração.

10 de novembro de 2014 – segunda-feira

16h – Recepção e Credenciamento

Local: Auditório Bruno Hammes (centro 4)

16h30min às 18h30min – Exibição de filme – **Hábito Negro** (Black Robe, Bruce Beresford, 1991, 101 min)

Local: Auditório Bruno Hammes

19h – Confraternização

19h30min – Abertura oficial

20h às 22h – A supressão e a expulsão dos jesuítas no século XVIII: uma tragédia de novela – Prof. Dr. Pedro Miguel Lamet – Pontificia Universidad Comillas – Madri – Espanha

Coordenação de mesa: Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Auditório Bruno Hammes

11 de novembro de 2014 – terça-feira

9h – Seminários Temáticos Simultâneos

Seminário 1 – A Companhia de Jesus e as bases econômicas de seu projeto missionário na América portuguesa

Coordenação: Profa. Dra. Marcia Sueli Amantino – Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – RJ

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Seminário 2 – Faces Especulares: a construção da imagem da Companhia de Jesus antes e depois de sua supressão

Coordenação: Profa. Dra. Marília de Azambuja Ribeiro – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Local: Sala 1F101

Seminário 3 – “Um corpo sempre em exílio, sempre por voltar? Entre a continuidade e a descontinuidade”: a ação missionária da Companhia de Jesus, sua supressão e o restabelecimento da Ordem

Coordenação: Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala 1F102

Seminário 4 – Cultura material, arte e arquitetura jesuítica nas Américas

Coordenação: Profa. Dra. Jacqueline Ahlert – Universidade de Passo Fundo – UPF

Local: Sala 1F103

Seminário 5 – A fé e a ciência nas fronteiras: a Companhia de Jesus e as contribuições para uma cultura científica na América

Coordenação: Profa. Dra. Eliane Deckmann Fleck – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Seminário 6 – A Companhia de Jesus e os índios no século XVIII: experiências num processo de secularização

Coordenação: Profa. Dra. Eunícia Barros Barcelos Fernandes – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Local: Sala 1F102

Observação: Os seminários temáticos (ST) são espaços de apresentação de trabalhos acadêmicos, elaborados por pesquisadores.

Neste espaço cada trabalho previamente inscrito e aprovado terá 40 minutos para exposição. Esta atividade se propõe a incitar um debate acadêmico em torno do eixo temático de cada ST.

12h – Intervalo

14h30min – Mesas-redondas simultâneas

Mesa-redonda 1 – O antijesuitismo. Fala, figuras e lugares de antijesuitismo até os tempos modernos

Palestrante: Prof. Dr. Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron – Universidade de São Paulo – USP

Debatedor: Prof. Dr. Eduardo Santos Neumann – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Coordenação IHU: Lic. Átila Alexius – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mesa-redonda 2 – O universo científico dos jesuítas na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão em Lisboa – o estudo da perspectiva e a pintura ilusionista

Palestrante: Prof. Dr. Magno Moraes Mello – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Debatedora: Profa. Dra. Marília de Azambuja Ribeiro – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Coordenação IHU: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala 1F 101

17h30min – Intervalo

18h – Atividades Culturais:

- Visita Cultural guiada ao Museu Capela
Local: Claraboia da Biblioteca UNISINOS
- Exposição de Livros Raros do Memorial Jesuíta
Local: 3º Pavimento da Biblioteca UNISINOS
- Exposição de Coleções Especiais do Memorial Jesuíta
Local: Pavimento 6A da Biblioteca UNISINOS
Observações: As atividades culturais ocorrerão nos dias 11 e 12 de novembro. Os interessados deverão realizar sua inscrição nas atividades selecionadas para cada dia. A ficha de inscrição estará disponível nos dias e locais das atividades do simpósio. Máximo de inscritos por atividade/dia: 20 pessoas.

19h – Intervalo**20h às 22h – O mito negro dos jesuítas em Portugal e no Brasil: origens, evolução e metamorfoses do antijesuitismo – Prof. Dr. José Eduardo Franco – Universidade de Lisboa – ULisboa – Portugal**

Coordenação IHU: Profa. Dra. Marluza Marques Harres – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Coordenação de mesa: Profa. Dra. Ana Silvia Scott – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Local: Auditório Bruno Hammes

12 de novembro de 2014 – quarta-feira**9h – Seminários Temáticos Simultâneos****Seminário 1 – A Companhia de Jesus e as bases econômicas de seu projeto missionário na América portuguesa**

Coordenação: Profa. Dra. Marcia Sueli Amantino – Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – RJ
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Seminário 2 – Faces Especulares: a construção da imagem da Companhia de Jesus antes e depois de sua supressão

Coordenação: Profa. Dra. Marília de Azambuja Ribeiro – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Local: Sala 1F101

Seminário 3 – “Um corpo sempre em exílio, sempre por voltar? Entre a continuidade e a descontinuidade”: a ação missionária da Companhia de Jesus, sua supressão e o restabelecimento da Ordem

Coordenação: Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Local: Sala 1F102

Seminário 4 – Cultura material, arte e arquitetura jesuítica nas Américas

Coordenação: Profa. Dra. Jacqueline Ahlert – Universidade de Passo Fundo – UPF
Local: Sala 1F103

Seminário 5 – A fé e a ciência nas fronteiras: a Companhia de Jesus e as contribuições para uma cultura científica na América

Coordenação: Profa. Dra. Eliane Deckmann Fleck – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Seminário 6 – A Companhia de Jesus e os índios no século XVIII: experiências num processo de secularização

Coordenação: Profa. Dra. Eunícia Barros Barcelos Fernandes – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Local: Sala 1F102

Observação: Os seminários temáticos (ST) são espaços de apresentação de trabalhos acadêmicos, elaborados por pesquisadores.

Neste espaço cada trabalho previamente inscrito e aprovado terá 40 minutos para exposição. Esta atividade se propõe a incitar um debate acadêmico em torno do eixo temático de cada ST.

12h – Intervalo**14h30min – Mesas-redondas simultâneas****Mesa-redonda 3 – Os jesuítas e as fronteiras do império: o caso da Amazônia**

Palestrante: Prof. Dr. Karl Heinz Arenz – Universidade Federal do Pará – UFPA

Debatedor: Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Coordenação IHU: Prof. Dr. Renato Machado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mesa-redonda 4 – O compasso e a cruz: jesuítas e a organização territorial nas Américas

Palestrante: Prof. Dr. Artur Henrique Franco Barcelos – Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Debatedor: Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Coordenação IHU: Prof. MS Lucas Henrique da Luz – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala 1F 101

17h30min – Intervalo**18h – Atividades Culturais:**

- Visita Cultural guiada ao Museu Capela
Local: Claraboia da Biblioteca UNISINOS
- Exposição de Livros Raros do Memorial Jesuíta
Local: 3º Pavimento da Biblioteca UNISINOS
- Exposição de Coleções Especiais do Memorial Jesuíta
Local: Pavimento 6A da Biblioteca UNISINOS
Observações: As atividades culturais ocorrerão nos dias 11 e 12 de novembro. Os interessados deverão realizar sua inscrição nas atividades selecionadas para cada dia. A ficha de inscrição estará disponível nos dias e locais das atividades do simpósio. Máximo de inscritos por atividade/dia: 20 pessoas.

20h às 22h – Os jesuítas missionários exilados para a Itália no século XVIII e sua contribuição para a história natural da América – Prof. Dr. Ugo Baldini – Università degli Studi di Padova – Itália

Coordenação IHU: Prof. MS Lucas Henrique da Luz – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Coordenação de mesa: Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Auditório Bruno Hammes

13 de novembro de 2014 – quinta-feira**9h – Seminários Temáticos Simultâneos****Seminário 1 – A Companhia de Jesus e as bases econômicas de seu projeto missionário na América portuguesa**

Coordenação: Profa. Dra. Marcia Sueli Amantino – Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – RJ

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Seminário 2 – Faces Especulares: a construção da imagem da Companhia de Jesus antes e depois de sua supressão

Coordenação: Profa. Dra. Marília de Azambuja Ribeiro – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Local: Sala 1F101

Seminário 3 – “Um corpo sempre em exílio, sempre por voltar? Entre a continuidade e a descontinuidade”: a ação missionária da Companhia de Jesus, sua supressão e o restabelecimento da Ordem

Coordenação: Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala 1F102

Seminário 4 – Cultura material, arte e arquitetura jesuítica nas Américas

Coordenação: Profa. Dra. Jacqueline Ahlert – Universidade de Passo Fundo – UPF

Local: Sala 1F103

Seminário 5 – A fé e a ciência nas fronteiras: a Companhia de Jesus e as contribuições para uma cultura científica na América

Coordenação: Profa. Dra. Eliane Deckmann Fleck – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Seminário 6 – A Companhia de Jesus e os índios no século XVIII: experiências num processo de secularização

Coordenação: Profa. Dra. Eunícia Barros Barcelos Fernandes – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Local: Sala 1F102

Observação: Os seminários temáticos (ST) são espaços de apresentação de trabalhos acadêmicos, elaborados por pesquisadores.

Neste espaço cada trabalho previamente inscrito e aprovado terá 40 minutos para exposição. Esta atividade se propõe a incitar um debate acadêmico em torno do eixo temático de cada ST.

10h30min – Intervalo**10h45min – Lançamento de livros com exposição dos autores e sessão de autógrafos**

- A Guerra Guaranítica – O levante indígena que desafiou Portugal e Espanha
Autor: TAU GOLIN, Luiz Carlos. Editora Terceiro Nome. São Paulo. 200p.
- A Companhia de Jesus na América
Organizadora: FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. Editoras: Contra Capa/PUC-Rio. 286p.
- Santa Cruz: de legado dos jesuítas a pérola da Coroa

Autores: ENGEMANN, Carlos; AMANTINO, Marcia. Editora: Eduerj. 354p.

- Enlaçar mundos. Três jesuítas e suas trajetórias no Novo mundo

Autores: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; MEDEIROS, Luiz Fernando Rodrigues e MARTINS, Maria Cristina Bohn. Editora Oikos. Coleção EHILA, 2014.

Coordenação: Marluza Marques Harres – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

12h – Intervalo**14h – Mesas-redondas simultâneas****Mesa-redonda 5 – Histórias de exílio nas memórias dos jesuítas expulsos da Província do Paraguai**

Palestrante: Prof. Dr. Carlos Alberto Page – Universidad de Córdoba – UCO – Argentina

Debatedor: Prof. Dr. Fernando Torres Londoño – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Coordenação IHU: Prof. MS Gilberto Faggion – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mesa-redonda 6 – A Companhia de Jesus e a Modernidade

Palestrante: Prof. Dr. Leandro Karnal – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Debatedora: Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Coordenação IHU: Prof. MS Lucas Henrique da Luz – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Sala 1F101

16h30min – Intervalo**16h45min – Experiência e futuro. O padre João Daniel e o Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas – Prof. Dr. Fernando Torres Londoño – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP**

Coordenação IHU: Prof. MS Caio Coelho – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Auditório Bruno Hammes

18h30min – Intervalo**20h às 22h – A Companhia de Jesus no Império Russo (1772-1820) – Prof. Dr. Marek Inglot – Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG – Roma**

Coordenação IHU: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Coordenação de mesa: Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Local: Auditório Bruno Hammes

*** Errata**

A entrevista com Umberto Galimberti, publicada na edição anterior, continha uma imprecisão de tradução, que foi revisada, corrigida e atualizada no site da IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/1xcZv87>.

**Tema
de
Capa**

**Destaques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 27-10-2014 a 10-11-2014, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

O “voto crítico” reelegeu Dilma. Pós-eleições, as contradições voltam à cena

Entrevista com Moysés Pinto Neto, professor no curso de Direito da Universidade Luterana do Brasil – Ulbra Canoas e da Univates
Publicada no dia 07-11-2014
Acesse o link <http://bit.ly/1u5Vct0>

“A estratégia de ‘fazer política pela esquerda’” é um dos fatores que explicam a reeleição da presidente Dilma Rousseff, ao ter mobilizado “‘Alma de Sion’, embora bastante hipócrita em muitos aspectos e confusa em outros”, comenta Moysés Pinto Neto em entrevista à IHU On-Line. Na interpretação dele, diante do “antipetismo irracional e pautado pelas piores referências midiáticas”, a maioria dos intelectuais de esquerda críticos ao governo “cedeu e reconheceu que Dilma era a ‘melhor inimiga’ da esquerda”. Parte dos votos que reelegeram a presidente são entendidos, portanto, como “voto crítico e o veto a Aécio, duas formas discursivas que consistiam em criticar severamente Dilma e o PT, mas no final declarar voto útil para evitar o retorno do PSDB”.

MP 651: a nova história grega da política ambiental

Entrevista com Antonio Silvio Hendges, articulista do Portal EcoDebate, professor e consultor em educação ambiental, gestão sustentável de resíduos sólidos e auditorias ambientais
Publicada no dia 07-11-2014
Acesse o link <http://bit.ly/1EaDsxJ>

“Não considero vantajosa para a sociedade a ampliação dos prazos aos lixões”, afirma Antonio Silvio Hendges, ao comentar a Medida Provisória 651, que amplia o prazo para o fechamento dos lixões até 2018. A desaprovação à MP 651 é justificada pelo tempo em que a erradicação dos lixões é discutida no país. Segundo Hendges, “a PNRS esteve em debate durante 19 anos antes de sua aprovação – desde 1991 – e mais quatro anos para sua implantação, ou seja, foram 23 anos para que os municípios se adequassem”.

As polarizações não dão conta das mudanças de imaginário

Entrevista com Ivana Bentes, professora e pesquisadora da linha de Tecnologias da Comunicação e Estéticas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Publicada no dia 05-11-2014
Acesse o link <http://bit.ly/1tHtFMY>

Os discursos de que o Brasil está dividido pós-eleições presidenciais, por conta da diferença de 3% entre a presidente reeleita e o candidato de oposição, “não explica a eleição de 2014”, avalia Ivana Bentes em entrevista à IHU On-Line. “Não podemos falar de um Brasil partido em dois pós-eleições, mas de uma constelação de interesses e desejos que expressam grupos e segmentos múltiplos”, enfatiza. Segundo ela, “a partição binária não serve a ninguém. É mais um ‘meme’ e uma narrativa redutora, polarizadora e conservadora. O mapa das eleições é muito mais mesclado e instável que o ‘muro’ que querem erigir entre nordestinos e sulistas, ou a polarização entre dois partidos, PT e PSDB”.

Desafios econômicos do governo Dilma: políticas macroeconômicas não são estratégia de desenvolvimento

Entrevista especial com André Biancarelli, doutor em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, onde leciona e é diretor do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica – Cecon

Publicada em 04-11-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1pvcv6>

É “inadequado apontar continuidades” na política econômica adotada pelo governo Dilma em comparação com as medidas seguidas no governo Fernando Henrique Cardoso, especialmente quando se trata de um “plano mais estrutural”, diz André M. Biancarelli à IHU On-Line. A criticada “herança do governo FHC”, apontada por diversos economistas ao longo dos últimos 12 anos, é entendida por Biancarelli como “similaridades”, as quais “dizem respeito muito mais às estratégias macroeconômicas de curto prazo, ao manejo conjuntural das políticas monetária, fiscal e cambial, do que à estratégia de desenvolvimento”.

Casos de contaminação da água são mais comuns do que se conhece

Entrevista especial com Ricardo Hirata, professor do Instituto de Geociências da USP e Diretor do Cepas

Publicada em 03-11-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1wBI1AS>

A grave crise de abastecimento de água que vem assolando a região metropolitana de São Paulo chamou a atenção do País para um problema que vinha sendo anunciado há muito tempo. A crescente demanda hídrica, seja para o fornecimento de eletricidade, seja para o consumo ou para a produção industrial, aumentou a níveis muito superiores do que as alternativas tradicionais são capazes de suprir. Falar em desertificação talvez seja um exagero. No entanto, o fato obrigou governos e especialistas a buscarem alternativas para o abastecimento, e uma delas é o uso de águas subterrâneas.

A amizade espiritual entre Paulo VI e Dom Helder Camara

Entrevista especial com Ivanir Rampon, mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE e doutor em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana, Roma

Publicada em 02-11-2014

Acesso em <http://bit.ly/1uFCR7r>

A amizade entre Dom Helder Camara e Paulo VI teve reflexos para além da relação que ambos mantiveram ao longo de quase 30 anos. “Para ambos, o Concílio Vaticano II tornou-se uma missão”, e suas preocupações sociais repercutiram posteriormente no papado de Paulo VI, na encíclica *Populorum Progresso* e no desenvolvimento da Igreja brasileira durante o regime militar. De acordo com Ivanir Rampon, autor do livro *Paulo VI e Dom Helder Camara – Exemplo de uma amizade espiritual*, recém lançado pela Editora Paulinas, “Dom Helder e Paulo VI eram abertos à ação do Espírito Santo em suas vidas, na Igreja, no mundo... E isto não era um discurso formal, mas um modo de ser, uma espiritualidade”.

“O mais difícil é fazer com que as pessoas vejam o imigrante como a si próprias”

Entrevista especial com Deisy Ventura, professora adjunta e Pró-Reitora de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Publicada em 30-10-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1pvgro8>

“A exigência de autorização para trabalho prévia ao ingresso no país, por exemplo, baseia-se numa grande hipocrisia, pois hoje os migrantes engrossam o mercado informal brasileiro.” É com base nesse, entre outros argumentos, que Deisy Ventura defende o Anteprojeto de Lei de Migrações e Promoção dos Direitos dos Migrantes no Brasil, que propõe o abandono do Estatuto do Estrangeiro, que regula a situação jurídica dos imigrantes no país. Segundo ela, independente de haver uma mudança na lei, “os migrantes virão, de qualquer modo, enquanto existir emprego. Mas virão irregularmente, o que amplia a vulnerabilidade de todos os envolvidos”.

A reeleição de Dilma e a síndrome do 'menos pior'

Entrevista especial com Bruno Cava, blogueiro do Quadrado dos loucos; ativista nas jornadas de 2013 e nas ocupas brasileiras em 2011-2012; participa da rede Universidade Nômade e é coeditor das revistas Lugar Comum e Global Brasil

Publicada em 29-10-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1pvgUXx>

“A reeleição de Dilma é, antes, a reafirmação do sistema político brasileiro em não mudar os termos de sua disputa, reencenando a polarização entre PT e PSDB, uma dialética do menos pior que substitui o esvaziamento da dinâmica político-partidária”. A declaração é de Bruno Cava à IHU On-Line, ao comentar o resultado das eleições presidenciais deste ano. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, ele frisa que “o último ato dessa peça, com Dilma de branco pedindo diálogo com a oposição, teve como pano de fundo o sorriso amarelo de Michel Temer”.

A crise do ebola e a gramática dos problemas de segurança

Entrevista especial com Gilberto Carvalho de Oliveira, pesquisador associado ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal, e doutorando em Política Internacional e Resolução de Conflitos pela mesma universidade

Publicada em 28-10-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1sms8sL>

Ao analisar a epidemia do ebola pelas “lentes da segurança”, Gilberto Carvalho de Oliveira pontua que, além da “pobreza extrema e a falta de infraestruturas

médicas eficientes” para dar conta de enfrentar as epidemias, é necessário compreender que desde meados dos anos 1980 “tem ocorrido uma mudança radical na maneira como os estudos de segurança têm sido conduzidos por muitos acadêmicos no campo das Relações Internacionais. Para ele, o “enfrentamento” às epidemias está diretamente relacionado com um “processo de securitização”, no qual “um determinado tópico constitui uma ameaça à ordem em vigor e, por essa razão, requer medidas emergenciais e excepcionais para a sua neutralização”.

“Lulismo recupera certo fôlego para projetar governo com marca própria”

Entrevista especial com Bruno Lima Rocha, doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e professor nos cursos de Relações Internacionais, Ciência Política e Jornalismo na Unifin, na ESPM-Sul e na Unisinos

Publicada em 27-10-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1tQENJ1>

“Dilma venceu na comparação dos governos do lulismo diante da Era FHC; ganhou na autoestima dos brasileiros (identificação das camadas populares); no cálculo racional da real possibilidade de piora das condições materiais de vida; e, por fim, na rejeição a Aécio Neves e ao personagem que, vindo da oligarquia mineira, promoveria um ‘novo’ país com as velhas elites de sempre”, afirma Bruno Lima Rocha. Segundo ele, “o Brasil que emergiu na luta contra o aumento das passagens e a vitória pontual em algumas importantes cidades não se identifica com o jogo da eleição indireta e pode voltar a se apresentar na arena política em 2015”.

**LEIA OS CADERNOS IHU
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

Siga nossas Redes Sociais

Facebook



Pesquise pessoas, locais e coisas

Página inicial 20+ Publicar

Instituto Humanitas Unisinos

14.517 curtiram · 3.350 falando sobre isso

Mídia/Notícias/Publicação
Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo/RS
Visite nosso site: <http://www.ihu.unisinos.br/>
Para entrar em contato, envie e-mail para:
Sobre · Sugerir uma edição

Fotos Opções "Curtir" Eventos Promoções

Twitter



IHU @ihu 3 h
'Advogado é custo, engenheiro é produtividade', diz Dilma Rousseff em Nova York bit.ly/19GKVX9
Expandir

IHU @ihu 3 h
Sementes Nativas, Garantia de Futuro: Carta de Mandirituba bit.ly/16EWS1h
Expandir

IHU @ihu 3 h
O fascínio discreto de Pôncio Pilatos. Artigo de Giorgio Agamben bit.ly/1h7ZFKF
Com a imagem correta: pic.twitter.com/G0cZJc2y8B
Ver foto

IHU @ihu 3 h
Qual código de ética é lecionado na faculdade de administração de Harvard? bit.ly/16EwNdK
Expandir

Blog



INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Ativistas do Greenpeace estão presos na Rússia

De 14 de setembro de 2014

Dois ativistas do Greenpeace estão presos na Rússia por terem feito um protesto pacífico contra a exploração de petróleo no Ártico. A Justiça do país alega que eles foram subornados por uma empresa. Mas que a investigação sobre o caso ainda está em andamento. Enquanto isso, os dois estão presos. O caso é conhecido como o caso da Pádua. Mas o que aconteceu com eles? Eles estão presos há mais de uma semana. Agora, o caso está sendo tratado como um caso de terrorismo. Eles estão sendo acusados de terem planejado um ataque a um navio russo. Eles estão sendo acusados de terem planejado um ataque a um navio russo. Eles estão sendo acusados de terem planejado um ataque a um navio russo.

Instagram



_ihu
Instituto Humanitas Unisinos

29 posts 70 seguidores 33 seguindo


bit.ly/ihuon

twitter.com/_ihu

Instagram.com/_ihu

unisinos.br/blogs/ihu

Teologia Pública

A presença de um mestre: Daisetz T. Suzuki

POR FAUSTINO TEIXEIRA

“A irradiação de Suzuki e de sua obra no Ocidente foi simplesmente impressionante. Não há quem não faça referência a esta presença, acolhida por grandes pensadores como Thomas Merton e Gustav Jung; por literatos como Alan Watts e os seguidores da geração beat como Jack Kerouac, Allen Ginsberg e Gary Snyder. Foi referência importante em obras como *Os vagabundos de Dharma* – de Kerouac – onde o protagonista Japhy Ryder é claramente inspirado em sua figura”, constata Faustino Teixeira.

Faustino Teixeira é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, pesquisador do CNPq e consultor do ISER-Assessoria. É pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Entre suas pu-

blicações, encontram-se *Teologia e Pluralismo Religioso* (São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012); *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas* (Petrópolis: Vozes, 2009); *Ecumenismo e diálogo inter-religioso* (Aparecida do Norte: Santuário, 2008); *Nas teias da delicadeza: itinerários místicos* (São Paulo: Paulinas, 2006); e *No limiar do mistério. Mística e religião* (São Paulo: Paulinas, 2004). *Religiões em Movimento. O Censo de 2010*, publicado pela Editora Vozes, Petrópolis, 2013, é organizado por Faustino Teixeira e Renata Menezes.

O artigo foi publicado nas “Notícias do Dia”, de 05-11-2014, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1GtMolL>.

Eis o artigo.

Para os que buscam entender o Zen Budismo, a presença de Daisetz Teitaro Suzuki¹ se faz imprescindível, de modo particular para os ocidentais, que tiveram acesso ao mundo Zen pela força irradiadora desse mestre japonês. É verdade que hoje sua

obra é objeto de discussão entre os *scholars*. Alguns assinalam que se trata de uma “visão romantizada” ou psicologizada da espiritualidade Zen, de tendência “mito-poética”. Mas nada disso tira o imenso valor e originalidade de sua reflexão, que possibilitou ao Ocidente o acesso às riquezas desta tradição sapiencial.

Suzuki nasceu em 1870, na cidade de Kanazawa, Japão, numa família de tradição estabelecida no campo da medicina e vínculos importantes com a casta dos samurais. Seu avô e seu pai eram médicos. Viveu uma situação difícil depois da perda de seu pai, em idade ainda jovem, envolven-

do a família em precisas dificuldades financeiras. Na época tinha apenas seis anos de idade, e a perda de um pai na ocasião acarretava sérias consequências.

Com o tempo, a reflexão do jovem Suzuki vai se orientando para a filosofia e a religião, em particular com o ramo Zen Rinzai². Encontra ali um espaço propício para o trabalho das questões existenciais que estavam no coração de suas demandas do período. As visitas no pequeno templo

1 **Daisetsu Teitaro Suzuki** (1870-1966): foi um famoso autor japonês de livros sobre Budismo, Zen e Jodo Shinshu, responsável, em grande parte, pela introdução destas filosofias no ocidente. Suzuki também foi um prolífico tradutor de literatura chinesa, japonesa e sânscrita. Suzuki passou vários períodos longos ensinando ou dando palestras em universidades do ocidente e devotou vários anos a seu professorado numa universidade budista japonesa, Otani. (Nota da IHU On-Line)

2 **Zen Rinzai**: é uma das três escolas Zen budistas no Japão, as outras sendo a Soto e a Obaku. (Nota da IHU On-Line)

de Kanazawa serviam-lhe de alento e ajuda. Tomou também contato na ocasião com missionários cristãos, um dos quais – participante da igreja ortodoxa grega – presenteou-o com um exemplar do livro do Gênesis em tradução japonesa. Na época tinha cerca de quinze anos, e tinha o costume de dialogar sobre filosofia e religião com os estudantes de sua geração. Alguns amigos chegaram a se converter ao protestantismo, e pressões nesse sentido ocorriam também sobre ele. Mas resistia à hipótese do batismo antes de estar convencido sobre a verdade do cristianismo.

Durante contatos com o novo professor de matemática em sua escola, ficou sabendo da presença de roshi Kosen³, um importante mestre Zen naquele período. Com o interesse desperto, Suzuki busca um maior aprofundamento no templo de Kokutaiji, na província de Etchu, onde vivia o mestre Setsumon. Parte como um buscador em direção ao templo e vem acolhido com alegria pelos monges. Ali faz sua primeira experiência de zazen, embora na ocasião desconhecesse o Zen e todas as etiquetas que envolviam a dinâmica do sanzen. Consegue o cargo de professor em Mikawa, uma vila situada cerca de 25 quilômetros de Kanazawa.

Permaneceu ali cerca de seis meses, quando então interrompeu seus estudos sobre o Zen. Dali parte para a Universidade de Waseda, para dar continuidade aos estudos. A iniciação Zen vem continuada na cidade de Kamakura, distante cinquenta quilômetros de Tokio, sob a direção de roshi Kosen, então abade de Engakuji. Com a morte deste mestre, em janeiro de 1892, Suzuki segue os ensinamentos com o seu continuador, o mestre Shaku Soen⁴ (1859-1919), o mesmo

roshi que havia participado do clássico Parlamento Mundial das Religiões em Chicago (1893). Na ocasião, o percurso para o alcance da maturidade espiritual num mosteiro Zen levava cerca de quinze anos.

É com Shaku Soen (também conhecido como Soen Shaku) que Suzuki dá continuidade aos encontros de ensinamento (sanzen). Num desses colóquios recebe de seu mestre o koan Mu⁵, e com ele o desafio de desvendar o seu mistério. O mestre acreditava que através desse caminho Suzuki teria melhores condições de alcançar a visão do real. Muito conhecido, esse koan pode ser assim enunciado: “Um discípulo pergunta a Joshu: ‘tem ou não o cão a natureza de buda?’. E o mestre Joshu responde: ‘Mu’”. Esse é o koan que se coloca como desafio para Suzuki.

Durante quatro anos de muita luta e combate interior, Suzuki busca responder ao desafio proposto. Considerava na época ser mais fácil o acesso intelectual ao koan, mas o mais difícil era estabelecer uma relação vivida com ele, isto no plano da experiência. Buscou este acesso nos livros da tradição Zen, e num deles – Zenkan Sakushin (golpes de chicote para ajudar a atravessar as barreiras Zen) encontrou uma pista importante. Percebeu que a dúvida fazia parte do caminho de acesso ao satori⁶. As certezas absolutas deveriam ser deixadas de lado, e todas as energias concentradas para a resolução do koan. Deus também conta de que esta resolução não viria de fora, mas do mundo

interior, da fonte íntima de onde jorra todo o ser.

Seguindo este rastro, Suzuki acende sua atenção e passa diversas noites numa gruta situada atrás do templo de Shariden (um dos locais que compunham o mosteiro de Engakuji). O seu amigo íntimo, Nishida Kitaro⁷ (1870-1945) – fundador da Escola de Kyoto –, relata que nesta ocasião Suzuki teria inclusive pensado em suicídio, isto em razão de todas as dificuldades existenciais que envolviam seus passos no caminho de resolução do complexo koan. Suzuki dedicava-se integralmente a buscar aquilo que lhe havia proposto o mestre Shaku Soen. Não se encontrava muito com seu mestre, a não ser nas sessões obrigatórias de sanzen durante os sesshin.

Aos poucos, Suzuki vai se dando conta de que “a extremidade do homem é a ocasião de Deus”, e que o horizonte do satori assoma-se no momento em que o ser humano toca o abismo do desespero, decidindo colocar um fim nos seus dias. Ou seja, é nas situações mais densas, nas situações-limite, que o ser humano tangencia o mistério de seu ser. Em 1896, participando de um sesshin⁸, sempre envolvido com a busca de resolução de seu koan, ali por volta do quinto dia de encontro, Suzuki vive uma experiência de grande intensidade, como se apagasse de sua consciência qualquer percepção do Mu. Mais ainda, vive a presença intensa de uma unificação sua com o Mu, sem que traço algum de separação pudesse se interpor en-

⁷ Kitaro Nishida (1870-1945): foi um filósofo japonês proeminente, fundador do que tem sido chamado de Escola de Kyoto da filosofia. Ele se formou na Universidade de Tóquio durante o período Meiji, em 1894, com uma licenciatura em filosofia. Foi nomeado professor da Fourth High School, em Ishikawa em 1899 e mais tarde tornou-se professor de filosofia na Universidade de Kyoto. Nishida se aposentou em 1927. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Sesshins: considerado como o coração do Zen, é o termo usado para as práticas intensivas de meditação. Trata-se de um período de extrema dedicação à prática intensiva do Zen. Sesshin significa entrar em contato com o verdadeiro “eu”, tornar-se íntimo consigo mesmo, com o corpo e com a mente, abandonar o egoísmo e harmonizar-se com os outros. (Nota da IHU On-Line)

³ Imakita Kosen (1816-1892): foi um Roshi japonês Rinzai Zen e Neo-confucionista. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Soen Shaku, escrito em japonês moderno Soen Shaku ou Kogaku Soen Shaku: foi o primeiro mestre zen budista a dar aulas nos Estados Unidos. Ele era um Roshi da escola Rinzai e foi abade de ambos os templos Kencho-ji e Engaku-ji em

Kamakura, Japão. Shaku foi um discípulo de Imakita Kosen. (Nota da IHU On-Line)
⁵ “Mu” (japonês e coreano) e “Wu” (chinês): termo que significa “não existe, sem saída”. É uma palavra-chave no budismo, especialmente nas tradições Chan e Zen. Em outras palavras, significa que não há respostas para a pergunta da maneira como foi formulada. Ou seja, há uma contradição nos termos da própria questão. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Satori: é um termo japonês budista para iluminação. A palavra significa literalmente “compreensão”. É algumas vezes livremente tratada como sinônimo de Kensho, mas Kensho refere-se à primeira percepção da Natureza Búdica ou Verdadeira Natureza, algumas vezes conhecida como “acordar”. (Nota da IHU On-Line)

tre ele e Mu. Nesse momento ocorre para ele a consciência do verdadeiro despertar (samadhi). Passou um bom período em estado de dispersão da consciência até que o som de um sino provocasse nele um novo chamado à realidade. Relata o ocorrido para o seu mestre, e responde a ele as indagações a respeito de Mu. Depois da conversa com o mestre, na noite de sequência do encontro, percebeu traços de transparência nas árvores que não visualizava nos momentos rotineiros. Uma mudança tinha sido provocada em sua visão do real. Relata Suzuki no texto que descreve sua juventude – publicado no livro: *Dernières écrits au bord du vide* (Paris: Albin Michel, 2010) – que a partir de então não teve mais dificuldades na resolução de koans. Passa a entender aquela clássica sentença Zen: “os cotovéis não se abrem para o exterior”.

Ainda jovem, com vinte e sete anos de idade, parte para os Estados Unidos, onde viverá por doze anos. Retorna depois ao Japão, para sua cidade natal, e mais adiante vem nomeado professor de budismo Zen na Universidade de Otani, em Kyoto. As viagens e conferências no Ocidente não cessaram com o retorno ao Japão, dando assim continuidade ao processo de irradiação da tradição por toda parte. A morte de Suzuki ocorreu em 1966, quando tinha noventa e seis anos de idade.

Suzuki é conhecido mundialmente por suas inúmeras obras, das quais destaca-se a tríade de seus *Ensaio sobre o budismo Zen*, publicada na década de 1940. Outras obras também podem ser elencadas: *Viver Zen* (1950); *A doutrina Zen da não mente* (1969); *Manual de Budismo Zen* (1974). Sua obra também veio em parte publicada no Brasil, e algumas alcançaram importante sucesso, como a *Introdução ao Zen-Budismo*, prefaciada por Carl Jung⁹. Conhecido ficou também

9 Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra suíço. Colega de Freud, estudou medicina e elaborou estudos no campo da psicologia, discutindo os conceitos de introversão e extroversão. (Nota da IHU On-Line)

o prefácio de Suzuki à obra de Eugen Herrigel¹⁰, *A arte cavalheiresca do arqueiro zen* (São Paulo: Cultrix, 2013). Ali nesta introdução, Suzuki expressa uma das questões centrais em sua reflexão: “O Zen é a consciência cotidiana”. Sobre isso tinha falado de forma viva na sua Introdução ao Zen budismo, quando buscava delinear o traço místico do Zen. Para Suzuki, “o Zen é um misticismo a seu próprio modo. É místico no sentido de que o sol brilha, que uma flor desabrocha e que neste momento ouço alguém bater um tambor na rua”. O que ele propõe é algo muito simples, criar as condições para uma mente livre e despojada, preparada para acolher a novidade do dom. Para ele o Zen diz simplesmente: “Reverencia uma camélia em plena floração e cultua-a, se quiseres. Há tanta religião neste ato como quando nos prosternamos diante dos vários deuses budistas, ou espargimos água benta, ou participamos da ceia do Senhor”.

A irradiação de Suzuki e de sua obra no Ocidente foi simplesmente impressionante. Não há quem não faça referência a esta presença, acolhida por grandes pensadores como Thomas Merton¹¹ e Gustav Jung; por literatos como Alan Watts¹² e os se-

10 Eugen Herrigel (1884-1955): foi um filósofo alemão que ensinou filosofia na Universidade Imperial de Tohoku, em Sendai, Japão, entre 1924-1929 e introduziu Zen para grande parte da Europa através de seus escritos. (Nota da IHU On-Line)

11 Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Físis, 2001) é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Físis, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da IHU On-Line, de 21-03-2005, publicamos um artigo de Ernesto Cardenal, discípulo de Merton, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota da IHU On-Line)

12 Alan Wilson Watts (1915-1973): foi um filósofo, escritor, orador e estudante de religião comparada na Inglaterra. Ficou conhecido como um intérprete e por popularizar filosofias da Ásia para o público ocidental. (Nota da IHU On-Line)

guidores da geração beat como Jack Kerouac¹³, Allen Ginsberg¹⁴ e Gary Snyder¹⁵. Foi referência importante em obras como *Os vagabundos de Dharma* (Porto Alegre: LP&M, 2004), de Kerouac – onde o protagonista Japhy Ryder é claramente inspirado em sua figura.

Grandes pensadores do Ocidente, como Heidegger¹⁶, impressionaram-se com a vitalidade da reflexão de Suzuki. No ano de 1939, esse pensador alemão foi presenteado com um dos livros de Suzuki, o primeiro volume dos *Ensaio sobre o Budismo Zen*. O portador da boa-nova foi Keiji Nishitani¹⁷, um dos

13 Jean-Louis Lebris de Kerouac (1922) mais conhecido por Jack Kerouac: foi um escritor norte-americano da geração Beat famoso por seu livro *On the road*. (Nota da IHU On-Line)

14 Irwin Allen Ginsberg (1926-1997): poeta norte-americano da geração beat, conhecido pelo livro de poesia intitulado *Howl* (1956). (Nota da IHU On-Line)

15 Gary Snyder (1930): poeta, tradutor, linguista, mitólogo e antropólogo norte-americano associado à Geração Beat e ao chamado Renascimento de São Francisco. Foi vencedor de um prêmio Pulitzer em poesia, é budista e ativista ambiental, mundialmente famoso ao ser retratado como o personagem Japhy Ryder no livro *Dharma Bums* (no Brasil: *Vagabundos Iluminados*) de Jack Kerouac. (Nota da IHU On-Line)

16 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, *Cadernos IHU em formação* nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença* - pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

17 Keiji Nishitani (1900-1990): foi um filósofo japonês da Escola de Quioto e discípulo de Kitaro Nishida. Defendeu tese em 1924 com a dissertação: “O Ideal e o Real de Schelling e Bergson”. Entre 1937 e 1939 estudou em Freiburg sob orien-

nomes importantes da Escola de Kyoto, que seguia os estudos com Heidegger em Freiburg. Como relata William Barret¹⁸, citado em verbete recente de um dicionário sobre Heidegger (*Le dictionnaire Martin Heidegger*. Paris: Cerf, 2013), de autoria de Fabrice Midal¹⁹, o pensador teria dito sobre os livros de Suzuki: “Se eu compreendi bem esse homem, eis o que busco dizer em to-

dos os meus escritos”. Ou seja, Suzuki exercia um impacto sobre os outros que era mesmo de impressionar. Como também relata Thomas Merton em seus diários.

Mais importante que sua obra propriamente dita, é sobretudo sua personalidade, seu carisma e sua presença. É o que normalmente ocorre com os grandes mestres. Os livros contam, não há dúvida, mas a Presença fala muito mais forte. É o que expressou Shizuteru Ueda²⁰, outro pensador da Escola de Kyoto, a respeito da personalidade de Suzuki. Em sua obra *Zen e filosofia* (1994), Ueda relata o impacto exercido pelo mestre em sua vida. Sinaliza que foi através de seus livros que ele se iniciou no Zen: “foi a pessoa que me inspirou nesse caminho”. E conclui: “o efeito que produziu em mim foi tão decisivo que custa acreditar. Sua influência

não procedia de seus livros (dos quais li muitos), mas de algo que percebi nele, uma espécie de verdade viva de um alcance maior do que sou capaz de expressar no papel”.

Não é tarefa fácil sintetizar a importância e o alcance da presença de um mestre tão singular como foi Daisetz Teitaro Suzuki. Hoje ele vem sendo objeto de crítica na academia, e nem sempre considerado no seu devido alcance. Argumentam alguns *scholars* que ele teria perdido o elo de ligação com a grande tradição Zen da China e do Japão, com uma divulgação mais psicologizante desta tradição com o intuito de ser melhor acolhido no Ocidente. Não se pode excluir esta hipótese, mas nada disto tira o valor que ele representa e a importância de sua presença em toda a América e também alhures. Mas, sobretudo, o que fica como traço mais importante é o que Ueda expressou: esse ALGO que se irradia de sua pessoa de mestre e de exemplo espiritual.

tação de Martin Heidegger. (Nota da IHU On-Line)

18 William Christopher Barrett (1913-1992): foi professor de filosofia na Universidade de Nova York de 1950 a 1979. Precocemente, começou estudos pós-secundários no City College de Nova York, com 15 anos de idade. Recebeu seu doutorado na Universidade de Columbia. Ele era editor da Partisan Review e mais tarde crítico literário da revista The Atlantic Monthly. Era bem conhecido por escrever obras filosóficas para não especialistas. Talvez as mais conhecidas sejam *Irrational Man* e *The Illusion of Technique*. (Nota da IHU On-Line)

19 Fabrice Midal: filósofo e escritor, é o fundador da Escola Ocidental de meditação, onde trabalha para transmitir a prática da meditação em uma perspectiva secular. (Nota da IHU On-Line)

20 Shizuteru Ueda: é um filósofo japonês especializado em filosofia da religião. (Nota da IHU On-Line)

Acesse o facebook do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e acompanhe nossas atualizações [facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos](https://www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos)

facebook Pesquise pessoas, locais e coisas

Página inicial

Criar página

MBA FGV
decision.edu.br

MBA FGV

Faça MBA na FGV POA ou NH e destaque-se no mercado de trabalho. Clique e inscreva-se.

Academia Social

Aprenda como atrair 10 mil fãs Reais para sua página? Clique curtir e saiba como. Moto Taxi curtii Ignição Digital.

Agora

2013

2012

2011

Fundada em

Instituto Humanitas Unisinos

9.267 curtiram • 1.510 falando sobre isso

Mídia/Notícias/Publicação

Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo/RS

Visite nosso site: <http://www.ihu.unisinos.br/>

Para entrar em contato, envie e-mail para:

Sobre - Sugerir uma edição

Fotos

Opções "Curtir"

9.267

Eventos

Promoções

Sorteio

Aprender a ser humano: Gênesis 1-4

Destaques

Instituto Humanitas Unisinos atualizou sua foto de capa. há 45 segundos

A foto de capa retrata um momento da anual "Festa das luzes" sobre a tumba do poeta sufi Shah Hussein, em Lahore, no Paquistão. Shah Hussein (1538-1599) é comumente conhecido

25 Amigos

curtiram Instituto Humanitas Unisinos

+16

Entrevista da Semana

Moda, consumo e ética. A emergência de novos paradigmas no século XXI

Pesquisadora de moda, a socióloga argentina Susana Saulquin fala sobre a importância do consumo consciente

POR RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

Enquanto esta entrevista estava sendo editada, as principais modelos brasileiras e internacionais desfilavam a coleção de inverno 2015 na São Paulo Fashion Week, uma das mais prestigiadas semanas de moda do Brasil e do mundo. O evento gera a circulação de milhares de dólares anualmente e ocorre paralelamente a um movimento de ruptura estética com o século passado. “Embora a moda e o consumo reinassem junto com a estética durante a última parte do século XX, no começo do século XXI muda o olhar e impõe-se um comportamento ético de cuidado dos recursos humanos e naturais que contradiz os princípios do consumo acelerado de roupas que implicam no ‘usar e jogar’”, avalia a professora e pesquisadora Susana Saulquin, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, fazendo uma análise sobre moda, consumo e ética. “O novo luxo é um conceito que se afasta da ideia do luxo como acumulação de objetos interessados em marcar o status e posição social das pessoas”, complementa.

Segundo a professora, a nova ideologia do século XXI substitui a produção acelerada de estímulo ao consumo por uma ideologia que baseia sua ação no cuidado aos recursos vivos do planeta. “Com a chegada da nova ideologia, que cuida dos recursos tanto naturais como das pessoas, perde vigência este modelo de produção massiva a favor de uma produção responsável de roupas duráveis. Cada vez mais nesta etapa de transição nos afastamos do massivo para nos aproximarmos do de-

senho pensado a partir de princípios éticos”, destaca.

Por fim, Susana destaca que “analisar a moda do ponto de vista sociológico permite descobrir as vinculações entre a nossa experiência cotidiana e os processos sociais mais amplos que a contêm. Por exemplo, a relação entre a atual sociedade mais individualista e ditada pelas redes sociais permite-nos pensar uma moda mais independente das tendências massivas de vestir”, analisa. “Como todo processo de mudança, o caminho é longo, mas devemos pensar que a tendência à produção de roupas mais sustentáveis e amigáveis com o meio ambiente não tem retorno”, finaliza.

Susana Saulquin estudou Sociologia na Universidade de Buenos Aires. Em 1986 criou e dirige desde então o Instituto de Sociologia da Moda, dedicado à consultoria, ensino e pesquisa do universo têxtil, da indumentária e das modas. Participou na criação da carreira de Design de Indumentária e Têxtil, na Faculdade de Arquitetura, Design e Urbanismo, da Universidade de Buenos Aires – UBA. E, em 2012, criou e atualmente dirige a Pós-graduação em Sociologia do Design. Além disso, é professora na graduação e pós-graduação em diferentes universidades do Chile, Brasil e Argentina. Seu último livro, lançado recentemente, chama-se *Política de las apariencias. Nueva significación del vestir en el contexto contemporáneo* (Buenos Aires: Paidós Entornos 23, 2014).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que implicações há entre moda, consumo e ética?

Susana Saulquin – A moda e o consumo são, em princípio, dois conceitos que se necessitam e funcionam de maneira conjunta, já que é através do exercício do consumo que se impõem as diferentes modas de acordo com as tendências que saem dos centros produtores e que estão muito interessados na circulação de roupas e produtos. Embora a moda e o consumo reassem junto com a estética durante a última parte do século XX, no começo do século XXI muda o olhar e impõe-se um comportamento ético de cuidado dos recursos humanos e naturais que contradiz os princípios do consumo acelerado de roupas que implicam no “usar e jogar”.

IHU On-Line – Recentemente a senhora afirmou que “o novo luxo é ter roupa eticamente boa”. Do que trata esta percepção? O que isso significa?

Susana Saulquin – O novo luxo é um conceito que se afasta da ideia do luxo como acumulação de objetos interessados em marcar o status e posição social das pessoas. O novo luxo introduz a perspectiva ética da sustentabilidade e do bem comum. Nesse sentido se fala da experiência de um luxo sustentável, que incorpora, por exemplo, nas roupas os princípios que o guiam como reciclado, recuperação de materiais e, em geral, respeito por processos que não denigrem a natureza. Também aparecem outras categorias, como o luxo do tempo livre e a utilização de roupas, que destaquem a extrema qualidade dos produtos e sua durabilidade. Abandona-se a ideia do “consumo conspícuo” proposta por Thorstein Veblen¹ e ressignifica-se sua

“Embora a moda e o consumo reassem junto com a estética durante a última parte do século XX, no começo do século XXI muda o olhar e impõe-se um comportamento ético”

experiência como um poder transformador a partir do gozo dos sentidos e da importância do ser sobre o parecer.

IHU On-Line – Diante de que tipo de paradigma a contemporaneidade nos situa no que diz respeito ao consumo?

Susana Saulquin – É a nova ideologia do século XXI que substitui a produção acelerada que estimula o consumismo, típica do século anterior, por uma ideologia que baseia sua ação no cuidado dos recursos tanto humanos como naturais. A partir desta ótica, fala-se de um consumo que é consciente e se guia pela ética dos comportamentos.

IHU On-Line – Por que as novas tendências de design divergem do consumo massivo? Que transição é esta que vivemos no século XXI?

Susana Saulquin – Os princípios que guiavam a produção no século XX baseavam-se na aceleração das séries massivas que deviam produzir roupas

para serem esquecidas rapidamente e substituídas por outras. Isto provocou problemas, como a multiplicação das oficinas clandestinas e “escravos” onde se colocava o acento apenas na produção, esquecendo as condições dos trabalhadores, assim como também o descuido da natureza. Com a chegada da nova ideologia, que cuida dos recursos tanto naturais como das pessoas, perde vigência este modelo de produção massiva a favor de uma produção responsável de roupas duráveis. Cada vez mais nesta etapa de transição nos afastamos do massivo para nos aproximarmos do desenho pensado a partir de princípios éticos.

IHU On-Line – Em que medida o discurso sobre o que é “moda” torna-se autoritário?

Susana Saulquin – O discurso torna-se autoritário porque depende de tendências que saem dos centros produtores de moda e são as mesmas para todo o mundo. Ela impõe “o que se usa” a partir de uma construção que sai dos prognósticos de tendências que se põem de acordo para dispor o que as pessoas vão usar nos próximos quatro anos. É autoritária nas formas, cores e materiais, porque impõe de maneira global o que deve ser usado.

IHU On-Line – Desde quando o “vestir-se” transforma-se também em ato político?

Susana Saulquin – Na arena das práticas políticas, as aparências convertem-se em aliadas imprescindíveis no processo de construção do discurso de poder. O talento para sua instrumentação vai depender em grande parte, e foi demonstrado ao longo da história, da habilidade dos diferentes atores políticos, para construir rituais cenográficos que facilitem e dissimulem a partir da sedução carismática o exercício da sua dominação.

IHU On-Line – De que maneira as novas configurações sociais e políticas do século XXI exigem outros parâmetros éticos com relação à moda?

Susana Saulquin – Exigem outros parâmetros éticos porque não querem ficar desatualizados e sabe-se que, atualmente, o prestígio já não está relacionado com grandes

1 Thorstein Veblen (1857 - 1929) - Economista e sociólogo estadunidense filho de imigrantes noruegueses. Veblen se formou em filosofia pela Universidade de Johns Hopkins e doutorou-se por Yale. Suas principais obras são *The Theory of the Leisure Class* (1899), *The Instinct of Workmanship* (1914), *Imperial Germany and the Industrial Revolution* (1915), *The Higher Learning in America* (1918), *Absentee Ownership* (1923), e vários ensaios. Sua principal obra econômica é *The Theory of Business Enterprise* (1904). Leia também as entrevistas “Uma economia mais social e ética parece bem possível”, com Gilberto Faggion, publicada nas Notícias do Dia, de 04-06-2009,

disponível em <http://bit.ly/1zGo8Lk> e Crescimento econômico está atrelado às instituições, com Octávio Conceição, publicada nas Notícias do Dia, disponível em <http://bit.ly/1ASXe54>. (Nota da IHU On-Line)

produções e acumulação de bens que impedem e travam as ações, mas com produções pensadas para a agilidade e a adaptação constante às situações em mudança.

IHU On-Line – Quais são os desafios para pensar a moda a partir da perspectiva da sociologia? De que forma o tema da moda pode nos ajudar a compreender aspectos das nossas sociedades?

Susana Saulquin – Analisar a moda do ponto de vista sociológico permite descobrir as vinculações entre a nossa experiência cotidiana e os processos sociais mais amplos que a contêm. Descobre-se assim a rede de dependências e as conexões que se produzem entre os diferentes acontecimentos, podendo compreender de maneira mais clara por que e para que estes ocorrem. Por exemplo, a relação entre a atual sociedade mais individualista e digitada pelas redes sociais permite-nos pensar uma moda mais independente das tendências massivas de vestir.

IHU On-Line – Como superar o desafio de produzir roupas sustentáveis, eticamente fabricadas, em uma economia de mercado absolutamente financeirizada, onde o preço parece ser o principal componente?

“Analisar a moda do ponto de vista sociológico permite descobrir as vinculações entre a nossa experiência cotidiana e os processos sociais mais amplos que a contêm”

Susana Saulquin – Como todo processo de mudança, o caminho é longo, mas devemos pensar que a tendência à produção de roupas mais sustentáveis e amigáveis com o meio ambiente não tem retorno. Por quê? Porque sabemos que a sociedade sempre faz o necessário para sua sobrevivência, e continuar no caminho das modas aceleradas e que promo-

vem o consumismo não está de acordo com uma sociedade que necessita diminuir a depredação da natureza. Por exemplo, o algodão tem processos de tinturaria e necessidade de pesticidas que não são sustentáveis, portanto é necessário buscar alternativas. Se até a atualidade, nesta economia, o preço era importante, vamos caminhar rumo a uma economia com produtos mais duráveis e de boa qualidade, ou seja, um consumo que substitui o consumismo pela experiência de um consumo consciente e todo pelo bem comum.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Susana Saulquin – Após o século XX, que foi o século do TER e do PARECER, atualmente perfila-se uma lenta recuperação do SER que, não sendo reflexo das exterioridades, consiga reconstruir a importância de cada interioridade.

Leia mais...

- “O novo luxo é ter uma roupa eticamente boa”, afirma socióloga da moda. Entrevista com Susana Saulquin publicada nas **Notícias do Dia**, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1yYflfa>.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

**Tema
de
Capa**

**Destaques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Publicação em destaque

Confira algumas das publicações mais recentes do Instituto Humanitas Unisinos.



Ilustração e metaética em Dogville, de Lars Von Trier

Cadernos IHU em sua 50ª edição publica *Ilustração e metaética em Dogville*, de Lars Von Trier, sob autoria de **Pedro Marques Harres**, cineasta e filósofo. O presente artigo tem como objetivo realizar uma reflexão filosófica sobre o filme *Dogville* (2003), de Lars von Trier, e se insere numa corrente contemporânea da filosofia analítica que considera alguns filmes capazes de filosofar em seus próprios termos. A pesquisa partiu de um levantamento de outros estudos sobre o filme e identificou uma centralidade da questão ética que, quando problematizada através de recursos metalinguísticos e elementos brechtianos, resulta num desfecho metaético para Dogville.

Diante de tal constatação, a hipótese central deste estudo é a de que exista uma reflexão metaética em Dogville que, se articulada, é capaz de dar um sentido que o unifique. O filme, enquanto obra de arte, discute a si mesmo e as possibilidades de seu suporte (no caso, o formato fílmico). Dogville nos nega uma conclusão de cunho moral/pedagógico, porque contém uma crítica de seus próprios estratagemas didáticos no elaborar de sua parábola. A presente investigação encontrou a ineficácia de ilustrações morais como cerne dessa crítica. É também possível derivar do filme uma hipótese metafísica sobre a incapacidade humana de aprimorar-se moralmente, porém, não são fornecidos subterfúgios para confirmá-la ou negá-la.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8213. Você também pode baixar esta edição gratuitamente em <http://bit.ly/1x7iWPE>.

Leia algumas das edições já publicadas da **IHU On-Line**.



A experiência missionária: território, cultura e identidade

Edição 348 – Ano X – 25-10-2010

Disponível em <http://bit.ly/ihuon348>

Nesta semana, de 25 a 28 de outubro de 2010, realizou-se o *XII Simpósio Internacional IHU – A experiência missionária: território, cultura e identidade*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em parceria com o PPG em História da Unisinos. A revista IHU On-Line debateu a experiência dos jesuítas nos 400 anos da fundação das primeiras reduções da Província da Companhia de Jesus do Paraguai. Contribuem para o debate Guillermo Wilde, Adone Agnolin, Bartomeu Melià, Thais Luiza Colaço, Paula Montero, Giovanni José da Silva, Karl-Heinz Arenz, Alessandro Zir, Ernesto Maeder, Ana Lúcia Goelzer Meira, José Alves de Souza Jr. e Fernando Torres Londoño.

Os Guarani. Palavra e Caminho

Edição 331 – Ano X – 31-05-2010

Disponível em <http://bit.ly/1uVleQQ>

No ano em que foram lembrados os 400 anos da fundação das primeiras reduções jesuíticas, a edição da IHU On-Line debateu o tema da história, da cultura, da vida e da luta deste povo. “A partir do século V ou VI de nossa era, se conhecem aldeias de índios guaranis nas matas do centro e noroeste do Estado do Rio Grande do Sul”, atesta o antropólogo Pedro Ignácio Schmitz, jesuíta, diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas da Unisinos e sócio-fundador da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). Contribuem para a discussão Maurício da Silva Gonçalves, Roberto Antonio Liebgott, Lara Tatiana Bonin, Guillermo Wilde, Graciela Chamorro, Valéria Faria Cardoso, Pedro Ignácio Schmitz, Maria Cristina Bohn Martins, Antonio Brand, Antonio Cechin e Bartomeu Melià.



IHU On-Line Edição nº 196 – 18 de setembro de 2006



A Globalização e os Jesuítas. Origem, história e impactos

Edição 196 – Ano VI – 11-09-2006

Disponível em <http://bit.ly/IHUon196>

A celebração mundial do Ano Jubilar Inaciano, fazendo a memória dos 450 anos da morte de Inácio de Loyola e dos 500 anos de nascimento de Francisco Xavier e Pedro Fabro, companheiros do primeiro, que fundou a Companhia de Jesus, inspirou a realização do Seminário Internacional *Os Jesuítas e a Globalização*, realizado em 2006, simultaneamente na Unisinos, na PUC-Rio e na FAJE, de Belo Horizonte.

Jesuítas e a América Latina

Edição 25 – Ano II – 08-07-2002

Disponível em <http://bit.ly/ihuon25>

Em 2002, durante a 5ª Assembleia da Conferência de Provinciais e Superiores Maiores Jesuítas da América Latina, foi lançada a carta *Princípio e horizontes de nossa missão na América Latina* com diretrizes para a ação dos jesuítas nos cinco anos seguintes. As reflexões do documento e as projeções das ações da Companhia de Jesus foram os temas centrais debatidos em um dos primeiros números da IHU On-Line.

Leia mais...

- **Papa Francisco. Quem são os jesuítas?** Artigo publicado na edição 414 da IHU On-Line, de 15-04-2013, disponível em <http://bit.ly/1uSxBxB>.



Evento



Evento ocorre entre os dias 17 e 21 de novembro, organizado em parceria pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos-**Unisinos**, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – **URI** e Universidade de Santiago do Chile. Mais informações em <http://bit.ly/sulglob>.

II Colóquio Internacional IHU. O Concílio Vaticano II: 50 anos depois



Por ocasião dos 50 anos do término do Concílio Vaticano II, será realizado na Unisinos o II Colóquio Internacional IHU. O Concílio Vaticano II: 50 depois nos dias 19 a 21 de maio de 2015. Entre outros, estão confirmadas as presenças de Christoph Theobald – Centre Sèvres – Facultés Jésumes de Paris; John O'Malley – Georgetown University – EUA; Gilles Routhier – Université Laval – Canadá e Massimo Faggioli – University of St. Thomas – EUA.

Mais informações podem ser acessadas em <http://bit.ly/1u1bwLQ>.

Ilustração e metaética em Dogville de Lars Von Trier

Cadernos IHU em sua 50ª edição publica Ilustração e metaética em Dogville, de Lars Von Trier, sob autoria de Pedro Marques Harres, cineasta e filósofo. O presente artigo tem como objetivo realizar uma reflexão filosófica sobre o filme Dogville (2003), de Lars von Trier, e se insere numa corrente contemporânea da filosofia analítica que

considera alguns filmes capazes de filosofar em seus próprios termos.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Para ler na íntegra acesse <http://bit.ly/1x7iWPE>.



twitter.com/_ihu



bit.ly/ihuon



youtube.com/ihucomunica